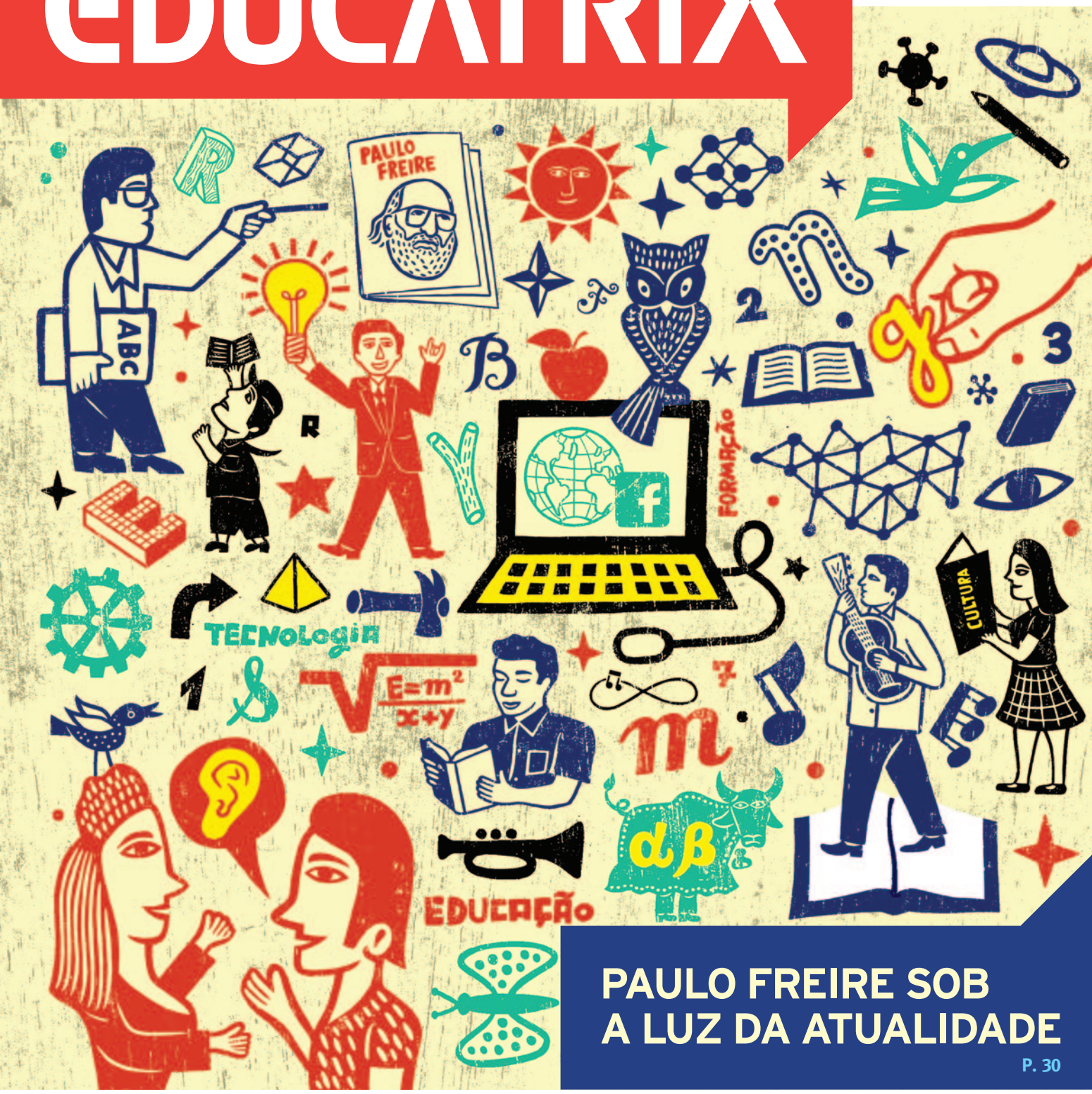
A REVISTA QUE PENSA A EDUCAÇÃO

EDUCATRIX

ANO 4 • Nº 6 • 2014

MODERNA



PAULO FREIRE SOB A LUZ DA ATUALIDADE

P. 30

PANORAMA

A **EDUCAÇÃO PROFISSIONAL** E OS CAMINHOS DO ENSINO MÉDIO

P. 22

POR DENTRO

VIOLÊNCIA ENTRE OS MUROS DA ESCOLA

P. 56

GESTÃO ESCOLAR

POR UMA ESCOLA SEM PRECONCEITO

P. 72

ESPECIAL

A **FORMAÇÃO E OS DESAFIOS** DO PROFESSOR BRASILEIRO

P. 106

Professor,

Unindo sua **experiência** em ensinar com as **inovações** do mundo, o nosso **compromisso** com a educação fica muito **mais forte**

Vivemos um momento único no qual as **NOVAS TECNOLOGIAS** estão cada vez mais presentes no dia a dia. Nesse cenário, torna-se fundamental explorar outras possibilidades em sala de aula, reforçando seu **PAPEL TRANSFORMADOR** para expandir as perspectivas e acompanhar as realizações dos alunos.

Por isso, nós da Editora Moderna queremos estar ao seu lado desenvolvendo materiais didáticos e serviços educacionais para diferentes perfis de aprendizagem e variadas formas de ensinar, que **CONECTAM CONTEÚDO E TECNOLOGIA NA MEDIDA CERTA** para acompanhar sua trajetória a favor de uma **EDUCAÇÃO DE QUALIDADE** para o Brasil.

MKT • MODERNA

PNLD 2015
#eusouensinomédio

Materiais Didáticos

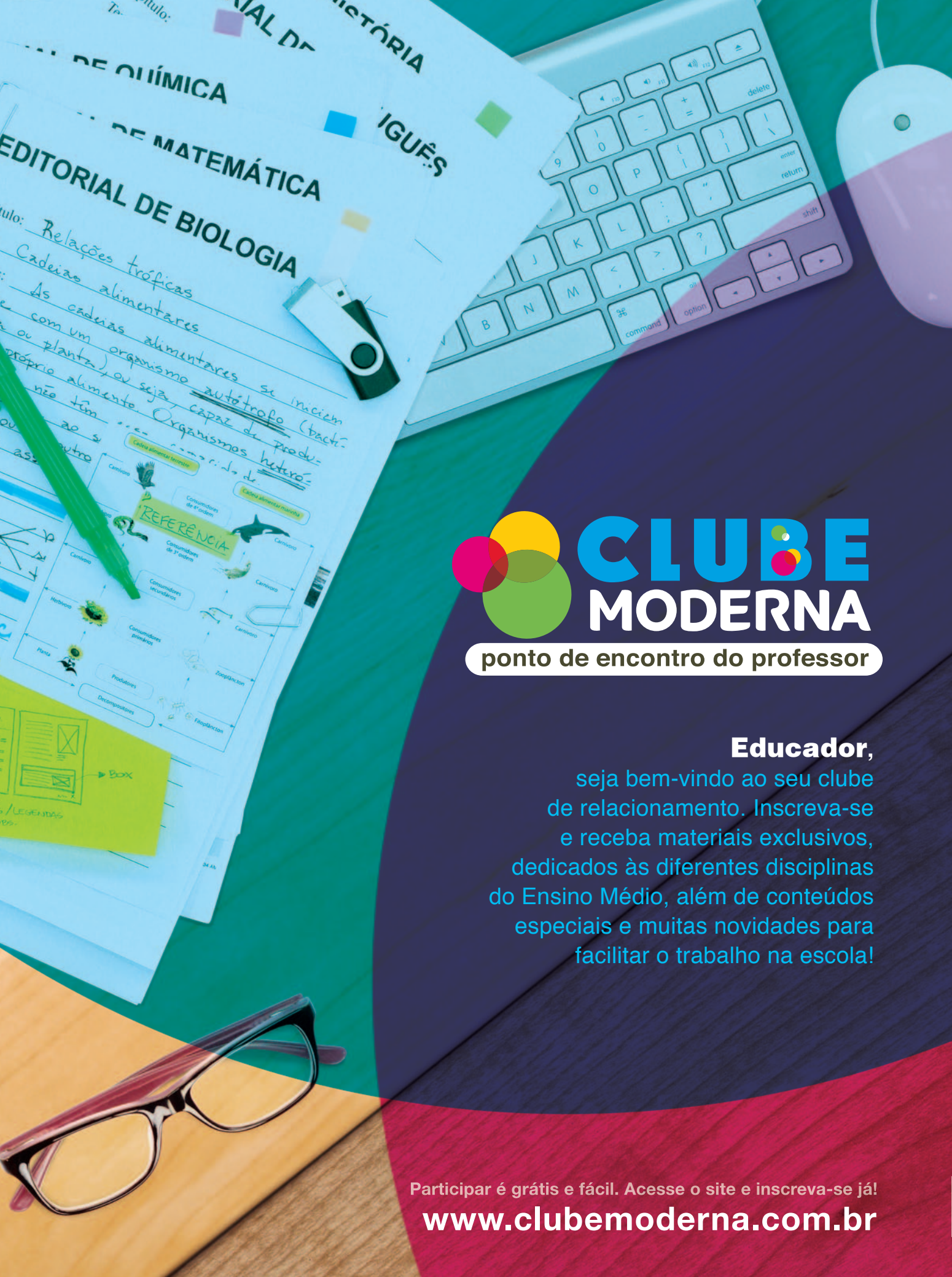
Tecnologias Educacionais

Serviços Pedagógicos

Relacionamento com o Educador

Conheça nossas obras aprovadas
e folheie os livros digitais no site:
www.moderna.com.br/pnld

Moderna



CLUBE MODERNA

ponto de encontro do professor

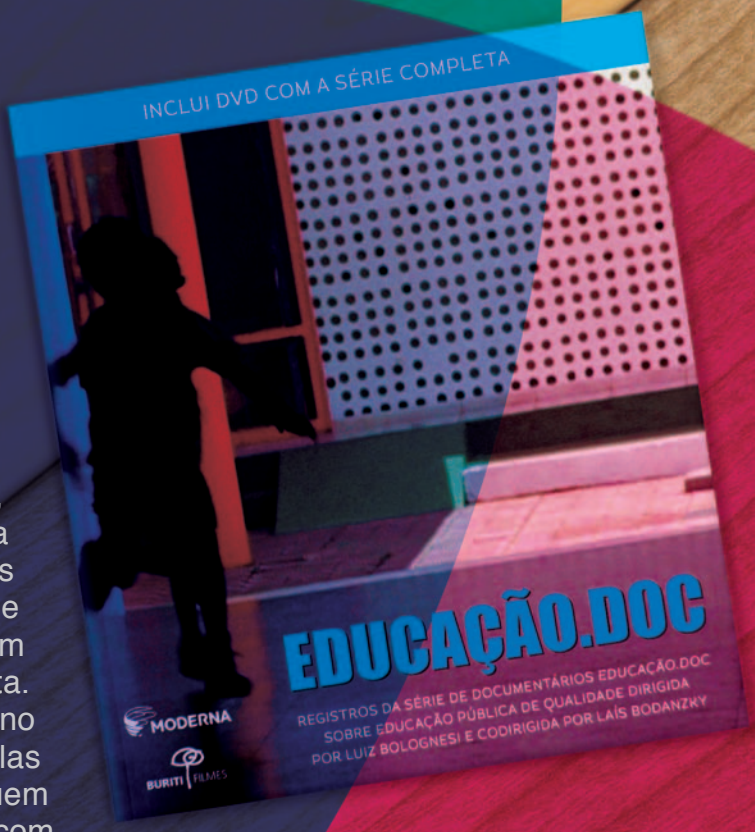
Educador,
seja bem-vindo ao seu clube de relacionamento. Inscreva-se e receba materiais exclusivos, dedicados às diferentes disciplinas do Ensino Médio, além de conteúdos especiais e muitas novidades para facilitar o trabalho na escola!

Participar é grátis e fácil. Acesse o site e inscreva-se já!

www.clubemoderna.com.br

É possível termos uma escola pública de qualidade no Brasil?

Na série **Educação.doc**, exibida no Fantástico e na GloboNews, os cineastas Luiz Bolognesi e Laís Bodanzky tentam responder a essa pergunta. Para isso, mergulham no cotidiano de oito escolas públicas que conseguem oferecer um ensino com padrões de primeiro mundo, mesmo estando em áreas pobres.



Ao aderir ao Clube, você recebe gratuitamente a versão digital do livro comemorativo da série **Educação.doc**.

MKT • MODERNA

Receba também a versão digital do livro "*Reestruturação do Ensino Médio*".

Moderna

CARTA AO LEITOR

ACIMA DE TUDO, O PROFESSOR

Entrar em uma sala de aula com um professor de Ensino Médio é partilhar de um pedacinho de mundo particular, onde podem ser encontradas histórias singulares de educadores e adolescentes, algumas inspiradoras, outras alarmantes, assim como necessidades específicas e gerais de toda escola, vestígios de uma sociedade que nem sempre está afeita à urgência da educação. Um mundo de descobertas e inovações, mas que muitas vezes sufoca a diversidade, a participação e gera insatisfação e desmotivação, tanto entre professores quanto entre alunos.

Diante desse cenário tão complexo, nós da Editora Moderna optamos por desenvolver uma edição dedicada ao universo delicado do Ensino Médio e, para isso, escolhemos nada mais nada menos que nosso patrono da educação. Foram os ideais de Paulo Freire que nos nortearam a refletir e desenhar a pauta desta edição. Palavras como colaboração, diálogo, participação, mediação e tecnologia ganharam uma nova dimensão quando puderam ser interpretadas à luz do legado de Paulo Freire.

A partir disso, dois dos temas mais emergentes que consideramos essenciais para este número são a proposta de reestruturação do Ensino Médio, com base nas quatro grandes áreas do conhecimento do Enem, e não mais a partir das 13 disciplinas obrigatórias; e a necessidade de inserção de tecnologias móveis nas salas de aula, permitindo ao professor personalizar cada vez mais a forma de apresentar os conteúdos. Entretanto, mais do que abordar tais temas, procuramos especialistas para entender como realizar essas mudanças se nenhum professor hoje tem formação específica em nenhuma das grandes áreas do Enem. Será que o currículo do Ensino Médio está dilatado e distante da realidade dos alunos ou será que os problemas sociais se escondem por trás disto nas reportagens dos jornais?

Um dos caminhos mais promissores para alavancar novos rumos para os anos finais da educação básica tem sido o ensino profissionalizante. Por isso, trouxemos uma matéria exclusiva sobre o tema, com um panorama do assunto, visões de pesquisadores e exemplos de projetos bem-sucedidos pelo Brasil.

Mas sabemos que existe uma série de questões que são muito anteriores a esse tipo de debate e que ainda persistem na realidade da escola pública, mas que nós, como parceiros do professor, não podemos deixar de lado. Pensando nisso, nos vimos com a responsabilidade de tocar em certos assuntos delicados no ambiente escolar, como a violência e a discriminação sob todas as suas formas. Abordamos também um tema polêmico, o ensino religioso e seu papel na formação dos indivíduos. Acreditamos que, polêmicas à parte, é preciso levantar o máximo de informações para cada educador ter argumentos suficientes para arquitetar suas próprias opiniões e posicionamentos.

Além disso, trouxemos algumas tendências que podem dar novas perspectivas para o ambiente estudantil, estimulando abordagens interdisciplinares, como a educação fiscal, a agenda cultural e o teatro pedagógico.

Confessamos que uma das nossas matérias favoritas é a que questiona: há espaço para a arte contemporânea na escola? Depositamos grande expectativa nas artes como transformadoras sociais, geradoras de engajamento e motivação e que muito têm a acrescentar para a instituição escolar e a formação dos jovens.

Por fim, reservamos uma matéria especial que a princípio não estava planejada, mas que ao dar vida à edição, consideramos fundamental. Ela traz à tona alguns dos desafios do educador em sua trajetória na rede pública de ensino para que cada um se sinta refletido em nossas páginas e perceba que, por mais que existam caminhos tortuosos a serem percorridos, essa jornada poderá dar voz a uma imensidão de jovens na sociedade brasileira.

Boa leitura.
Equipe ***Educatrix***

SAIBA +
DECIFRANDO A 4DØL3SC3NC14
P. 8

P. 15 CONEXÃO

P. 22 PANORAMA

P. 30 NA TELA

P. 46 PENSAMENTO ACADÊMICO

P. 56 POR DENTRO

P. 60 PLENOS SABERES

P. 64 LINHA DE RACIOCÍNIO

P. 92 FOCO

PLANO DE AULA
TEATRO: O ESPETÁCULO DO APRENDIZADO
P. 80

EDUCATRIX
A REVISTA QUE PENSA A EDUCAÇÃO

SUMÁRIO

FIO DA MEADA
FORMULAR PROBLEMAS E ARTICULAR SOLUÇÕES
P. 10

RETRATO
SOU PROFESSORA E MEU SOBRENOME É SUPERAÇÃO!
P. 12

CARTAS
P. 14

PERSPECTIVAS
AGENDA CULTURAL NA ESCOLA: INVENÇÃO E TRADUÇÃO DE REALIDADES
P. 40

GESTÃO ESCOLAR
POR UMA ESCOLA SEM PRECONCEITO
P. 72

O ENEM E O FUTURO DO ENSINO MÉDIO

A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E OS CAMINHOS DO ENSINO MÉDIO

PAULO FREIRE SOB A LUZ DA ATUALIDADE

O DESAFIO DA INSERÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA PÚBLICA

VIOLÊNCIA ENTRE OS MUROS DA ESCOLA

A POLÊMICA DO ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL

UM PANORAMA DAS GUERRAS NA ATUALIDADE

AS QUESTÕES DE LÍNGUA ESPANHOLA NO ENEM

TENDÊNCIAS
EDUCAÇÃO FISCAL: DE ESPECTADOR A TRANSFORMADOR DA REALIDADE
P. 88

CIDADANIA
A ARTE CONTEMPORÂNEA CABE NA ESCOLA?
P. 98

ESPECIAL
A FORMAÇÃO E OS DESAFIOS DO PROFESSOR BRASILEIRO
P. 106

FAVORITOS
LEITURA, INSPIRAÇÃO E DIVERSÃO
P. 112

TRAJETÓRIA
PESTALOZZI, EDUCADOR DA HUMANIDADE
P. 114

DECIFRANDO A 4DØL3SC3NC14

Por IVAN AGUIRRA

TODO PROFESSOR SABE QUE EMBARCAR NO MUNDO DE UM ADOLESCENTE REQUER PACIÊNCIA E PERSISTÊNCIA, MAS ANTES DE TUDO É PRECISO QUERER ENTENDER ESSE PERÍODO, ALTERNANDO VISÕES GENERALISTAS E SINGULARES.

Antigas gravuras chamadas de *Degraus da vida*, muito comuns nos séculos 18 e 19, representavam as várias idades do homem. Cada dez anos equivaliam a um período na vida de uma pessoa e, para designar o espaço entre 10 e 20 anos, a palavra adolescência era a mais utilizada. Significava aquele período de transição entre a vida da criança (que já começara a ser vista com características próprias, e não mais como um miniadulto, assim retratado na Idade Média) e a vida adulta. Embora a palavra já estivesse em uso, desde a época romana, significava apenas o crescimento ou o aumento em direção a algo. Até a época moderna, o "adolescente" não existia. É claro que existiam meninos e meninas dessa faixa etária! Mas é preciso lembrar que a própria ideia de contar os anos não era tão comum, e muitas vezes a criança – e o adulto! – nem tinha noção da sua própria idade.

Com a crescente distinção entre o mundo infantil e o mundo adulto, foi surgindo lentamente um universo intermediário, que não era uma coisa nem outra. Jovens passaram a ganhar lugar de destaque, e o conceito de adolescência foi se consolidando. Atualmente, a Organização Mundial da Saúde considera adolescência o período dos 10 aos 19 anos (até os 14, chama-se pré-adolescência). A ONU utiliza a palavra *juventude* para designar, de modo mais amplo, a época que vai dos 15 aos 24 anos. Muitos estudiosos debatem acerca do que caracteriza este período e quais são os traços principais que o distinguem. Tão controversa quanto a adolescência são os estudos sobre ela.

Muitos médicos especialistas, chamados hebiatras, reconhecem que a sociedade de consumo está tornando as crianças adultos em miniatura. Ou seja, afirmam que o período da adolescência, a longo prazo, pode acabar. Um dado interessante é que a primeira menstruação, no século 18, ocorria em média aos 15 anos, enquanto hoje acontece em torno dos 12. Dados importantes mostram que muitas adolescentes de famílias pobres tornam-se mães por vontade própria, para assumir um novo papel no seu meio socioeconômico.

Outra vertente de estudo contempla uma adolescência estendida, por conta da melhoria na relação entre pais e filhos, o maior período de permanência na escola e a entrada no mercado de tra-

balho cada vez mais tarde. Isso ocasiona a falta de responsabilidades, que se prolonga para além dos 30 anos de forma significativa na sociedade ocidental.

O que ganha um certo consenso é que se trata do período que marca a formação da identidade, a consolidação da personalidade e da sexualidade. Por isso, é um período cheio de conflitos pessoais, com a família e a sociedade em geral, como vimos nas recentes manifestações pelo país, com jovens em busca de mudanças sociais e novas perspectivas. É fato que, entre o fim e o prolongamento da adolescência, as emoções que caracterizam esse período irão sempre existir!

No mundo escolar, os adolescentes preenchem as carteiras do Ensino Médio. Ao ingressar nos últimos anos da educação básica, a situação vai tornando-se mais delicada, especialmente porque as questões em relação à vida adulta se fazem mais presentes, os hormônios vão "moldando o corpo" e deixando um turbilhão de emoções e sentimentos à flor da pele. É também uma época de maior contestação do mundo adulto e da própria escola. O que podem fazer os professores? As melhores dicas que todo professor que conquistou a admiração de seus alunos dá é tentar reduzir a distância entre os dois mundos e dar voz a esse adolescente, que muitas vezes não reconhece seu espaço no ambiente escolar, ocasionando altos índices de evasão e violência. O professor precisa buscar sempre a construção de um diálogo de dois protagonistas, não apenas de alguém que fala e de uma classe inteira que escuta. x

EDUCATRIX
ANO 4 • Nº 6
1º SEMESTRE - 2014

Conselho editorial:
Ângelo Xavier
Ivan Aguirra Izar
Patricia Rodolfo
Solange Petrosino
Sônia Cunha de Souza Danelli

Coordenação editorial:
Ivan Aguirra Izar

Produção de textos:
Cauê Cardoso Polla
Cristina Agostini
Lara Silbiger
Paulo de Camargo

Articulistas:
Audrey Hojda
Daniela Sayuri Kawamoto Kanashiro
Gretel Eres Fernández
José Moran
Nelson Bacic Olic

Projeto gráfico e diagramação:
APIS design integrado

Pesquisa iconográfica:
Alexandre Alves
Ivan Aguirra Izar

Capa:
Flavio Morais

Ilustradores:
Alexandre Matos
Carlos Araujo
Gabriel Manussakis
Luciano Tasso
Marcus Penna
Ricardo Davino

Redes sociais:
Kátia Dutra

Colaboradores:
Daniel Brito
Eduardo Santana
Lauci Cavalett

Leia a versão digital em:
www.moderna.com.br/educatrix

MODERNA

Editora Moderna Ltda.
Rua Padre Adelino, 758
São Paulo/SP – CEP 03303-904

Educatrix é uma publicação especial da Editora Moderna com a proposta de pensar a educação.
Distribuição gratuita na internet e nas instituições educacionais por meio da rede de Consultores Moderna.

Contato:
educatrix@moderna.com.br
0800 17 2002

Tiragem: 50 mil exemplares

Direitos reservados.
É proibida a reprodução total ou parcial de textos e imagens sem prévia autorização.

FORMULAR PROBLEMAS E ARTICULAR SOLUÇÕES

No cotidiano, os alunos se deparam todos os dias com situações inesperadas. Quando o professor traz para a aula esses desafios, o aprendizado se torna mais empático e motivador.

Por **CRISTINA AGOSTINI**

No clássico texto *A República*, de Platão, do século IV a.C., encontramos a seguinte passagem: "Ah! Será tratando de problemas também, como na geometria, que iremos estudar a astronomia". A concepção de que a resolução de problemas não deve ficar restrita apenas ao campo da matemática, mas que deve ser estendida a outros domínios do saber, mostra-se cada vez mais atual para a escola de nossos dias. É possível perceber que tanto a solução quanto a própria formulação de problemas poderá preparar os alunos, de modo prático, a se valerem dos ensinamentos escolares para a vida cotidiana. Aliás, como uma via de mão dupla, encontrando na escola uma proposta que abarque os problemas do dia a dia, os alunos vão se sentir representados e mais estimulados a compor com os professores e a comunidade uma rede de ampla aprendizagem formativa e crítica.

Mas, afinal, o que é um problema?

Em grego clássico, o substantivo *problēma* é o resultado do ato de *proballō*, verbo cujo significado consiste em lançar adiante, colocar algo diante de si, propor alguma coisa. Assim, o problema é aquilo que foi lançado, seja uma proposta ou tarefa e, ainda, seja como o objeto de controvérsia. Desse modo, poderíamos exemplificar a relação entre a ação (*proballō*) e seu resultado (*problēma*) por meio da imagem de um jogo que requeira o lançamento de dados, na medida em que os participantes só poderão adotar a estratégia mais adequada para suas finalidades após saberem quais números têm diante de si. Assim, o ato de lançar dados pode ser identificado a *proballō*, e a maneira segundo a qual os dados caem constitui precisamente o problema a ser resolvido por nós. Ora, em um jogo de tabuleiro, a escolha pela estratégia a ser encabeçada pelos jogadores dependerá da configuração dos dados. De modo análogo, é a partir dos problemas colocados que os professores poderão orientar os alunos sobre a postura mais adequada para aquele tipo de tarefa sem, contudo, invalidar outras possibilidades que possam ser mais convenientes para outros problemas. Assim como para cada lançamento de dados, novos planos de ação são requeridos, para cada problema colocado, novos conhecimentos são elaborados pelos alunos.

A articulação do pensamento é a chave para a compreensão dos problemas. Desse modo, quanto maior a preocupação do professor em se valer do instrumental de referências que os alunos possuem, maior é a probabilidade de que eles, de modo autônomo, resolvam o que lhes é proposto. Dessa forma, torna-se mais eficiente perceber, na interação entre questões cotidianas e aquelas provenientes da cultura escolar, a chave para a ampliação de seus interesses e de seu próprio aparato intelectual.

As questões da comunidade, sempre que possível, devem ser trazidas para a sala de aula a fim de servirem como apoio para que o professor reflita com os alunos os conteúdos das disciplinas. Com efeito, um fato bastante imediato da vida dos alunos, como o uso das redes sociais, poderá ser desdobrado em diferentes disciplinas. Por meio dos conteúdos de História, será possível pensar nas configurações e transformações das relações sociais ao longo dos períodos históricos; com os subsídios da Língua Portuguesa é possível desenvolver questionamentos acerca das diferentes linguagens do mundo atual, bem como os pré-requisitos necessários para que as opções linguísticas da escrita nos meios virtuais convivam com os registros da fala e escrita culta, requeridos para o mercado de trabalho. Além disso, noções de globalização, influência geopolítica e transferência de dados pessoais pela rede adquirem fundamento e substância quando *problematizados* em Geografia e Sociologia.

As experiências mais imediatas de alunos e professores são as fontes mais ricas e mais produtivas para a produção de um conhecimento colaborativo e fundamentado. Vamos lançar os dados? x

SOU PROFESSORA E MEU SOBRENOME É SUPERAÇÃO!

"ESTAVA NA SALA DE AULA, VENDO OS OLHOS DOS MEUS ALUNOS BRILHAREM DE SATISFAÇÃO AO SE DESCOBRIREM CAPAZES DE CRIAR, DE ENCENAR, APRENDENDO SEM MEDO DE ERRAR! ALI, EU ERA A MENINA DE OUTRORA, QUE VIA E SENTIA NAS LETRAS O ENCANTO E A MAGIA."

Vilma Elaine de Oliveira Ribeiro
Professora de Língua Portuguesa na Escola Estadual de Ensino Médio Santa Rosa – Porto Alegre/RS
Ganhadora do Concurso Cultural "Minha história na revista".

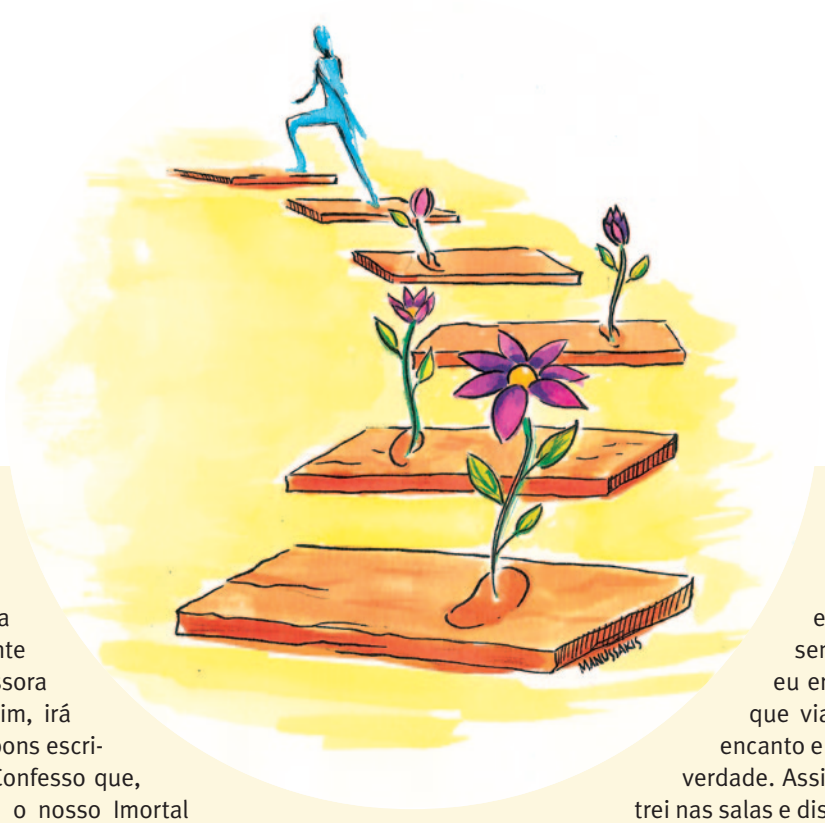
"Meu pai profetizou que eu seria escritora antes de ser professora, quando, aos cinco anos de idade, rabisquei um documento e escrevi a primeira palavra: *depois*. Cresci brincando de ser professora de minhas bonecas e criei meu lema: aprender sem medo de errar.

Estudei até a 5ª série na Escola Estadual de Ensino Médio Santa Rosa e parei de estudar, pois optei por me casar aos dezessete anos de idade. Tive dois filhos, razões da minha vida, mas meu casamento durou apenas sete anos. Criei meus filhos com dificuldades e passei vinte e nove anos com a frustração de não ter formação alguma. Meus filhos se casaram e eu resolvi retornar aos estudos. Fiz supletivo, hoje EJA, para concluir o Ensino Fundamental e cursei o Ensino Médio letivo na já referida escola. Sonhava prestar vestibular. Por ser a mais velha na turma, enfrentei preconceitos, mas nada disso me atingia. Em 2004, me formei e, para minha alegria, passei no vestibular do curso de Letras, na FAPA. Assim, iniciei minha trajetória em busca do meu sonho infantil.

Durante meus estudos na faculdade, ministrei aulas de Redação e Literatura em um cursinho pré-vestibular que visava ajudar pessoas carentes a ingressarem na universidade. Adquiri muita experiência na prática e obtive sucesso, pois muitos alunos conseguiram passar no vestibular. Isso me fortaleceu ainda mais e me fez acreditar que nasci para ser professora. Ler os textos dos meus alunos era e é fascinante. Consegui fazê-los escrever sem medo do constrangimento de errar! Mas minha mãe adoeceu e tive que reduzir as cadeiras na faculdade para me dedicar aos cuidados que ela necessitava.

Com o tempo, a doença da minha mãe se agravou e cheguei a pensar em trancar as cadeiras, mas meu atual marido não me permitiu parar. Fiz estágio no Sesi, onde era professora de infanto-juvenil, outra experiência que me enriqueceu muito. Desenvolvi muitos trabalhos, mas sempre focada na produção textual e gramática no texto. Estava cada dia mais fascinada pela rotina escolar e pelos desafios que se apresentavam.

Por gostar de escrever, tenho uma coletânea de contos. Certa vez, enviei um deles para um concurso. Para minha alegria, meu conto "Menino de Rua" recebeu o primeiro lugar no Primeiro Concurso Moacyr Scliar de Poesia e Prosa. Jamais vou esquecer as palavras que ouvi do Imortal quando recebi o prêmio. Após me entregar o certificado e colocar em meu pescoço a linda medalha, Scliar me disse: "Parabéns, Vilma! A prosa é maravilhosa e emocionante. Você conseguiu pren-



der minha atenção do início ao fim! Nunca deixes de escrever, pois você escreve com a alma! É muito importante que uma futura professora goste de escrever. Assim, irá formar bons leitores e bons escritores! Já sou teu fã!". Confesso que, meses depois, quando o nosso Imortal Moacyr Scliar fez sua passagem para a eternidade, chorei e prometi em pensamento que iria me dedicar a descobrir talentos. Minha mãe também partiu e meu marido, mais uma vez, me impediu de desistir de estudar.

Meses depois, ingressei no Estado e hoje sou professora de turmas do Ensino Politécnico na escola onde estudei. Finalmente estou com minhas turmas! Como não concebo a Língua Portuguesa sem a literatura e gosto de trabalhar a gramática no texto, trabalhei meu conto com as turmas de 1º ano, mas sem citar que eu era a autora. Fiz uma breve biografia e juntei as letras do meu nome, que formou o nome VEOR, que os alunos julgaram ser masculino.

A leitura oral do conto foi algo emocionante, pois os alunos leram as falas dos personagens e do narrador, e eu do personagem protagonista para enfatizar a fala urbana. Eles adoraram a história, que retrata a realidade que eles conhecem. Queriam conhecer o autor, fazer perguntas e ler mais obras "dele". O roteiro do trabalho contemplava as disciplinas de Arte, Filosofia, Religião, Literatura, Matemática e o trabalho de pesquisa, que sempre apliquei e julgo, sinceramente, ser o melhor caminho para o aprendizado.

Meus alunos não encontraram o autor do conto, nem outras obras "dele" na internet (claro que não encontrariam) e ficaram mais instigados. Escreveram cartinhas para que "ele" viesse até nossa escola, dar uma palestra e trazer suas obras. Isso me fazia chorar escondida. Fingi que iria entregar as cartinhas. Lindas! Relíquias! As apresentações me surpreenderam, pois, além delas, fizeram cartazes com ilustrações da história e também dramatizaram as cenas. Vivi momentos de emoção e não há palavras para descrevê-los. Eu me senti realizada na minha missão de professora e também na busca de talentos.

Não sou escritora, mas lembrei da profecia do meu pai. Estava na sala de aula, vendo os olhos dos meus alunos brilharem de satisfação ao se descobrirem capazes de criar, de encenar, de aprenderem sem medo de errar! Ali, eu era a menina de outrora, que via e sentia nas letras o encanto e magia. Mas era hora da verdade. Assim, no dia seguinte, entrei nas salas e disse: "Turma, tenho duas notícias para vocês, uma é boa e a outra é ruim. Qual querem ouvir primeiro?". A maioria votou na boa. Então, respondi: "A boa é que VEOR já está na escola!". Eles vibraram. "E a ruim, *sora*?", perguntaram. "A ruim vou escrever no quadro", respondi. Virei de costas, não queria que vissem minhas lágrimas. Escrevi com letras bem grandes as iniciais do meu nome e fui puxando setas e escrevendo o nome completo. Silêncio total na sala. Eu tremia, ao pensar na reação deles, ao mesmo tempo em que disse: "É, turma, VEOR sou eu!". Silêncio! Aplausos, gritos e risadas. Um aluno gritou: "Viu!? Viu só, eu disse! Eu sabia que era a *sora*!".

O mais importante nessa aula foi a alegria dos alunos lendo a história, e seu excelente retorno nos trabalhos. Para completar esse momento maravilhoso, minha orientadora esteve presente, registrando tudo e até liberando para autógrafos.

Assim, cheguei à minha tão sonhada formatura. Estava linda, mas uma parte de mim estava triste sem meus pais. Agora estou na Pós-Graduação, cursando Assessoria Linguística e Correção Textual, pois almejo o Mestrado e, se Deus me conceder mais uma graça, chegar ao Doutorado em Letras, bem como sonho publicar meus contos e fazer de meu "projeto nota dez" um livro didático.

Amo incondicionalmente o meu ofício e concebo o Universo das Letras como meu mundo encantado e fascinante! Nele se abre um gigantesco leque de possibilidades e surpresas para transmitirmos conteúdos, não apenas programáticos, mas aqueles que irão formar caráter, além de preparar e conduzir os alunos para os desafios da vida. Ser professora é estar em constante sintonia com a diversidade racial, social, religiosa, cultural e linguística, demonstrando que ler e escrever é e sempre será o caminho para o aprimoramento da identidade e a preservação da própria história, pois um povo sem memória é um povo sem história! x

CARTAS

Gostei muito da revista Educatrix da Editora Moderna. Ela tem a linguagem do nosso tempo: atrativa, colorida, divertida, flexível, sem perder a consistência teórica. Entendo que é uma excelente iniciativa e certamente contribuirá efetivamente com a formação continuada de professores e com as escolas que pretendem se atualizar e encontrar recursos que agreguem valor ao seu trabalho.

LUCY DURÓ, *SÃO PAULO / SP*

Edição anterior

Escreva para a EDUCATRIX:
educatrix@moderna.com.br
Cartas para:
Rua Padre Adelino, 758 — 2º andar
Belenzinho — CEP 03303-904
São Paulo — SP

Para meu trabalho com projetos a revista faz toda a diferença em sala de aula.
Os alunos aprendem a criar, planejar e realizar as atividades de uma forma clara, favorecendo e enriquecendo o processo de desenvolvimento da aprendizagem.

SÍLVIA GALHARDO WOLF, *INDAIATUBA / SP*

Uma revista de qualidade que leva os educadores a repensar a sua prática pedagógica e buscar alternativas para o desenvolvimento dos seus alunos.

ENEIDA GARCIA, *BAMBUÍ / MG*

Usei a reportagem "Conflitos de gerações na escola e o papel das novas tecnologias" nas reuniões pedagógicas da minha escola. O que diz a matéria é pura verdade... há muito tempo, o embate entre gerações deixou de ser pontuado pela diferença de idade e passou a se estreitar no fluxo de informações no tempo e no espaço. O diálogo e a colaboração são pontes que precisam ser bem construídas na escola.

JOSUEL FERREIRA, *MANAUS/AM*

Adorei ler a matéria de capa, que se chama "É tempo de rever o tempo da escola". Acho que vivemos cada vez mais deslocados da realidade do mundo, com uma estrutura rígida de sala de aula, que não contempla as inovações do mundo. Penso que a colaboração e as novas tecnologias serão o futuro de uma educação de qualidade.

FERNANDO DIAS DE SOUZA, *FEIRA DE SANTANA/BA*

Sempre que temos acesso a um instrumento o qual visa melhorar a educação nos deparamos com questionamentos sobre qual abordagem tem este material. Esta revista surpreende por trazer uma linguagem direta, objetiva e ao mesmo tempo com discussões aprofundadas sobre os temas citados. Parabéns.

VANIA JACIARA, *SALVADOR / BA*

Não pode faltar na minha estante. Uma ótima produção, parabéns a todos que fazem essa excelente publicação!

MARCIO DE LACERDA CARVALHO,
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE

O ENEM E O FUTURO DO ENSINO MÉDIO

Por **PAULO DE CAMARGO**

Em sua 16ª edição, o Exame Nacional do Ensino Médio se reinventou ao longo dos anos, mas não o bastante para superar uma crise de identidade: ele é hoje a melhor maneira de avaliar os alunos e as instituições de ensino?»

Quando o então ministro da Educação, Aloísio Mercadante, anunciou em 2013 estudos para reorganizar o currículo da etapa final da educação básica em torno das quatro grandes áreas que caracterizam o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) – Ciências da Natureza, Ciências Humanas, Linguagens e Matemática –, em vez das 13 disciplinas obrigatórias hoje existentes, acendeu um grande debate nas escolas. Afinal, como mudar o currículo se os docentes são formados e licenciados conforme as especialidades de origem? Como implantar projetos interdisciplinares se estes ainda não fazem parte da cultura escolar? Como definir o currículo a ser trabalhado se faltam diretrizes?

As medidas ainda não foram definidas, mas poucos duvidam que algo deva mudar diante da crise vivida pelo Ensino Médio brasileiro, que empacou no avanço do Ideb e convive com alarmantes índices de evasão e abandono. Da mesma forma, é provável que qualquer proposta seja influenciada por uma das iniciativas de maior repercussão social já feitas pelo MEC nessa área nos últimos 15 anos – o Enem.

O Enem foi criado em 1998, com o objetivo triplo de oferecer referências de autoavaliação para todos os cidadãos (por isso, qualquer pessoa pode realizar o exame), estruturar uma avaliação da educação básica de múltiplas finalidades, inclusive no mundo do trabalho, e, finalmente, ser uma alternativa ou complemento aos tradicionais métodos de seleção para o Ensino Médio.

Porém, o exame veio também para influenciar o currículo do Ensino Médio, até hoje refém do ímã dos grandes vestibulares. Embora existam parâmetros curriculares para esta etapa, o currículo efetivamente trabalhado nas escolas públicas e privadas é, em grande proporção, desenhado pelos programas dos maiores exames de seleção para o Ensino Superior.

Com autonomia para escolher seus processos seletivos, as universidades mais concorridas acabam ditando as regras do jogo. No caso da Fuvest, por exemplo, o elenco de conteúdos passíveis de serem cobrados no vestibular são definidos pelos institutos da universidade, muitas vezes com os olhos distantes dos problemas e dos objetivos mais globais do Ensino Médio. “Cada um só pensa nas necessidades de seu próprio departamento e colabora para inchar o currículo do Ensino Médio”, diz o matemático Alexandre Antonello, mestre em educação pela Faculdade de Educação da USP.

Em sua dissertação de mestrado, em 2013, Antonello pesquisou as diferenças entre os documentos oficiais do Ensino Médio e os conteúdos pedidos nos principais vestibulares ao longo dos últimos anos, e constatou a profunda influência do programa da universidade no conteúdo trabalhado em sala. “Muitos tópicos pedidos nos exames não constam nos documentos oficiais, como os parâmetros curriculares”, afirma.

Por isso, a seu ver, o Enem foi uma contribuição real para a educação. “O Enem, de fato, influenciou positivamente o Ensino Médio ao longo desse tempo”, analisa Antonello. Para o pesquisador, entre os grandes legados do modelo de avaliação do Enem está a ênfase na interpretação e contextualização das informações, presentes em todas as provas, não apenas em Português. Na sua visão, a prova também valoriza os conhecimentos construídos ao longo de toda a escolaridade, e não apenas trabalhados no Ensino Médio. “Metade da prova de Matemática do último ano, por exemplo, são conteúdos de Ensino Fundamental II”, exemplifica.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

O Enem trouxe para o cotidiano pedagógico das escolas diversos conceitos inovadores, como matrizes de competências e habilidades, e mostrou a importância de procedimentos matemáticos sofisticados como o originado da TRI, que permite a comparação entre os resultados ao longo dos anos. Mas o mais importante foi desviar o rumo de um Ensino Médio excessivamente calcado no domínio de conteúdo. Com as provas do Enem, mais do que conhecer detalhes do currículo, como nomes

A MÍSTICA DA TRI

A Teoria de Resposta ao Item se tornou uma palavra mágica para todos os exames. Trata-se de um procedimento estatístico de alta complexidade e de difícil explicação.

A TRI é uma modelagem matemática criada nos anos 1950 para mensurar características que não podem ser medidas diretamente por meio de instrumentos físicos apropriados.

A medida indireta é feita com base em respostas apresentadas a um conjunto de itens, elaborados de modo a formar um instrumento de medida que possa permitir sua quantificação.

Segundo explica a pesquisadora Ana Paula Corti, da Faculdade de Educação da USP, em artigo publicado na Revista Avaliação Educacional, em 2013, a TRI consiste num modelo matemático que atribui importância a cada item, e não à soma dos acertos. "Para cada item é construído um modelo representado por três parâmetros: a discriminação (que ajuda a diferenciar a habilidade dos alunos), o grau de dificuldade e o acerto casual. Cada item é pré-testado e gera um padrão de comportamento de resposta ao item. Por isso se diz que o modelo é 'antichute', pois demonstra quando o aluno 'chutou' a questão, já que todos os itens possuem uma discriminação de dificuldade, de forma que se espera que o aluno que acertou os itens difíceis tenha acertado os itens fáceis".

das capitais e afluentes de rios, tornou-se importante ler jornais, discutir problemas da atualidade, contextualizar análises, saber equacionar problemas, interpretar textos, correlacionar informações de áreas e ler gráficos e tabelas, entre outros, radicalizando um caminho que alguns vestibulares já vinham tentando adotar.

Por isso, o Enem encontrou um caminho próprio, especialmente na sua primeira década de existência, e transformou-se em sucesso de mídia, passando a frequentar as páginas dos jornais. Não por acaso, o exame teve uma recepção surpreendente pela sociedade: o total de inscritos passou de 116 mil, em 1998, para 7,1 milhões, em 2013.

Parte desse sucesso representa uma distorção, na visão de muitos especialistas. Para a doutoranda em Educação, Ana Paula Corti, o fenômeno midiático do Enem se apoia em falsas premissas – por exemplo, a de que o exame serve para avaliar instituições de ensino. Em artigo publicado recentemente na revista Avaliação Educacional, da Fundação Carlos Chagas, a pesquisadora mostra que o Enem é uma avaliação de jovens e adultos, e não apenas dos concluintes de Ensino Médio, o que diminui seu papel como espelho do que ocorre na educação básica. Ao longo do tempo, as proporções se inverteram e, hoje, o número de concluintes de Ensino Médio que fazem o exame é bem menor do que o dos que finalizaram a educação básica há mais tempo e têm entre 18 e 35 anos.

Para o economista Ernesto Farias, da Fundação Lemann, é preciso levar em conta que o exame é voluntário e apenas isso bastaria para desqualificar o Enem como uma avaliação de instituições de ensino. "É importante olhar também para quem não faz o Enem, um enorme contingente de alunos que já se consideram sem possibilidades e não realizam a prova", diz o pesquisador. Sempre é bom notar que 12% dos alunos do Ensino Médio são reprovados, em média.

Isso não tira, contudo, o papel referenciador que o exame vem tendo para o sistema, especialmente a partir das inovações introduzidas no final da década de 2000. "O Enem está concebido para avaliar o aluno exatamente naquele mínimo de qualidade desejada para os grandes componentes curriculares e suas tecnologias, avaliando as competências e habilidades cognitivas necessárias para o mundo moderno", defende o pesquisador Tufi de Souza, da Universidade Federal de Minas Gerais. »

RENOVAÇÃO DO ENEM

O Enem vem passando por evoluções importantes desde sua criação. A primeira delas foi justamente a adoção da divisão em quatro grandes áreas do conhecimento, em 2009 – Linguagens, códigos e suas tecnologias; Ciências humanas e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; e Ciências da Natureza e suas tecnologias –, cada uma delas com uma matriz de habilidades, além das cinco competências gerais definidas pelo exame (ver box na página 20).

Com isso, o Ministério da Educação começava a sinalizar para uma reorientação curricular. O Ensino Médio brasileiro é reconhecidamente propedêutico. Muitas escolas chegam a ter quase 20 disciplinas, entre as regulares e as optativas. Com isso, perderam lugar nos programas de ensino espaços de reflexão, artes, produção dos alunos, pesquisas.

A proposta do MEC assustou a rede e tem poucas chances de ser implantada de forma radical, mas deixou uma mensagem. Ainda que as disciplinas não sejam abolidas, é importante que as escolas aprendam a trabalhar de forma interdisciplinar, em projetos temáticos que possibilitem o trânsito entre diferentes áreas a partir de uma visão mais integral do conhecimento e se liguem às preocupações reais dos jovens.

"OS DOCENTES DEVEM SER PROFESSORES DE GENTE, NÃO DE DISCIPLINAS."

Sufocado, o currículo do Ensino Médio hoje está afastado da realidade de vida dos jovens, que não se reconhecem no que aprendem. “Faltam espaços de autoria, de protagonismo, de projetos, de interdisciplinaridade”, diz o físico Luiz Carlos de Menezes, consultor do projeto da Unesco “Ensino Médio Curricular”, que propõe uma alternativa programática para esta etapa. O projeto vem inspirando mudanças no Ensino Médio em diversas redes, com foco em competências necessárias ao mundo do trabalho e na interdisciplinaridade (acesse unesdoc.unesco.org/images/0019/001922/192271por.pdf). Na proposta, é possível encontrar diferentes sugestões de abordagem que permitem ao corpo docente trabalhar de forma integrada e interdisciplinar.

As escolas vêm experimentando diferentes estratégias para isso: aulas integradas, com professores de diferentes disciplinas na mesma sala de aula, ou a escolha de temas tratados simultaneamente pelos docentes, em suas respectivas disciplinas.

“Hoje, dizemos que os bons professores de Ensino Médio precisam dominar o conteúdo específico de sua disciplina, mas não podem abrir mão de uma boa cultura geral, que o permitam transitar por diferentes áreas do conhecimento”, diz Antonello. »

“FALTAM ESPAÇOS DE AUTORIA, DE PROTAGONISMO, DE PROJETOS, DE INTERDISCIPLINARIDADE.”

MATRIZ DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

Os conceitos de competências e habilidades são centrais para se compreender o Enem. Em síntese, competências são conhecimentos em ação, ou seja, mobilizados para a compreensão de problemas reais.
Segundo o documento-base do Enem, competências são ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer. Já as habilidades decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do "saber fazer".
Segundo Nilson Machado, que participou da equipe de formulação do Enem, as competências essenciais foram construídas a partir de estudos e entrevistas com grupos de professores. Cada competência se multiplica em diferentes habilidades, todas descritas na matriz do Enem, que se tornou uma importante referência para o planejamento do trabalho pedagógico do Ensino Médio.
Na sua atual versão, o Enem adota 5 eixos cognitivos principais, que valem para todas as áreas do conhecimento: o domínio da língua portuguesa (bem como dos códigos da linguagem matemática, científica, artística e de uma língua estrangeira), a compreensão de fenômenos, o enfrentamento de situações-problema, a construção de argumentação e a elaboração de propostas solidárias de intervenção na sociedade.

A cada um dos eixos corresponde um conjunto de 120 habilidades descritas na matriz, ou 30 por grande área. Na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, a primeira refere-se, por exemplo, a "Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação".
Para os professores, vale a pena também ler o anexo à Matriz do Enem, que define os objetivos de conhecimento associado a cada área e disciplina. No campo das linguagens, o exame estabelece como um dos objetivos "o estudo do texto: as sequências discursivas e os gêneros textuais no sistema de comunicação e informação – modos de organização da composição textual; atividades de produção escrita e de leitura de textos gerados nas diferentes esferas sociais – públicas e privadas".

O documento completo pode ser encontrado no link:
portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=310+enen.br

O importante é buscar aproximar as perspectivas de cada área e não trabalhá-las isoladamente. Para o pesquisador Nilson Machado, o conceito de competência necessariamente inclui a dimensão da crítica à excessiva fragmentação disciplinar. "Os docentes devem ser professores de gente, não de disciplinas", diz.

ENEM COMO EXAME DE SELEÇÃO

A partir de 2012, o Enem deu mais um passo na sua trajetória de influência nos rumos do Ensino Médio. Tornou-se assumidamente um mecanismo de acesso ao Ensino Superior, ganhando contornos de um exame nacional de seleção, ao molde de outros que existem no mundo. Esse processo veio com o estímulo às universidades federais, entre outras, para que aderissem ao Sistema de Seleção Unificado (Sisu).

Inicialmente resistentes, as instituições estabeleceram sistemas de cotas e pesos para uso da nota do Enem. Depois, porém, houve uma adesão maciça. Hoje, cerca de 500 mil vagas são ofertadas pelo Sisu. Continuam fora do sistema grandes instituições estaduais, especialmente as paulistas, que, no entanto, começam a abrir espaço para considerarem a nota do Enem.

Com isso, porém, o exame anteriormente caracterizado pelo seu foco nas competências, passou também a exigir um conjunto maior de conteúdos. "Na última prova, por exemplo, pela primeira vez foi cobrado conhecimento de logaritmo, na prova de Matemática", analisa Antonello.

Para Tufi Machado Soares, da UFMG, a utilização do Enem como um teste de seleção para as universidades teve duas importantes implicações. "A primeira é que padroniza os conteúdos exigidos para as diferentes universidades, democratizando-se o processo de entrada. A segunda é que, a partir dele, cada aluno e escola tem uma referência curricular mínima para se organizar", explica.

Soares tem viajado pelo Brasil justamente para trabalhar com colégios sobre a reorganização do currículo e da avaliação a partir da matriz do Enem. Para ele, as escolas estão sensibilizadas, mas ainda longe de estar preparadas para a mudança de foco. Na sua perspectiva, trata-se de uma transformação que deve envolver toda a educação básica e contaminar também as próprias formas de avaliação das escolas. "Mudar as formas de avaliação é um indutor dessa transformação", acredita Couto, diretor do Colégio Magnum Agostiniano, de Belo Horizonte, 14º colocado na classificação nacional do Enem 2013. Por isso, recomenda, além de conhecer e estudar a matriz do Enem, que os professores devam se preocupar também em trazer os novos conceitos para suas próprias formas de avaliação, que devem olhar para o desenvolvimento global das principais competências e habilidades, não apenas para o conteúdo.

Nas escolas, especialmente na rede particular, a definição do Enem como forma de acesso ao Ensino Superior vem gerando uma corrida para preparar o aluno. As escolas investem na análise das provas, na formação dos professores, em cursos de atualidades, no desenvolvimento de propostas mais consistentes de produção de texto e, claro, na formação de professores, mas principalmente na reorientação do currículo para o foco do exame. Tudo para melhorar o desempenho dos seus alunos nesse exame, que requer o acompanhamento do que se passa nesse mundo real complexo, que precisa ser interpretado e reinterpretado crítica e continuamente. Essa é uma boa notícia. x

> "HOJE, DIZEMOS QUE OS BONS PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO PRECISAM DOMINAR O CONTEÚDO ESPECÍFICO DE SUA DISCIPLINA, MAS NÃO PODEM ABRIR MÃO DE UMA BOA CULTURA GERAL, QUE O PERMITAM TRANSITAR POR DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO."

A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E OS CAMINHOS DO ENSINO MÉDIO

A pouca preocupação das escolas em preparar alunos para o mercado de trabalho, associada à baixa oferta de cursos técnicos, alerta: é hora de se rever o papel do Ensino Médio.

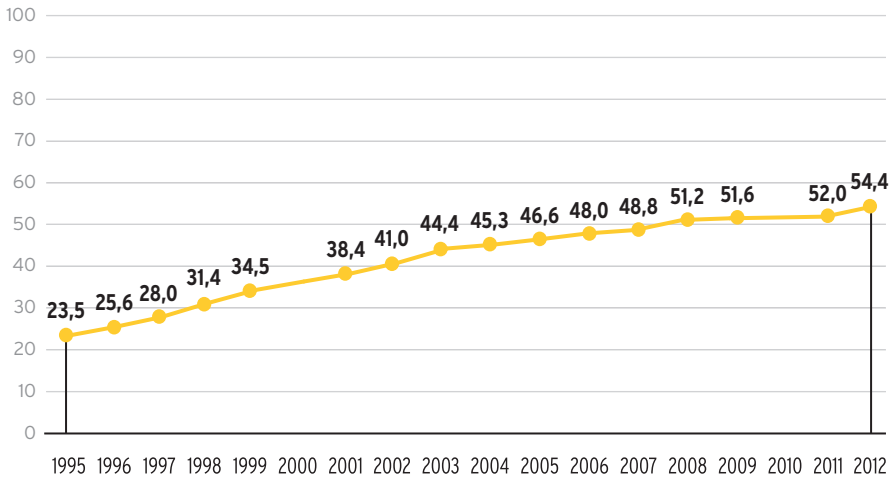
Por **PAULO DE CAMARGO**

O Ensino Médio vive uma crise de identidade, que se expressa em números eloquentes. Dados de 2012 mostram que 54,4% dos jovens de 15 a 17 anos estão matriculados no Ensino Médio.

Parte desse déficit se deve à evasão e ao abandono. Perto de um milhão de jovens brasileiros deixam a escola bem perto de concluir a educação básica.

Desconectado da vida real dos alunos, o Ensino Médio não se mostra uma alternativa de futuro para os jovens, principalmente entre aqueles que não desejam ou não se consideram em condições de buscar um diploma de nível superior. Por isso, entre os caminhos que vêm sendo trilhados para reposicionar esta etapa do ensino está a aproximação entre a escola e o mundo do trabalho. Vêm crescendo em todo o país iniciativas que promovem mudanças importantes no modelo de ensino secundário, seja explicitamente integrando-o aos modelos profissionalizantes, seja criando estratégias de aproximação. Apenas entre 2007 e 2012, a participação da educação profissional no total de matrículas do Ensino Médio quase dobrou. »

TAXA LÍQUIDA DE MATRÍCULA NO ENSINO MÉDIO - BRASIL - 1995-2012 (%)



Fonte: IBGE/Pnad – Elaboração: Todos Pela Educação.
Notas: A série exclui as matrículas em Educação de Jovens e Adultos, objeto de outra meta do PNE.
As estimativas levam em consideração a idade em anos completos em 30 de junho, ou idade escolar.
A partir de 2004, a área rural da região Norte foi incorporada no plano amostral da Pnad. Assim, até 2003, os dados da região Norte são referentes apenas à área urbana. A partir de 2004, os valores apresentados são representativos das áreas urbana e rural do Norte.
Foram utilizados os microdados reponderados da Pnad 2001-2009.

Contudo, há espaço para crescimento. Segundo o "Anuário Brasileiro da Educação Básica 2014", editado pelo Movimento Todos pela Educação e pela Editora Moderna, 1.362.200 alunos estavam matriculados na Educação Profissional em 2012, sendo que 46,4% deles se encontravam em instituições privadas, e 53,6% na rede pública.

"Há, portanto, a necessidade de expansão da oferta de cursos profissionais e técnicos de nível médio, ainda pouco expressivos no país. No Brasil, tal modalidade responde por apenas 16% das matrículas, contra 56% na Finlândia, 52% na Alemanha, 44% na Espanha e na França e 37% no Chile", constata o documento.

O Plano Nacional de Educação estabelece metas ousadas: a meta 11 explicita o objetivo de "triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos 50% da expansão no segmento público".

A qualificação de jovens para o mundo do trabalho é um desafio que está ligado às próprias possibilidades de desenvolvimento econômico brasileiro. O Ensino Médio se tornou um gargalo que conduz a uma única porta de saída: o Ensino Superior, como se todos os jovens estivessem interessados nesse caminho. Enquanto isso, o país se ressente da formação de profissionais qualificados nos mais diversos campos. Segundo dados da Unesco, em países como Alemanha e Austrália, mais de 50% dos alunos frequentam modalidades de educação profissional. Mesmo em vizinhos, como o Chile, que tem uma parcela muito mais significativa da população com diploma universitário, o ensino técnico é uma realidade para 37% dos jovens.

"As pessoas têm interesses e condições diferentes para aprender e isso precisa ser respeitado. Mesmo entre os que terminam o Ensino Médio, nem todos conseguem fazer cursos universitários de qualidade e muitos terminam sem nenhuma qualificação", diz o sociólogo Simon Schwartzman, que defende uma diversificação das finalidades do Ensino Médio.

Para Simon, a oferta de ensino profissionalizante é muito limitada. Embora o país tenha redes de reconhecida qualidade, como as escolas técnicas do Senai, os institutos federais e estaduais, todos oferecem poucas vagas diante da demanda e, por isso, muitas vezes são tão concorridos quanto as melhores universidades.

Os desafios são grandes também pelas desigualdades regionais que caracterizam a educação brasileira. Enquanto no Espírito Santo as matrículas de educação profissional chegam a um terço do total do Ensino Médio, há estados como Sergipe, Pará e Maranhão onde a proporção é irrisória – nesses casos, 7% ou menos dos alunos têm acesso à modalidade profissionalizante.

DIFERENTES MODALIDADES

O ensino técnico ou profissionalizante passou por diferentes momentos no Brasil, que marcam a tensão sempre existente na identidade do Ensino Médio brasileiro entre educação e trabalho, que se traduz em cursos

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
MATRÍCULAS NAS REDES PÚBLICA E PRIVADA – BRASIL E REGIÕES – 2009-2012

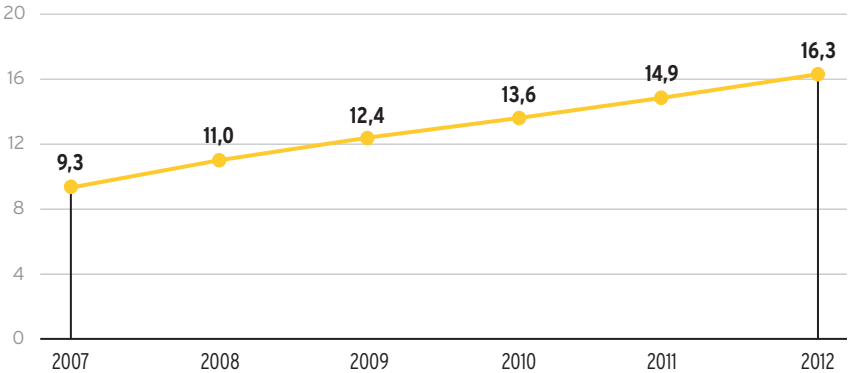
	2009			2010			2011			2012		
	Total	Pública %	Privada %	Total	Pública %	Privada %	Total	Pública %	Privada %	Total	Pública %	Privada %
Brasil	1.036.945	51,8	48,2	1.140.388	52,2	47,8	1.250.900	53,5	46,5	1.362.200	53,6	46,4
Norte	52.678	70,8	29,2	55.416	68,9	31,1	64.893	68,1	31,9	77.786	66,1	33,9
Nordeste	161.766	72,5	27,5	190.038	73,8	26,2	232.496	74,3	25,7	271.660	72,4	27,6
Sudeste	568.051	42,1	57,9	622.514	41,8	58,2	664.570	42,3	57,7	708.120	42,4	57,6
Sul	204.984	59,2	40,8	219.020	60,3	39,7	228.397	60,5	39,5	233.081	61,6	38,4
Centro-Oeste	49.466	45,6	54,4	53.400	47,2	52,8	60.544	55,2	44,8	71.553	52,9	47,1

Fonte: MEC/Inep/DEED - *Sinopse Estatística da Educação Básica.*

técnicos empobrecidos e um Ensino Médio regular com o currículo inchado e acadêmico.

Na primeira metade do século passado, a formação técnica era declaradamente a opção de educação dos filhos de operários, enquanto o Ensino Médio regular garantia aos filhos das elites um lugar na universidade, lembra o professor Francisco Aparecido Cordão, do Conselho Nacional de Educação. "O ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas é, em matéria de educação, o primeiro dever do Estado", expressava a Constituição de 1937.

MATRÍCULAS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM RELAÇÃO AO TOTAL DE MATRÍCULAS DO ENSINO MÉDIO - 2007-2012 (%)



Fonte: MEC/Inep/DEED. *Sinopse Estatística da Educação Básica*.
Nota: O mesmo aluno pode ter mais de uma matrícula.

A Lei de Diretrizes e Bases de 1996 recolocou o debate, estabelecendo o Ensino Médio como etapa final da educação básica. Ou seja, a formação técnica deveria acontecer uma vez cumprida a formação geral. Mas, logo em 1997, uma nova reformulação na lei divide a educação profissional entre cursos básicos, para a qualificação ou requalificação de trabalhadores independentemente de sua formação inicial, educação técnica, complementar ao Ensino Médio, e educação tecnológica, em âmbito de nível superior.

Isso significou, na prática, que os alunos poderiam cursar o ensino técnico paralelamente ao Ensino Médio regular, até mesmo em escolas diferentes, ou após a conclusão da educação básica. Assim, não há equivalência entre os ensinos médio regular e técnico, apenas a possibilidade de articulação. "Essa conformação gerou consequências: a educação profissional esteve dissociada da educação básica, o que gerou um aceleramento da formação técnica em módulos dissociados e estanques, dando um cunho de treinamento superficial à formação de jovens e adultos trabalhadores", escreve Heloisa Helena Barbosa Canali, pesquisadora da Universidade do Pará.

Em 2004, uma nova legislação buscou novamente harmonizar Ensino Médio e ensino profissionalizante, buscando uma integração curricular mais orgânica, superando a dicotomia entre formação básica e profissional. Hoje, o sistema prevê cursos técnicos com mínimo de 800 horas, que acontecem de forma integrada, concomitante ou subsequente. Na forma integrada, o aluno, com uma única matrícula, frequenta um curso cujo currículo foi planejado associando os conhecimentos do Ensino Médio às competências da educação profissional. Na forma concomitante, ocorre uma complementaridade entre o curso técnico e o Ensino Médio. Nesta modalidade, o aluno tem duas matrículas. Na forma subsequente, que é a predominante hoje, no país, o aluno, ao se matricular no curso técnico, já concluiu o Ensino Médio. »

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
MATRÍCULAS POR REGIÃO E FORMAS DE ARTICULAÇÃO COM O ENSINO MÉDIO – 2012

	Total Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Concomitante	**240.226**	8.508	21.744	167.419	34.367	8.188
Subsequente	**823.429**	49.492	122.570	465.496	142.539	43.332
Integrada	**298.545**	19.786	127.346	75.205	56.175	20.033
TOTAL	**1.362.200**					

Fonte: MEC/Inep/DEED – *Sinopse Estatística da Educação Básica.*

EXPERIÊNCIAS BEM-SUCEDIDAS

Em tempos de tantas mudanças no mundo do trabalho, as iniciativas tendem a se diversificar. Distanciando-se de modelos fechados, que formavam especialistas técnicos, como torneiros mecânicos, os cursos voltam-se para demandas regionais e trabalham a partir de um leque mais amplo de competências que serão úteis aos estudantes.

É o caso de Pernambuco, que vem implantando o ensino em tempo integral na rede de Ensino Médio, com um programa curricular enriquecido por aulas de línguas, projetos interdisciplinares e também iniciativas de qualificação profissional, como a Escola Social do Varejo. O projeto foi inspirado no caso do Ginásio Pernambucano, escola pública revitalizada por iniciativa do empresário Marcos Magalhães e que partiu de novos modelos de gestão. "A inspiração do Ginásio se mostrou saudável. Hoje temos muitos exemplos para mostrar, com resultados comprovados, como a elevação do Ideb", assegura o ex-secretário da Educação de Pernambuco, Anderson Gomes.

Na região, o Ceará também se orgulha da rede que começou a implantar, em 2008, com o projeto Escolas Estaduais de Educação Profissional. Com mais de 30 mil alunos matriculados, em 74 cidades, o programa deve chegar a 140 escolas até o final desse ano. O projeto, realizado em período integral, envolve parcerias com entidades como o Sebrae, sindicatos e empresas, disciplinas voltadas ao empreendedorismo e inclui estágios remunerados ao término do curso.

O objetivo do programa é preparar o jovem para enfrentar os problemas da vida cotidiana, por meio de uma formação global que dê conta das demandas e das transformações contínuas que passam a sociedade, a economia e o mundo do trabalho. Entre as 51 opções de cursos, estão Informática; Enfermagem; Guia de Turismo

A ESCOLA QUE OS ALUNOS DESEJAM

Diferentes estudos realizados recentemente mostram o grave distanciamento que existe entre os jovens e o Ensino Médio, especialmente os da rede pública.

Um dos trabalhos foi levado a cabo pelos pesquisadores Tufi Machado Soares e Mariana Calife, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Entrevistando grupos de jovens a respeito de suas vidas profissional e escolar, inclusive em suas próprias residências, os pesquisadores observaram que, entre as respostas, predominam "a dificuldade para conciliar o estudo e o trabalho e a falta de interesse." Com isso, dizem, fica clara a necessidade de se redesenhar o currículo e criar alternativas para os jovens que buscam a profissionalização, ao invés da universidade.

Nas entrevistas, os alunos mostraram que poderiam se interessar mais pela escola se tivessem mais oportunidades de participação, se os conteúdos fossem mais direcionados e se fossem usados recursos menos tradicionais de ensino. "Pensar meios de inovar a escola é muito importante", diz Tufi Machado Soares.

Outro estudo impactante foi realizado pelo pesquisador Haroldo Gama, do Cebrap. Denominado *O que os alunos de baixa renda pensam sobre a escola*, o estudo envolveu jovens de 15 a 19 anos, em regiões pobres de São Paulo e Recife, com métodos quantitativos e qualitativos. Oriundos de famílias com renda média de até 1,5 mil reais, esses jovens já estão muito conectados. Em sua grande maioria, possuem computadores e utilizam a internet para estudar.

O trabalho é uma questão fundamental e mal compreendida. Muitos estudos mostram que mais de 70% dos alunos do Ensino Médio só estudam e, assim, não deixam a escola para trabalhar. Mas há nuances nesse raciocínio. O fato é que, na pesquisa do Cebrap, 41% já receberam algum rendimento por trabalhar. Além disso, entre os jovens que já estão na faixa de 18 e 19 anos (e, portanto, defasados em relação às suas séries) apenas 21,9% conseguem dedicar-se exclusivamente à escola.

Para somente um quinto dos alunos, a permanência na escola se justifica pelo sonho do diploma universitário. Sem esse objetivo, o excesso de matérias, a fragmentação das disciplinas e o distanciamento com seus problemas reais apenas tornam o processo ainda mais destituído de sentido para os jovens, como demonstra o estudo.

Ouvir o que pensam os alunos do Ensino Médio que abandonaram a escola foi um

e Segurança do Trabalho; Edificações; Comércio e Finanças.

Muitos dos projetos de renovação do ensino profissional contam com participação ativa de empresas. É o caso, por exemplo, do Núcleo Avançado em Tecnologia de Alimentos (Nata), surgido de uma parceria entre a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, a Secretaria de Agricultura, Pecuária, Pesca e Abastecimento e do Instituto GPA.

A experiência foi implantada a partir de 2009 em São Gonçalo, no Colégio Estadual Comendador Valentim dos Santos Diniz. Trata-se de um caso de ensino profissional integrado, ou seja, as disciplinas do ensino regular são entrelaçadas com as de caráter profissionalizante.

Os 360 alunos da escola podem optar entre dois cursos de formação técnica: Leite & Derivados e Panificação. Segundo a Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, o projeto busca viabilizar o atendimento da demanda por mão-de-obra especializada, não só da indústria fluminense como também das redes de varejo espalhadas pelo Estado.

dos objetivos do estudo *Por que você perde seus alunos?*, encomendado pelo Instituto Unibanco a um conjunto de pesquisadores da Universidade de Minas Gerais e da Universidade de São Paulo, entre outras. Ouvindo 3,3 mil estudantes, a pesquisa revelou diversos fatores que afastam o jovem da escola, como o desejo de encontrar uma educação mais atraente. Entre as dificuldades apontadas para que seguissem estudando, 56,6% dos entrevistados apontou para a dificuldade em conciliar trabalho e estudo.

Assim como esses, outros estudos vêm apontando a desconexão entre o Ensino Médio e a vida real dos jovens – e o desenvolvimento das competências profissionais é uma das formas de mostrar aos jovens o real potencial transformador da educação.

"O OBJETIVO É PREPARAR O JOVEM PARA OS PROBLEMAS DA VIDA COTIDIANA, POR MEIO DE UMA FORMAÇÃO QUE DÊ CONTA DAS TRANSFORMAÇÕES QUE PASSAM A SOCIEDADE, A ECONOMIA E O MUNDO DO TRABALHO."

Entre os resultados colhidos, está a elevação do desempenho acadêmico. No último Enem, a escola foi classificada em 1º lugar no município de São Gonçalo e em 3º no Rio, no ranking de escolas estaduais.

Da mesma forma, uma experiência considerada bem-sucedida no Rio de Janeiro é o Projeto Nave, em parceria com a Oi Futuro. Nesse caso, a grade curricular é orientada para a programação de games e trabalho interdisciplinar, com muita utilização da tecnologia.

Outros convênios com o mesmo espírito vêm sendo celebrados pela Secretaria de Educação do Rio, no programa Dupla Escola. Recentemente, foram iniciadas parcerias no campo da telecomunicação, saúde e biotecnologia, cozinha e serviço e tecnologia, entre outros.

Segundo o Secretário de Educação do Rio de Janeiro, Wilson Risolia, a meta é que, em dez anos, 100% da rede de Ensino Médio seja em formato Dupla Escola. "São oportunidades extraordinárias para os nossos estudantes, porque muitos deles não conseguem vaga em uma universidade pública", diz.

Principal força industrial do país, São Paulo começou apenas recentemente a buscar modelos diferenciados de educação profissional em sua rede pública de Ensino Médio. O projeto é uma reformulação da Escola de Tempo Integral, que chegou a 53 escolas em 2013 e pretende estar em 181, em 2014, atingindo 50 mil alunos.

As escolas aderem espontaneamente ao programa, motivadas por remuneração adicional aos professores e outra ações de apoio. Nesse caso, a aproximação com o mundo do trabalho não se dá na modalidade de educação profissional. No curso, os alunos recebem orientações de estudo que os auxiliam a construir projetos de futuro. "O diferencial desse projeto é o currículo integrado, o estímulo ao jovem protagonista e à orientação educacional", diz Valéria de Souza, responsável pelos projetos da área.

Assim como o projeto paulista, começam a prosperar no país projetos de educação que não fecham os olhos para as demandas do trabalho. "Não era sem tempo", diz a economista Maíra Habimorad, executiva da empresa Companhia de Talentos, que recruta jovens estagiários para algumas das maiores empresas brasileiras. Para Maíra, as escolas precisam se abrir para o diálogo com as empresas, até mesmo como forma de enriquecer seus currículos e tornar o ensino mais vivo e real para os alunos. Para isso, diz, é preciso mais do que fazer semanas de profissões ou chamar engenheiros ou advogados para fazer palestras. Para ela, é tempo de se abrir um diálogo franco e produtivo entre ensino e trabalho. "É um movimento verdadeiramente necessário para o futuro do país", diz.

Qualquer que seja o caminho, parece urgente definir o novo perfil do Ensino Médio brasileiro. A corrida global pela competitividade demanda jovens cada vez mais preparados, capazes de aprender continuamente e enfrentar um mundo caracterizado pela inovação e pelo conhecimento. x

Descubra os livros digitais Moderna

Mais do que uma nova tecnologia, o livro digital Moderna é um aliado do professor para abordar os conteúdos, de forma que todos possam participar da construção do conhecimento.

Com um clique ou toque, você e seus alunos podem analisar criticamente um evento histórico, reconhecer a comprovação de um teorema, conferir vídeos e documentários, reproduzir experimentos, visualizar mapas interativos, apreciar galerias de arte ou viajar por diferentes culturas.

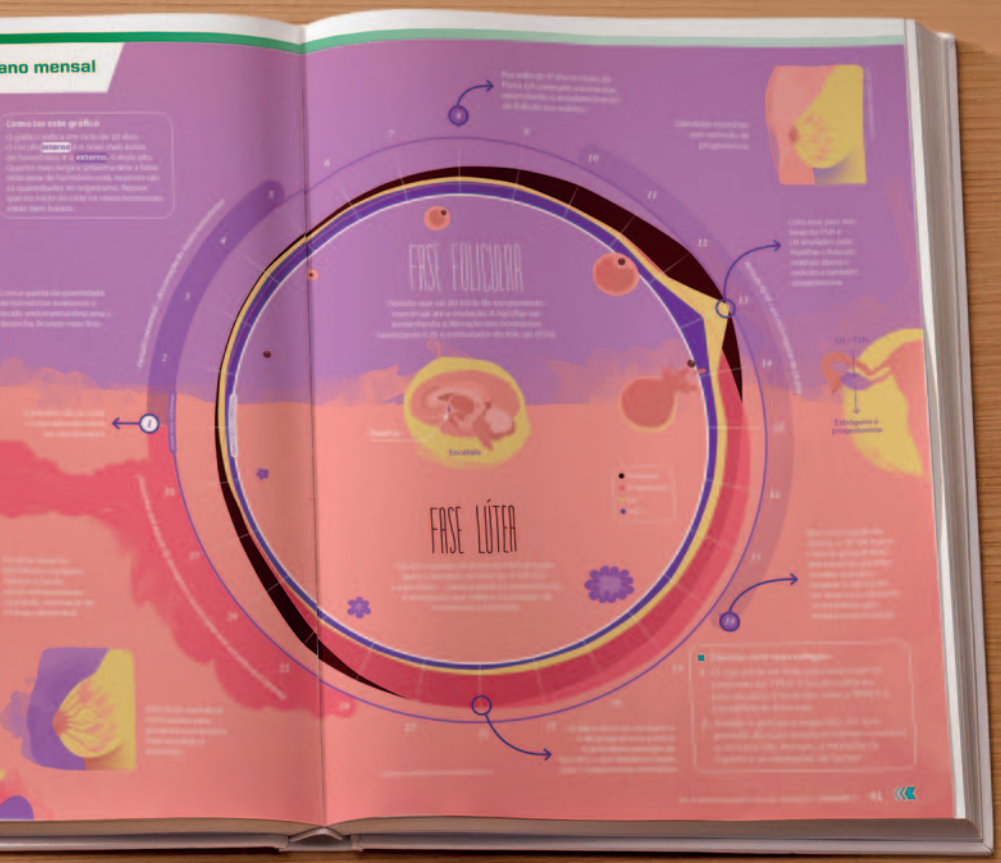
Ferramentas inovadoras permitem fazer anotações, marcações e conferir conteúdos multimídia na própria página do livro, sem a necessidade de acesso à internet, depois de baixado.

FOLHEIE OS LIVROS DIGITAIS NO SITE:
www.moderna.com.br/pnld

Baixe nosso aplicativo grátis:
digite **PNLD 2015** MODERNA
na busca do APP STORE ou GOOGLE PLAY.
Solicite sua senha de acesso pelo 0800 13 0033

PNLD 2015

#eusouensinomédio



Série Mais Ensino Médio

Leia no site nossos materiais de formação em tecnologia.

MKT • MODERNA

PATROCINADORA OFICIAL DO GEEKIE GAMES 2014

GEEKIE

geekiegames.com.br

Moderna

APROVADA E COMPROVADA NO PNLD

01101001
1011111010
0010100101
1010
PEDAGOGIA DO OPRIMIDO
A
B
C
D
E
F
G
H
I
J
3
@
x+y
λ

PAULO FREIRE
SOB A LUZ DA ATUALIDADE

Um amplo olhar sobre a obra do Patrono da Educação no Brasil, que permite refletir sobre a importância do trabalho colaborativo, da inclusão, da pesquisa e das novas tecnologias digitais para potencializar o ensino e o aprendizado.

Por **PAULO DE CAMARGO**

Em maio de 2013, um auditório lotado na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, uma das mais prestigiadas do planeta, assistiu a um debate entre três celebridades contemporâneas: o linguista Noam Chomsky, o pesquisador europeu em neurociências Bruno della Chiesa, e Howard Gardner, criador da Teoria das Inteligências Múltiplas. Engana-se quem pensa que o tema do debate eram as novas tendências da educação ou as pesquisas sobre o cérebro. Todos estavam ali para discutir a obra do educador brasileiro Paulo Freire, celebrando os 45 anos da publicação de *A Pedagogia do Oprimido*.

Os debates aconteceram em diferentes países. No Brasil, o Instituto Paulo Freire lançou a versão manuscrita do livro – o autor escrevia sempre à mão, com incrível fluência. *A Pedagogia do Oprimido* foi publicada em 1968, inicialmente em inglês e espanhol, em virtude da censura do regime militar brasileiro, e causou um forte impacto internacional – a ponto de ter se tornado um dos livros mais consultados da biblioteca do Congresso Nacional, nos Estados Unidos. »

A intensidade da celebração não deveria surpreender: traduzido em duas dezenas de idiomas, Paulo Freire é o brasileiro com maior número de títulos *honoris causa*, concedidos por universidades para personalidades de reconhecida importância intelectual. São mais de 40 títulos em instituições como Universidade de Barcelona, Oxford e Harvard. Ganhou prêmios internacionais, como o Educação para a Paz, concedido pela UNESCO, e está situado entre os grandes nomes da Pedagogia do século XX. Desde 2012, Paulo Freire é também o Patrono da Educação brasileira.

"Em Portugal e nas minhas viagens pela Europa e pelo mundo, pude observar o enorme apreço que os educadores nutrem pela obra de Freire e o quanto ela influenciou a política educativa em muitos países", testemunha o educador José Pacheco.

Contudo, o amplo reconhecimento não garante a Freire, no país, um tratamento à altura de seu prestígio internacional entre os autores contemporâneos – em parte pela associação direta com um de seus principais legados, um método de alfabetização de adultos, iniciado nos anos 1960. Embora admirado pelos professores, sua obra é pouco conhecida e vem deixando de frequentar a lista de livros obrigatórios nos concursos docentes. Mas as ideias de Paulo Freire mostram-se cada vez mais atuais, ao abordar temas fundamentais para a educação e a cultura contemporâneas, em áreas distintas, como alfabetização, tecnologia educacional e inclusão social.

"Ocorre que o pensamento de Freire está mais ligado à filosofia da Educação do que a uma metodologia de alfabetização", considera o filósofo e escritor Mário Sérgio Cortella, amigo pessoal e chefe de gabinete de Paulo Freire durante sua passagem pela Secretaria Municipal da Educação de São Paulo, entre 1989 e 1992. "O seu pensamento tem vitalidade; isso significa que ele é antigo, mas não é velho", diz. Dessa perspectiva, não é difícil encontrar correlatos entre os pilares do pensamento freireano e os postulados nos quais se baseia a educação contemporânea. Entre eles, está a valorização da cultura do aluno e da central relevância do seu universo de experiências.

Na educação de adultos, ficou célebre na proposta de alfabetização o uso de palavras geradoras que ligavam o mundo real do trabalhador aos códigos da língua escrita. Em vez do vovô viu a uva, adultos aprendiam a partir da matéria viva do dia a dia: tijolo, trabalho, enxada. Mas não se trata apenas de uma ferramenta didática: ao posicionar a alfabetização como leitura do mundo – expressão que celebrizou –, a proposta de Paulo Freire colocava a educação sempre na perspectiva da possibilidade concreta de tomada de consciência e de transformação da realidade, daí seu caráter essencialmente político.

Se no Brasil rural de meados do século passado, no qual metade da população adulta era analfabeta, a proposta de Paulo Freire se revestiu de um caráter revolucionário, hoje ninguém se surpreende ao ver a educação relacionada à liberdade de pensamento e ação, ou seja, à emancipação humana. Mas ideias como essa custaram à Paulo Freire 17 anos de exílio e uma série de ataques à sua obra como "cartilhas marxistas".

Par indissociável da educação como leitura do mundo é a centralidade do diálogo na obra de Paulo Freire, que chamava suas salas de aula de círculos de cultura. Em um tempo em que o professor era autoridade absoluta e o conhecimento era visto como algo que se transmitia de fora para dentro, de quem sabe para quem não sabe, Freire propôs um círculo em que todos aprendem. Na perspectiva do autor, diga-se, não se tratava de desmerecer o papel do professor – ao contrário, Freire ressaltava a importância dos momentos de ensino e da aula –, mas de recuperar a dignidade de quem aprende.

"NINGUÉM EDUCA NINGUÉM, NINGUÉM EDUCA A SI MESMO, OS HOMENS SE EDUCAM ENTRE SI, MEDIATIZADOS PELO MUNDO."

(PAULO FREIRE)

"O diálogo não é apenas uma estratégia pedagógica. É um critério de verdade. A veracidade do meu ponto de vista, do meu olhar, depende do olhar do outro, da comunicação. O diálogo com o outro não exclui o conflito. A verdade não nasce da conformação do meu olhar com o olhar do outro. Nasce do diálogo-conflito com o olhar do outro", escreve Moacir Gadotti, autor de *Paulo Freire, uma biografia*. "Na educação contemporânea, a perspectiva do diálogo é fundamental para a gestão democrática da sala de aula, e isso não quer dizer nem passar a mão na cabeça, nem dar um sermão particular", lembra o educador e conferencista Celso Vasconcellos. Nesse contexto, Paulo Freire escreveu uma frase constantemente relembrada: "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo".

Se essas ideias hoje têm um ar de conceitos já batidos, o mesmo não se podia dizer há 40 anos, tempo de uma escola hierárquica, autoritária e profundamente desigual. Marcas dessa instituição que persistem até hoje são os elevados índices de fracasso escolar e evasão. Freire, até o fim da vida, indignava-se com os termos utilizados, pois lhe pareciam remeter a uma responsabilização do aluno quando todo o sistema produzia sua expulsão.

Por fim, outra característica do pensamento de Paulo Freire é a visão do conhecimento aberta e acessível a todas as pessoas, às camadas populares, aos pobres. Por isso, o método de Paulo Freire parte das questões reais, do emprego,

da doença, do ambiente. Em seu último período de vida, Freire avançava pelo tema que denominava Ecopedagogia, chamando a atenção para as necessidades planetárias e da concepção da Terra como um organismo vivo. Qualquer semelhança com as questões vividas no mundo de hoje não é mera coincidência.

PEDAGOGIA CONTEMPORÂNEA

Um exemplo eloquente da atualidade do pensamento de Freire é a Escola da Ponte, de Portugal. Tida como vanguarda da experiência pedagógica e reproduzida em muitos projetos de ensino brasileiros, a Escola da Ponte baseia seu trabalho em uma visão radical da autonomia do aluno, inclusive na construção de seus próprios percursos de aprendizagem. Não há séries ou avaliações formais; o professor orienta os alunos conforme o interesse das pesquisas que eles mesmos definiram.

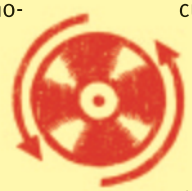
Pois o que muita gente não sabe é que Paulo Freire sempre esteve na base da criação da Escola da Ponte. "No que concerne a Portugal e, em particular, à Ponte, o pensamento freireano foi de uma importância vital. Sobre ele a Ponte alicerçou o seu projeto", diz José Pacheco, que foi um dos criadores e diretor da instituição. Poucos também sabem que foi um livro de Freire – *A Pedagogia da Esperança* – que ajudou Pacheco a tomar a decisão de mudar para o Brasil.

Hoje, Pacheco assessora formal ou informalmente instituições educativas brasileiras que se inspiraram no trabalho da Ponte, entre elas a Escola Municipal Amorim Lima, na região do Butantã, em São Paulo, que foi precursora e se tornou uma das mais conhecidas experiências educativas inovadoras brasileiras. O projeto pedagógico da Amorim Lima cita Freire textualmente, como "fonte de referência de toda a pedagogia que se pretenda libertária" e "por ter contribuído fortemente na criação dos avançados parâmetros normativos da educação brasileira atual, sem os quais seguramente este Projeto teria muitas mais dificuldades em ser implantado".

Para Pacheco, a influência da obra de Freire se estende por muitas áreas. "Freire está presente na denúncia dos efeitos da velha escola, como nas novas construções sociais, que anunciou", lembra o educador português. Para ele, o autor de *Pedagogia do Oprimido* traz uma contribuição fundamental quando sugere que os brasileiros devem deixar de olhar para o Norte do planeta para orientar suas práticas pedagógicas. "É preciso 'sulear' a práxis educativa, pois no Brasil está a ser gestado o futuro da educação", conclui.

Há uma correspondência, por exemplo, até mesmo entre os avanços nas práticas de alfabetização de crianças – que também fez parte das experiências de Freire, principalmente no período em que dirigiu a divisão educativa do Sesi, em Pernambuco, nas décadas de 1940 e 1950. Entre outras providências, para aflição dos pais, Freire aboliu uma cartilha tradicional de alfabetização da época (a *Carta do* »

ABC) e estratégias como a repetição de sílabas que ironicamente chamava de "ba-bo-bu". "A alfabetização é um ato de conhecimento, um ato de criação, e não de memorização mecânica de letras e de sílabas", escreveu o autor. Cerca de 50 anos depois, no livro *Cartas a Cristina*, Freire reafirmava suas proposições, ao mesmo tempo que reconhecia o avanço da pedagogia. "É impossível relegar a contribuição de Piaget, de Vygotsky, de Luria, de Emilia Ferreiro, de Madalena Weffort, de Magda Soares. Contribuições que, se bem aproveitadas, retificam e aprimoram algumas das propostas que fiz", escreveu.



FREIRE E A PEDAGOGIA DE PROJETOS

Para Mário Sérgio Cortella, a força do pensamento de Freire se deve também ao respeito que ele demonstrou pela história do pensamento pedagógico e filosófico. "Freire retoma aspectos do pensamento aristotélico tomista e foi muito influenciado por existencialistas como Gabriel Marcel. Traz à tona grande influência de John Dewey, respeita Jean Piaget. Ele estudava muito todos esses autores", lembra. Especialmente importante foi o filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey (1859-1952).

Dewey defendia que os alunos aprendiam melhor quando desempenhavam tarefas associadas aos conteúdos ensinados, e mostrava que era impossível separar os caminhos individuais da sociedade onde o aprendiz estava inserido, em confronto entre a educação e o contexto da vida real. Temas como a aprendizagem a partir do interesse do aluno, curiosidade e disciplina perpassam a obra do autor. As proposições de Dewey, bem como de outros autores, estão na base de pedagogias que ficaram conhecidas como Pedagogia de Projetos.

Há muitos ecos de Dewey na obra de Freire, que levaram a novos desdobramentos que também influenciaram nos conceitos modernos de projetos. O autor brasileiro combatia, por exemplo, a separação entre trabalho manual e intelectual. Para Freire, "só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas".

Todas as propostas educativas de Freire passam pela problematização da realidade – um papel essencial do professor, segundo o autor. Na perspectiva freireana, a problematização é a reflexão do indivíduo sobre um conteúdo ou sobre o ato para agir melhor, com os demais, sobre a realidade. Esse princípio fundamenta as práticas de alfabetização de adultos, mas tem valor amplo nas propostas atuais da pedagogia de projetos. Mas a contribuição de Freire aponta para um compromisso de transformação da realidade em que o sujeito está inserido; "ninguém, na verdade, problematiza algo a alguém e permanece, ao mesmo tempo, como mero espectador da problematização", escreveu.

A VIDA DE PAULO FREIRE, EM 10 TÓPICOS

1. NASCIMENTO: em 19/09/1921, filho mais novo de 4 irmãos, nasce Paulo Reglus Neves Freire, na cidade do Recife. Lá viveu até os 10 anos de idade, quando mudou para Jaboatão, na periferia recifense. Sua família empobreceu repentinamente em função da crise de 1929. Três anos depois, Freire ficaria órfão de pai, um oficial da Polícia Militar.

2. FORMAÇÃO ESCOLAR: seguiu em frente na escola, principalmente por ter conseguido bolsas de estudo. Aos 17 anos, começou a dar aulas de Português.

3. FORMAÇÃO ACADÊMICA: com 22 anos, entrou para a Faculdade de Direito do Recife. Tornou-se advogado, mas não exerceu a profissão. Aos 38 anos, obteve o título de doutor em Filosofia e História da Educação. Foi o primeiro de uma longa série. Apenas títulos de doutor *honoris causa* foram cerca de 40. Lecionou em Harvard e outras importantes universidades.

4. TRABALHO: com 26 anos, começou a trabalhar com Educação de adultos, como diretor de Educação e Cultura do Sesi, no Recife, onde ficou por 10 anos. Chegou a ocupar a superintendência da instituição. Sua passagem pelo Sesi e pelo Movimento de Cultura Popular do Recife – do qual foi um dos fundadores – levariam Freire a uma nova proposta de alfabetização de adultos. No início dos anos 1960, tornou-se diretor da Divisão de Cultura da Secretaria Municipal de Educação. Em 1963, foi nomeado membro do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco. Em seguida, o presidente João Goulart o encarregou do Programa Nacional de Alfabetização, que viria a ser extinto em abril de 1964 pelo governo militar.

5. EXÍLIO: logo depois do golpe militar de 1964, Freire ficou preso por 75 dias. Na ocasião, ocorreu um caso pitoresco, narrado diversas vezes por ele. Um oficial lhe disse haver muitos recrutas analfabetos no quartel e perguntou se ele poderia alfabetizá-los, ao que Freire prontamente respondeu: "Mas, meu filho, é exatamente por fazer isso é que estou preso!". Sentindo que corria risco de vida, pediu asilo na Bolívia, aos 43 anos. Dois meses depois partiu para o Chile, onde ficou até 1969, como assessor do Ministério

FREIRE E AS NOVAS TECNOLOGIAS

Embora associado com o tema da educação para a liberdade e democracia, os ecos da obra de Freire também podem ser facilmente encontrados na perplexidade causada pelos avanços da tecnologia na vida social contemporânea. Segundo Mário Sérgio Cortella, Freire via com simpatia as possibilidades abertas pela tecnologia. Embora escrevesse à mão, colocou a informatização da rede municipal paulista como uma das prioridades, em um tempo em que a internet ainda não estava disseminada no Brasil.

Mas, na visão de César Nunes, pesquisador em tecnologia e educação, Freire se torna ainda mais atual no contexto da web 2.0, que é caracterizada pela interação e pela colaboração.

Todas as práticas de uso da internet apontam para a construção coletiva do conhecimento, a troca entre os alunos e a formação de comunidades de aprendizagem. Entre as abordagens que vêm sendo experimentadas, está a proposta dos canadenses Carl Bereiter e Marlene Scardamalia, que pode ser livremente traduzida por "melhoria de ideias". Basicamente, a proposta parte do princípio de que não há um conceito correto que deve ser aceito por todos, mas que a construção do conhecimento se dá pelo diálogo e pela discussão coletiva. Assim, uma ideia de um aluno em sala vai sendo sucessivamente melhorada a partir da argumentação lógica, do confronto com a realidade e com a experiência dos demais alunos, e, assim, se torna um conceito construído e assimilado pelo grupo.

"Vejo uma conexão muito clara, por exemplo, entre a metodologia de Freire de codificação e decodificação das situações e a teoria sobre o pensamento visível, baseado no registro e reflexão sobre o que é falado e pensado na aula", exemplifica. Também é uma marca da atualidade de Freire a noção de que compreender é ser capaz de aprender a agir flexivelmente a partir do que se aprendeu, todas »

"SÓ APRENDE VERDADEIRAMENTE AQUELE QUE SE APROPRIA DO APRENDIDO, TRANSFORMANDO-O EM APREENDIDO, COM O QUE PODE, POR ISTO MESMO, REINVENTÁ-LO; AQUELE QUE É CAPAZ DE APLICAR O APRENDIDO-APREENDIDO A SITUAÇÕES EXISTENCIAIS CONCRETAS."
(PAULO FREIRE)

da Educação do Chile e consultor da Unesco. Depois, foi convidado a lecionar em Harvard sobre sua própria obra e na Universidade de Genebra, na Suíça.

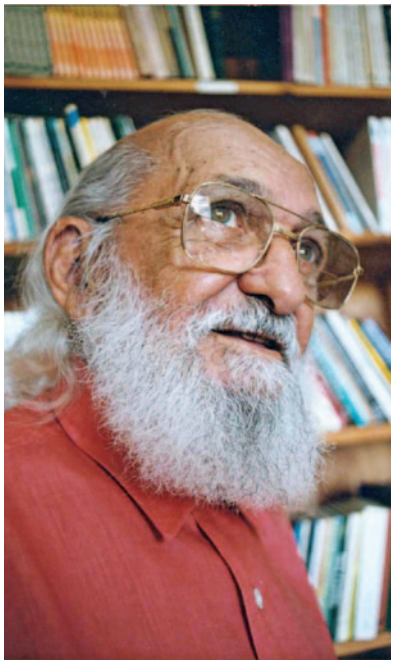
6. EXPERIÊNCIAS INTERNACIONAIS: entre as experiências internacionais marcantes de Paulo Freire estão suas colaborações com países da África que conquistavam a independência. Freire atuou em São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde, por exemplo.

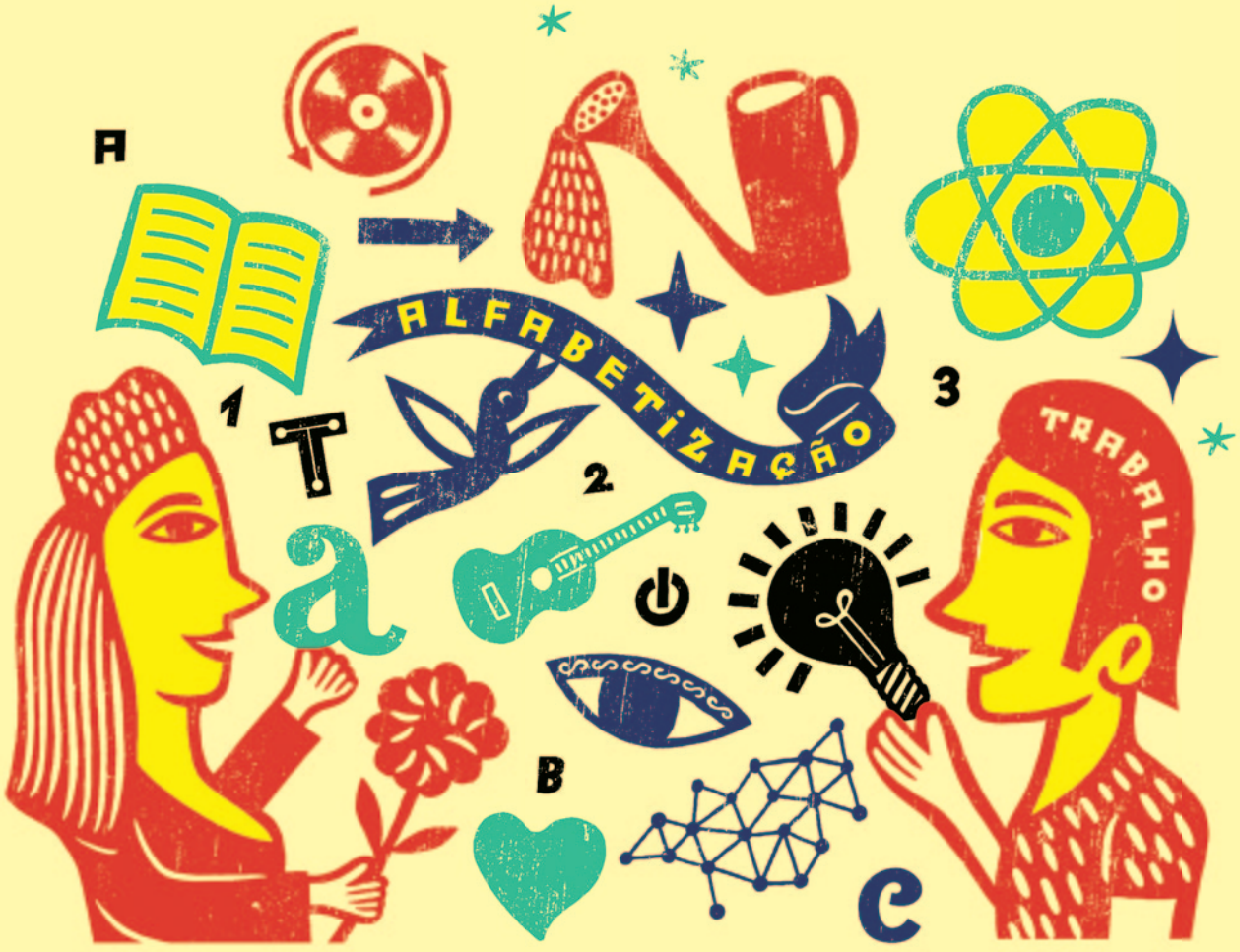
7. VOLTA AO BRASIL: Paulo Freire voltou ao Brasil em 1979. Por convite de D. Paulo Evaristo Arns, passou a lecionar na PUC-SP (de 1980 até 1997). Também deu aulas na Unicamp por uma década. Em 1988, Freire foi convidado pela prefeita Luíza Erundina, recém-eleita, para ser o Secretário Municipal da Educação de São Paulo. Aceitou, com a condição de que ficaria por dois anos.

8. OBRA: é autor e coautor de cerca de 40 livros e foi traduzido para mais de 20 idiomas. Entre todos, *Pedagogia do Oprimido* é o mais conhecido. Escrito em português, em 1968, foi publicado inicialmente em espanhol e inglês. Constou na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos como um dos 10 livros mais consultados.

9. MORTE: em 2 de maio de 1997, Paulo Freire faleceu, em São Paulo.

10. LEGADO: Paulo Freire deixou um amplo legado e seguidores importantes. Parte significativa de sua produção está reunida no Instituto Paulo Freire, em São Paulo.





ideias-chave na obra de grandes especialistas internacionais de hoje, como o norte-americano David Perkins, que criou o conceito de Ensino para a Compreensão.

Para Nunes, que participa de grupos de estudo na universidade de Harvard nos Estados Unidos e no Canadá, a visão do conhecimento crítico como passo necessário para a ação transformadora, presente na obra de Freire, é coerente com as competências buscadas no século XXI. "Tem a ver com pensamento estratégico, sistêmico e metacognitivo", exemplifica.

As propostas de Freire caem como uma luva nas pedagogias que mais se harmonizam com as possibilidades abertas pela tecnologia e, sobretudo, no contexto das redes sociais. "Os textos de Paulo Freire são incrivelmente atuais. Eles tratam da inovação, dentro da ótica do inédito viável, ou seja, algo que não necessariamente é uma novidade completa, mas é inovador para o grupo com o qual se está trabalhando", diz o especialista em tecnologia e educação, César Nunes. Freire citou em sua obra, por exemplo, uma ideia de Dewey que parece feita para os dias de hoje. "A originalidade não está no fantástico, mas no novo uso de coisas conhecidas", defende.

"Paulo Freire não sabia, como nenhum de nós sabia, dos rumos que o avanço tecnológico tomaria", lembra Cortella. "Mas, apesar do seu entusiasmo, tenho certeza de que ele também faria dois alertas: não se confunda informação com conhecimento, nem velocidade com pressa", diz. Além disso, diz, Freire lembraria novamente que a educação demanda três tipos de paciência: a paciência pedagógica, porque cada um tem seu ritmo; a paciência histórica, porque nem sempre é o momento de agir; e a paciência afetiva, porque nem sempre as pessoas serão simpáticas às propostas de mudança que ouvirão.

"Uma lição fundamental na vida de Freire é a de oportunidade. Uma vez, no interior da Bahia, ele disse: se você não fizer hoje o que hoje pode ser feito e tentar fazer hoje o que hoje não pode ser feito, dificilmente fará amanhã o que hoje deixou de fazer", completa Cortella. x

PARA SABER MAIS

WWW.PAULOFREIRE.ORG

Professor,

Unindo sua **experiência** em ensinar com as **inovações** do mundo, o nosso **compromisso** com a educação fica muito **mais forte**

PNLD 2015

#eusouensinomédio

MKT • MODERNA

Nas próximas páginas, conheça nossa proposta completa para o PNLD 2015.

FOLHEIE OS LIVROS DIGITAIS INTERATIVOS NO SITE:

www.moderna.com.br/pnld

Moderna

APROVADA E COMPROVADA NO PNLD

Sua trajetória nos inspira a criar soluções sob medida para você!

MKT • MODERNA

Nos próximos dias, sua escola receberá **duas caixas** com nossa proposta aprovada para o **Ensino Médio**.

Analise e reconheça por que a Moderna é a editora mais adotada no PNLD.

Moderna e MACMILLAN juntas no PNLD 2015 #eusouensinomédio

NOVA EDIÇÃO

A força da Língua Portuguesa Moderna

100% de presença em toda a história do PNLD Ensino Médio.

PORTUGUÊS

CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO

CÓDIGO DA COLEÇÃO: **27611COL01**

LANÇAMENTO

ENLACES

LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA - ESPANHOL

O único livro de espanhol com versão digital

CÓDIGO DA COLEÇÃO: **27527COL43**

LANÇAMENTO

HIGH UP

LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA - INGLÊS

+ livro digital

CÓDIGO DA COLEÇÃO: **27560COL44**

Folheie nossas obras aprovadas no site: www.moderna.com.br/pnld

TRADUZIR-SE

"Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
— que é uma questão
de vida ou morte —
será arte?

Ferreira Gullar

AGENDA CULTURAL NA ESCOLA:

INVENÇÃO E TRADUÇÃO DE REALIDADES

A arte e a cultura ocupam um papel fundamental na formação humana, daí a importância da organização de uma agenda cultural que contemple suas várias facetas.

Por **WILTON ORMUNDO**

Mais do que apresentar o sujeito como um ser cindido, marcado pelos paradoxos "ser 'todo mundo' e ao mesmo tempo 'ninguém'", "desejar ser 'multidão' e também 'solidão'", "'pesar, ponderar'", mas "delirar", o poema *Traduzir-se*, de Ferreira Gullar, sugere que a existência humana é caracterizada pelo desejo da plenitude, pelo "*to be and not to be*", pelo conflito. O homem, segundo nosso maior poeta vivo, busca a solidez ("almoça e janta"), mas também deseja o imponderável, a surpresa, aquilo que não se pode prever, controlar, o "de repente". A convivência desse lado humano, "vertigem" (pulsional), só encontra possibilidade de tradução pela "linguagem", pela arte. »

Mas por que, afinal, iniciar um texto sobre a importância da organização de uma agenda cultural na escola citando "Traduzir-se", do poeta octogenário Ferreira Gullar? Talvez por acreditar que a escola – única instituição organizada de maneira formal em torno da função de divulgar o conhecimento humano –, ou melhor, a boa escola, deva assumir para si a responsabilidade de dar conta de um sujeito complexo, que necessita aprender sobre as leis naturais que regem o mundo, o micro e o macro presentes na natureza, a linguagem dos números e das letras (que traduzem a vida), a política e seus meandros, mas também que é um sujeito que "se espanta", que é "fundo sem fundo", "solidão", "delírio", que é "linguagem".

Atribuo à arte a função de lidar com esse homem que também é caos. Em consonância com o crítico literário Antonio Candido, que defende que a literatura deve ser vista como um direito humano porque organiza o caos, credito à arte o poder de traduzir em linguagem as inquietações das crianças e dos adolescentes que vivem grande parte de sua existência entre os muros da escola. Daí a importância da organização de uma agenda cultural bastante diversificada, com a realização de eventos especiais como mostras de artes plásticas e mostras literárias, a divulgação formal de eventos culturais em cartaz na cidade por meio de boletins impressos e de blogs/sites, além, é claro, da inserção de arte nos conteúdos programáticos das diversas disciplinas que compõem o currículo escolar.

AGENDA CULTURAL

Conceber a arte com uma função tão fundamental para a aprendizagem dos alunos exige o planejamento de uma agenda cultural inserida no cotidiano escolar de maneira organizada, harmônica e estratégica.

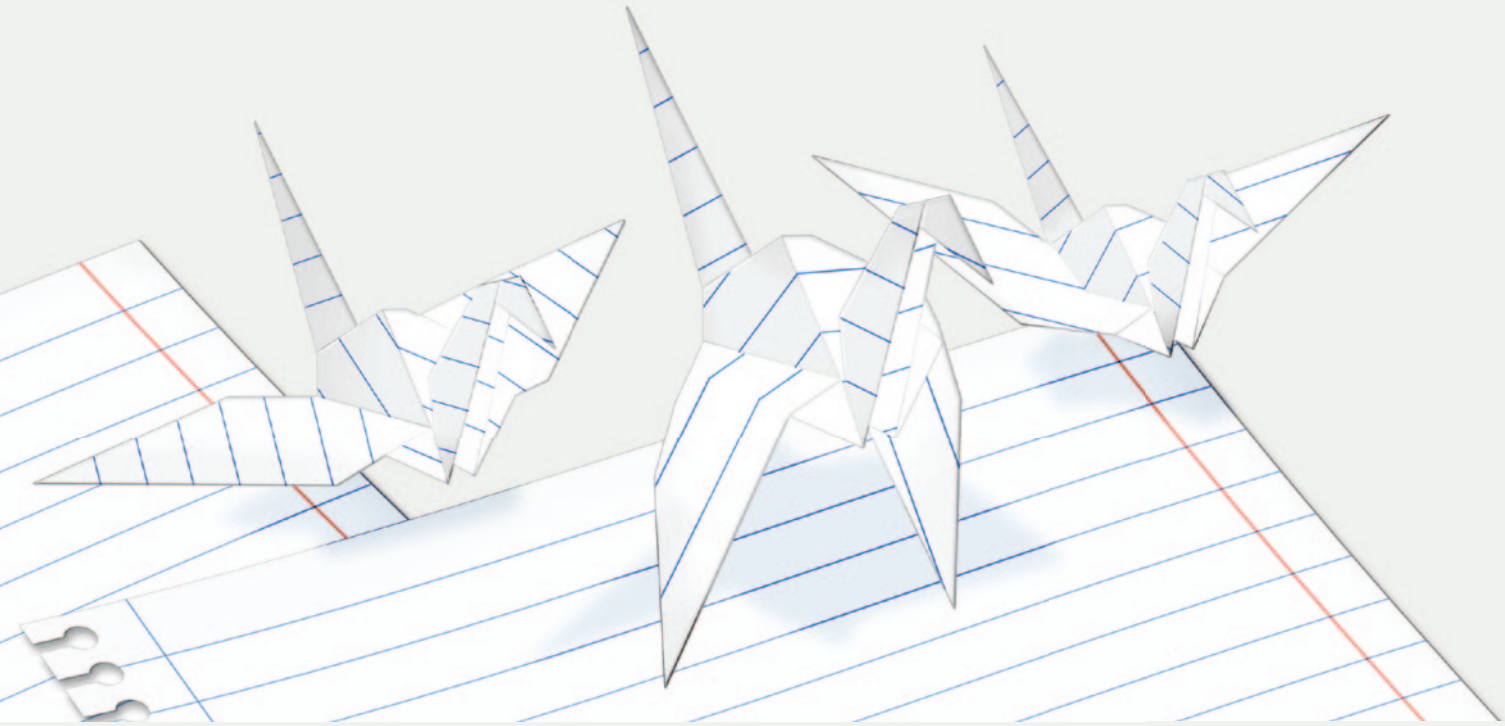
Essa organização prévia da agenda confere à arte um espaço privilegiado na escola à medida que não a reduz a um saber "acessório". Dessa forma, da mesma maneira que os alunos têm horários específicos para participar, por exemplo, de oficinas de reforço em Língua Portuguesa, Matemática, Geografia etc., da semana de provas, das olimpíadas de esportes ou de Física, eles precisam ter garantido um tempo para fruir de cinema, teatro, além de poderem participar de palestras sobre variados assuntos que contribuem para sua formação intelectual.

"Discordo quando dizem que a arte revela a realidade. Na verdade, a arte inventa a realidade. (...)

A poesia é uma dessas criações, no terreno da fantasia, que existe porque a vida não basta. Eu escrevo para ser feliz, escrevo porque estou me inventando, para ser melhor do que sou.

(Ferreira Gullar In http://veja.abril.com.br/160610/convocado-poesia-p-146.shtml)

As pessoas que não conseguem compreender o valor que uma obra de arte tem e, tampouco, desfrutar do prazer de contemplar esse singular produto humano, em geral, atribuem aos elementos da vida uma função unicamente pragmática e utilitária.



Afinal, para que servem um quadro como *Guernica*, de Pablo Picasso, uma peça de teatro como *Rei Lear*, de Shakespeare, ou um romance como *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa? Valem menos do que um teorema euclidiano, uma vacina contra a Gripe A, um acelerador de partículas, uma teoria sobre a evolução das espécies?

É inegável que todas essas descobertas e teorias científicas traduzem um incrível potencial do homem e um infinito poder inventivo que essa espécie tem nas situações mais adversas. A arte, todavia, pertence ao domínio de um impalpável humano que se concretiza num quadro, numa peça teatral, num filme, num romance, num poema.

Guernica traduz em imagens cubistas e expressionistas pretas, brancas e grises, o horror de uma guerra que matou cruelmente dezenas de civis espanhóis e que não pode mais acontecer; esse enorme painel pintado por Picasso traduz uma indignação coletiva contra os atos humanos mais hostis, predatórios e vis. Faz-nos relembrar para repudiar.

Rei Lear, texto inglês encenado pela primeira vez em 1606, lança-nos ainda hoje – de maneira segura porque estamos sentados confortavelmente numa plateia – ao tema das áridas relações de poder dentro das famílias. Obriga-nos a refletir sobre a difícil posição da filha de Lear, Cordélia, que questiona o poder arbitrário, cego e narcisista do pai e por isso é preterida, expulsa do reino e colocada em posição inferior a Goneril e Regan, as filhas hipócritas e bajuladoras do rei. Não há como não nos colocarmos no lugar de Cordélia ou do rei da Bretanha porque somos filhos e pais e porque também enfrentamos situações em que a voz sensata da razão cede lugar ao absurdo. Pela capacidade de adentrar nos desejos mais obscuros, de desnudar paixões, de revelar fantasmas, Harold Bloom defende que, mais do que representar o homem do século XVII, Shakespeare o inventou.

No Brasil, a imersão no sertão recriado por Guimarães Rosa obriga o leitor do romance mais importante da língua portuguesa a adentrar domínios estranhamente familiares e a travar contato com Riobaldo e Diadorim, personagens solapados por um amor impossível. E quem nunca viveu a sensação do amor impossível? A arte humaniza porque trata do que é essencialmente humano.

Em outra perspectiva, a fruição da arte, além de depender da sensibilidade de quem a lê, depende, em certo grau, de um conhecimento sistematizado dele sobre o que contempla. Em outras palavras: aprende-se a enxergar beleza na arte e a escola tem papel decisivo nessa "educação do olhar".

É função da escola, por exemplo, mostrar aos alunos que uma das canções mais bem realizadas

"A ARTE, TODAVIA, PERTENCE AO DOMÍNIO DE UM IMPALPÁVEL HUMANO QUE SE CONCRETIZA NUM QUADRO, NUMA PEÇA TEATRAL, NUM FILME, NUM ROMANCE, NUM POEMA."

do repertório musical brasileiro, *Beatriz*, foi composta por Chico Buarque e Edu Lobo tendo como "fonte de inspiração" o fascínio que uma atriz pode despertar em seus espectadores e que essa música atravessou um curioso percurso até tornar-se sucesso. É necessário "contar" aos alunos que os belíssimos versos de *Beatriz* foram compostos "a convite" do dramaturgo Naum Alves de Souza para um espetáculo de dança do Teatro Balé Guaíra, apresentado no Brasil em 1983. E que esse espetáculo – que mesclou dança, circo, teatro e música – surgiu quando, convidado pela direção do balé curitibano, Naum propôs à companhia a montagem de uma peça que trabalhasse com elementos presentes num poema brasileiro pouco lido, *O grande circo místico*, publicado em 1938 pelo poeta modernista Jorge de Lima, numa obra intitulada *A túnica inconsútil*. Talvez torne mais mágica ainda a experiência de ouvir *Beatriz*, de assistir ao espetáculo do Teatro Balé Guaíra e de ler o poema de Jorge de Lima se os alunos souberem que *O grande circo místico* foi inspirado numa história real (com elementos ficcionais) de um jovem estudante de medicina chamado Frédéric Knie, que, aos dezoito anos, apaixonou-se por uma acrobata e abandonou tudo para fundar, em 1806, uma companhia circense junto com a esposa. Hoje, essa companhia transformou-se no importante Circo Nacional Suíço, trupe que esteve no Brasil no início do século XX e serviu de mote para a inventiva cabeça surrealista de Jorge de Lima. As imagens suscitadas pela canção de Chico e de Edu Lobo podem multiplicar-se e enriquecer-se com esse conhecimento.

O mais bonito da arte, entretanto, é que ela pode prescindir de todas essas informações e ainda assim emocionar quem ouve *Beatriz* de Chico e Edu Lobo pela primeira vez. Acredito, todavia, que conhecimento também é uma forma de beleza, por isso convido a todos os educadores – e seus gestores – a dedicarem parte de seu tempo a organizar em sua escola uma agenda cultural e se aventurarem na fruição – por vezes difícil – das muitas "máscaras" estéticas que expressam o inominado, ou "recalcado", nas palavras do poeta Wally Salomão. Isso é Arte. »

A seguir, apresentamos alguns exemplos de eventos que podem compor uma boa agenda cultural na escola:

CINEMA NA ESCOLA

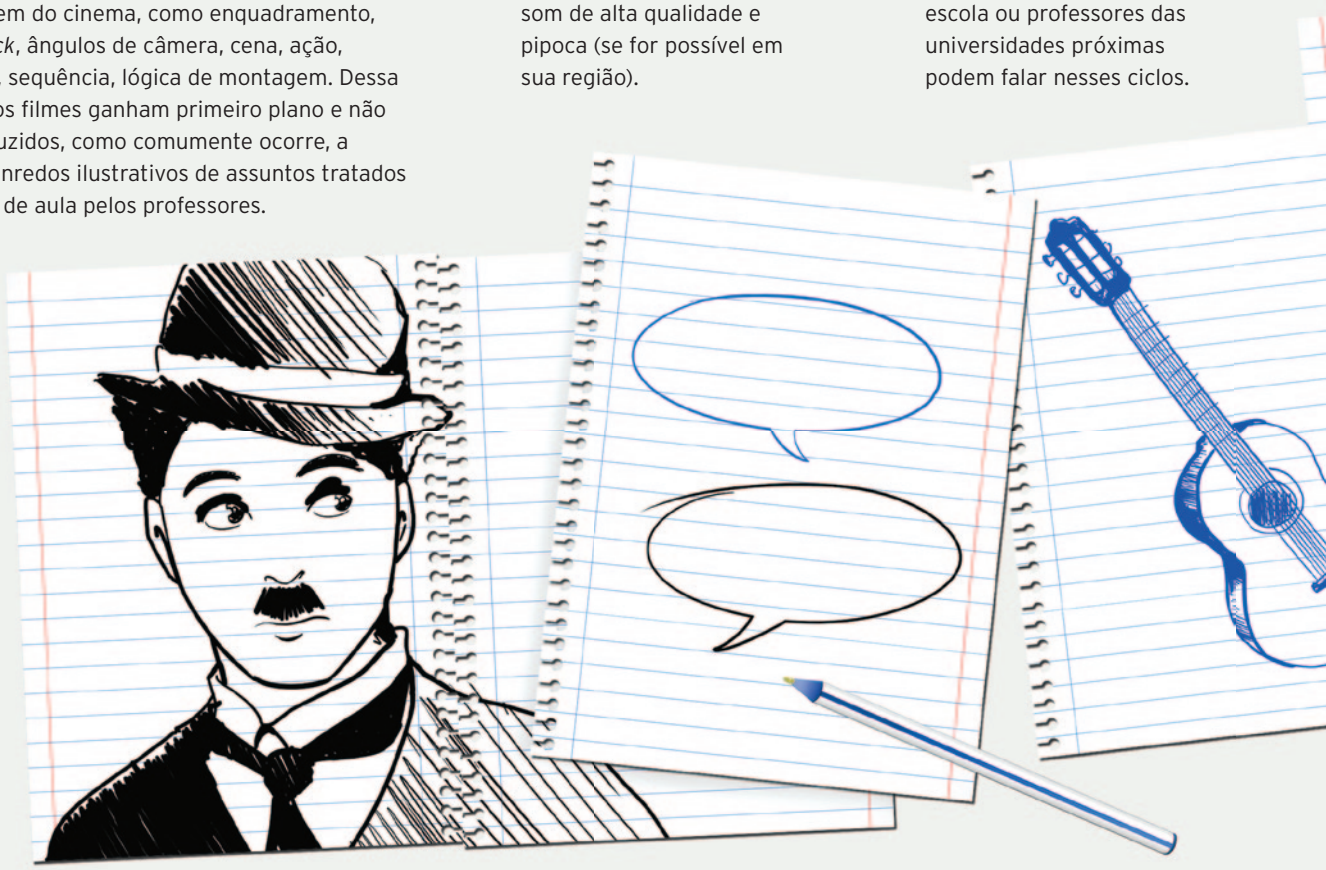
Trata-se de um ciclo especial dedicado à sétima arte. Nele, os alunos aprofundam seu olhar sobre cinema por meio da apresentação periódica, no auditório ou na sala de aula escura, de um filme seguido de um debate com um professor ou especialista. Privilegia-se, no ciclo, a discussão das especificidades da linguagem do cinema, como enquadramento, *flashback*, ângulos de câmera, cena, ação, tomada, sequência, lógica de montagem. Dessa forma, os filmes ganham primeiro plano e não são reduzidos, como comumente ocorre, a meros enredos ilustrativos de assuntos tratados em sala de aula pelos professores.

CINEMA (FORA) DA ESCOLA

Esse ciclo possibilita o contato dos alunos com as especificidades da arte cinematográfica e, como sabemos, nada substitui a exibição de um filme numa sala de cinema, com som de alta qualidade e pipoca (se for possível em sua região).

PALESTRAS

Uma boa agenda cultural deve abranger um ciclo de palestras sobre diversos assuntos ligados a artes, ciências, tecnologia, saúde, política, entre outros. Todo o corpo docente da escola ou professores das universidades próximas podem falar nesses ciclos.



CONVERSAS LITERÁRIAS

Nas conversas literárias, podem ser promovidos diálogos dos alunos com a literatura contemporânea. Depois de lerem nas aulas de Português romances, contos e poemas escritos na contemporaneidade, os estudantes têm a oportunidade rara de conversar com os artistas regionais que produzem literatura, presencialmente ou por videoconferência.

MOSTRAS ESPECIAIS

Podem ser realizadas, pelo menos, dois tipos de mostras de trabalho (intercaladas):

Mostra de artes plásticas. A disciplina de Arte pode ficar responsável por esse tipo de mostra que visa à aproximação do aluno de um fazer artístico, de um olhar estético e à ampliação do seu repertório cultural.

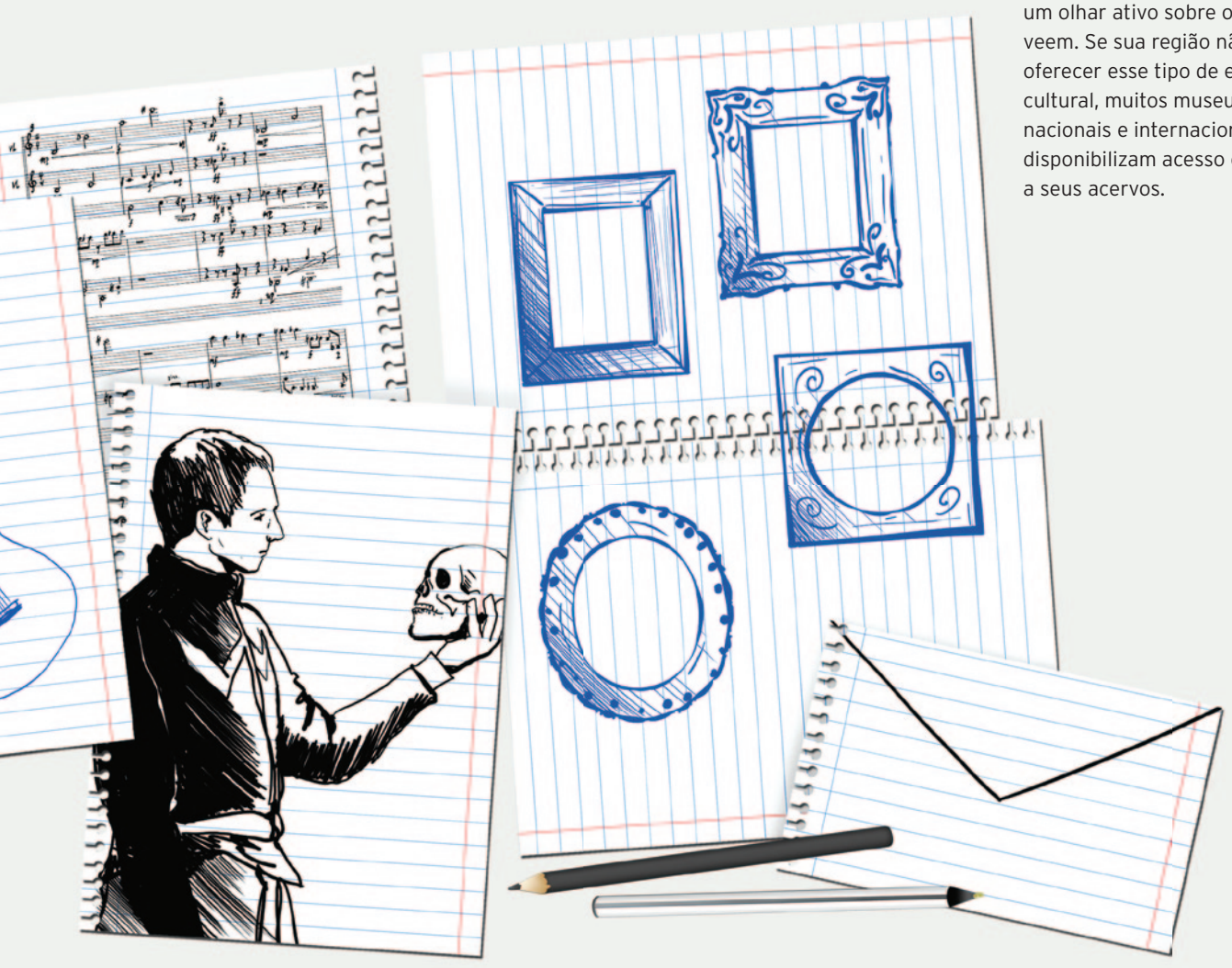
Mostra literária. O prazer em apreciar a arte da palavra e o desejo de vislumbrar um espaço especial para a literatura são motes de uma mostra dedicada às letras. Uma multiplicidade de eventos pode compor a mostra: encontro com autores, contadores de histórias, leituras dramatizadas, feira de livros, oficinas, exposição de trabalhos dos alunos e premiação a vencedores de um concurso literário.

TEATRO DENTRO DA ESCOLA

Para a realização dos projetos de teatro pelos alunos, é bom que se parta de uma perspectiva "essencialista", segundo a qual a arte, no caso o teatro, contribui de maneira singular, "única" para a experiência individual dos adolescentes. Autores como Vladimir Capella, Câmara Cascudo e Chico Buarque podem servir de mote para as montagens propostas nas aulas.

EXPOSIÇÕES

Há muito já se sabe que o estereótipo de que um museu é um espaço em que são depositadas obras de artistas importantes e antigos para contemplação passiva de visitantes é equivocado. Também já se sabe que uma galeria não é um espaço em que obras de arte caríssimas e inacessíveis são apresentadas a um público abastado. É importante que a escola realize visitas contextualizadas aos museus e/ou galerias da cidade, propondo aos alunos um olhar ativo sobre o que veem. Se sua região não oferecer esse tipo de espaço cultural, muitos museus nacionais e internacionais disponibilizam acesso on-line a seus acervos.



TEATRO FORA DA ESCOLA

As artes dramáticas devem estar presentes no cotidiano da escola em muitas frentes. A multiplicidade de linguagens que caracteriza o teatro é ferramenta importante no processo educacional e no exercício da alteridade. Além de "fazer teatro", entretanto, é importante que os alunos tenham contato efetivo com peças em cartaz em sua região ou por canais de vídeo na internet.

INFORMATIVOS CULTURAIS

Uma escola deve oferecer a seus alunos e pais boletins sobre teatro, espetáculos musicais, exposições, lançamento de livros etc. Esses documentos podem ser painéis impressos ou eletrônicos sobre atrações artísticas de qualidade que, muitas vezes, demonstram a riqueza da cultura regional. x

Wilton Ormundo é mestre e doutorando em literatura brasileira pela USP, coautor da coleção *Conexões em Língua Portuguesa*, professor de literatura e diretor escolar.

JOSÉ MORAN

O DESAFIO DA INSERÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA PÚBLICA

O desafio fundamental das escolas não é tecnológico, embora haja imensas carências na banda larga e recursos digitais. A grande questão é ser relevante e importante para a aprendizagem de todos – alunos, famílias, professores e gestores.

Na escola atual aprendemos pouco e não aprendemos o principal: a sermos pessoas cada vez mais evoluídas, livres, empreendedoras e responsáveis socialmente.

Nas escolas, a preocupação maior costuma ser com o conhecimento intelectual, com modelos predominantemente transmissivos. Na maior parte do tempo, ensinamos com materiais e comunicações escritas, orais e audiovisuais, que são extremamente importantes. Porém, a melhor forma de aprender é combinando com equilíbrio atividades, desafios e informação contextualizada. Para aprender a dirigir um carro, não basta ler muito sobre esse tema; é preciso experimentar, rodar com ele em diversas situações com supervisão, para depois poder assumir o comando do veículo sem riscos. »

Se é importante que os alunos saibam pesquisar, a aprendizagem precisa incentivar diferentes atividades e formas de pesquisa. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa. As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos.

Desafios e atividades podem ser dosados, planejados, acompanhados e avaliados com apoio de tecnologias. Desafios bem planejados contribuem para mobilizar as competências desejadas, intelectuais, emocionais, pessoais e comunicacionais. Exigem pesquisar, avaliar situações, pontos de vista diferentes, fazer escolhas, assumir alguns riscos, aprender pela descoberta, caminhar do simples para o complexo. Nas etapas de formação, os alunos precisam de acompanhamento de profissionais mais experientes para ajudá-los a tornar conscientes alguns processos, estabelecer conexões não percebidas, superar etapas mais rapidamente e confrontá-los com novas possibilidades.

Quanto mais aprendemos próximos da vida, melhor. As metodologias ativas são pontos de partida para avançar para processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas.

Alguns componentes são fundamentais para o sucesso da aprendizagem: a criação de desafios, atividades, jogos que realmente trazem as competências necessárias para cada etapa, solicitam informações pertinentes, oferecem recompensas estimulantes, combinam percursos pessoais com participação significativa em grupos, inserem-se em plataformas adaptativas, reconhecem cada aluno e ao mesmo tempo aprendem com a interação, tudo isso utilizando as tecnologias adequadas. O articulador das etapas individuais e grupais é o docente, com sua capacidade de acompanhar, mediar, analisar processos, resultados, lacunas e necessidades, a partir dos percursos realizados pelos alunos de forma individual e em grupo.

Esse novo papel do professor é mais complexo do que o anterior, de transmitir informações. Precisa de uma preparação em competências mais amplas, além do conhecimento do conteúdo, como saber adaptar-se ao grupo e a cada aluno; planejar, acompanhar e avaliar atividades significativas e diferentes.

Ele pode fazer isso com tecnologias simples, incentivando que os alunos contem histórias, trabalhem com situações reais, que integrem alguns dos jogos do cotidiano. Se mudarmos a mentalidade dos docentes para serem mediadores, poderão utilizar os recursos próximos, como os que estão no celular, uma câmera para ilustrar, um programa gratuito para juntar as imagens e contar com elas histórias interessantes.

Trabalhar com desafios hoje é mais complexo, porque cada um dos alunos envolvidos tem sua própria expectativa, motivação e atitude diante da vida. O educador precisa descobrir quais são as motivações profundas de cada um, o que o mobiliza mais para aprender, os percursos mais adequados para sua situação e combinar atividades grupais e pessoais de aprendizagem cooperativa e competitiva, de aprendizagem tutorada e autônoma, com tecnologias próximas da vida dos alunos. E isso exige mediadores muito experientes e preparados.

> "PRECISAMOS DE POLÍTICAS CONSISTENTES DE FORMAÇÃO, PARA ATRAIR OS MELHORES PROFESSORES, REMUNERÁ-LOS BEM E QUALIFICÁ-LOS MELHOR; DE POLÍTICAS INOVADORAS DE GESTÃO, QUE LEVEM OS MODELOS DE SUCESSO DE GESTÃO DA INICIATIVA PRIVADA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA E SUPERIOR."

TECNOLOGIA – O CAMINHO PARA DIVERSAS METODOLOGIAS DE ENSINO

Nas políticas públicas, há uma tendência – apesar de muitas carências estruturais – a comprar *tablets* ou *notebooks* para alunos e professores. Isso poderá ajudar a construir uma ponte maior dos professores e alunos entre o mundo real e o digital, entre o cotidiano e o ambiente de trabalho. Mas se depositarmos muita esperança nessas políticas quantitativas, poderemos frustrar-nos rapidamente. As tecnologias trazem muitas possibilidades, mas, sem ações de formação sólidas, constantes e significativas, boa parte dos professores tende, após a

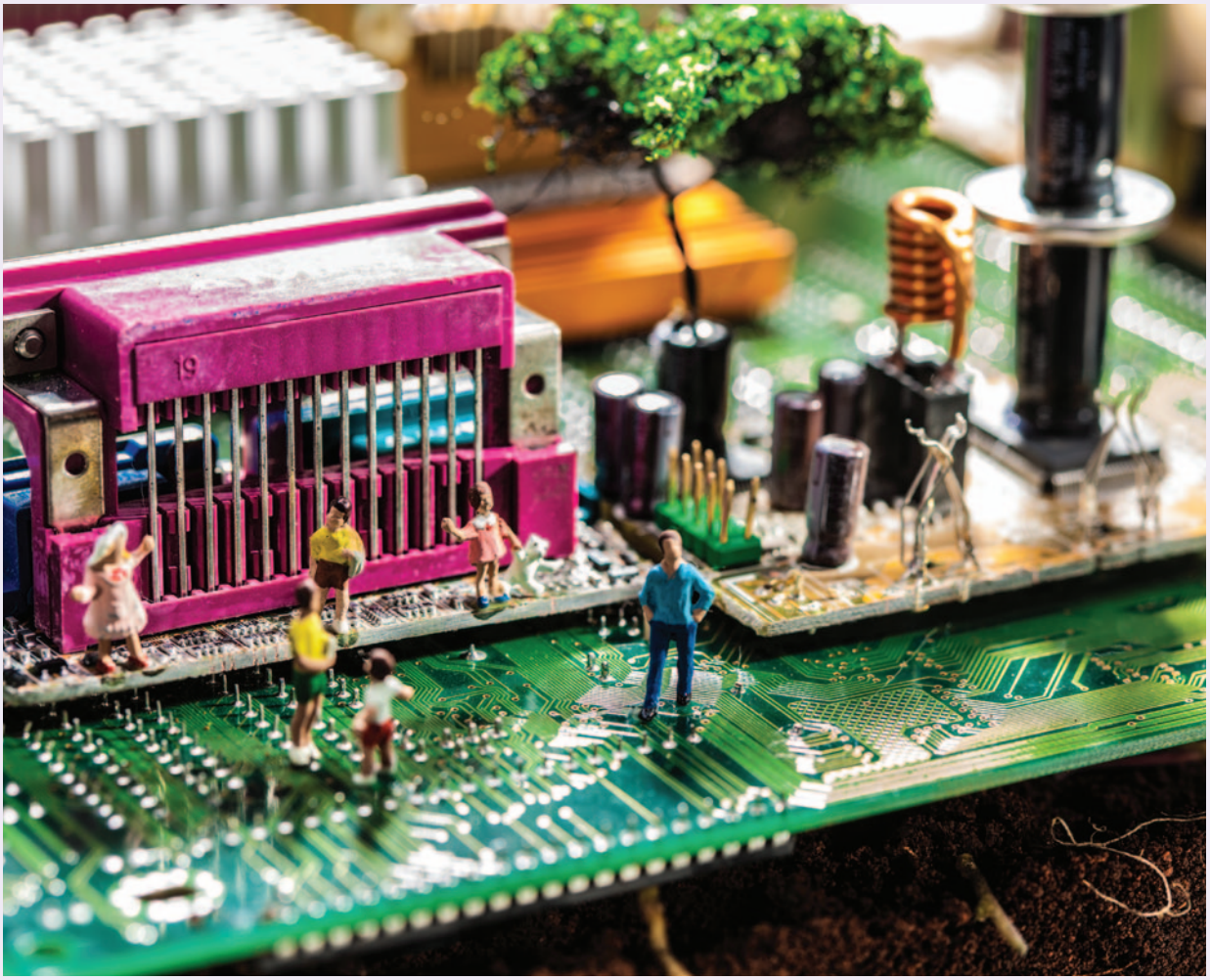
Em 2012, o MEC distribuiu mais de 600 mil *tablets* para escolas públicas federais, estaduais e municipais, com foco em professores de Ensino Médio. Esta é uma das ações do Projeto Educação Digital – Política para computadores interativos e *tablets*, que tem como objetivo oferecer instrumentos e formação aos professores e gestores para o uso intensivo das tecnologias de informação e comunicação (TICs) no processo de ensino e aprendizagem.
Pelo cronograma do projeto Educação Digital, assim que for concluída a entrega de *tablets* para as escolas do Ensino Médio, terá início a distribuição para as instituições do Ensino Fundamental que oferecem os anos finais e, a seguir, para os anos iniciais. Foram pré-requisitos para se definir por onde começar a distribuição de *tablets*: ser escola urbana de Ensino Médio, ter internet banda larga, laboratório do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) e rede sem fio (*wi-fi*).
Fonte: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17479.

empolgação inicial, a um uso mais básico, conservador – de repositório de informações ou publicação de materiais – enquanto os alunos, quando sem orientação, privilegiam o entretenimento.

Hoje é difícil definir uma política tecnológica na escola pela rapidez com que mudam os equipamentos, as versões, atualizações dos programas e aplicativos. O investimento é caro e a validade incerta. Há muitas soluções possíveis, alto grau de incompatibilidade entre os sistemas, custos altos de banda larga e recursos escassos para atender a tantas demandas prioritárias.

Ainda há uma resistência de muitos docentes, velada ou ostensiva, em trabalhar as tecnologias diretamente com os alunos. Os mais proativos enfrentam a precariedade da infraestrutura, dos recursos, dos programas e do acesso.

Muitas escolas e professores preferem modelos de aulas prontas, com roteiros definidos. Se eles conseguem fazer um bom trabalho, se os alunos aprendem, isso é positivo, porque o importante não é o que a escola e os professores ensinam, mas o »



que os alunos efetivamente aprendem. Entendo que, para muitos, aplicar atividades e materiais preparados previamente por especialistas é mais produtivo do que elaborar seus próprios roteiros.

Em educação – em um período de tantas mudanças e incertezas – não devemos ser xiitas e defender um único modelo, proposta, caminho. Trabalhar com desafios, com projetos reais, com jogos, parece o mais significativo hoje, mas provavelmente pode ser realizado de várias formas e em contextos diferentes. Podemos ensinar por problemas e projetos num modelo disciplinar e em modelos sem disciplinas isoladas; com modelos mais abertos – de construção mais participativa e processual – e com modelos mais roteirizados, preparados anteriormente, planejados nos seus mínimos detalhes. É possível obter sucesso (hoje mais difícil) com métodos mais tradicionais, ouvindo, por exemplo, grandes lições de grandes especialistas.

Cada escola pode fazer diferentes escolhas desde que o resultado seja satisfatório na aprendizagem. Não podemos endeusar o método, e sim como ele é aplicado e os resultados obtidos. Não é questão de se propor um relativismo, mas aceitar que possamos, num contexto tão difícil e complexo de mudanças, chegar a resultados semelhantes por caminhos diferentes.

Como docentes ou gestores teremos nossas preferências; só que é preciso saber, quando estamos numa instituição formal, como conciliá-las com o projeto pedagógico explicitado pela escola. Há escolas que coincidem com nossa visão de mundo e, consequentemente, nos facilita a execução do trabalho docente. Em outras palavras, precisaremos fazer uma ponte entre a proposta pedagógica formal e nossa forma de pensar e agir.

Alguns países têm um currículo formal detalhado, outros têm um currículo mínimo com diretrizes específicas para cada curso ou área. Cada um tem suas vantagens e desvantagens. Há países (predominantemente de cultura anglo-saxônica) com forte tradição pedagógica tutorial, de aprendizagem personalizada, e há outros países (em geral, latinos) em que predomina uma cultura familiar e educacional mais paternalista, de oferecer ao aluno tudo mais pronto, elaborado, previsível. Dentro desses modelos predominantes há muitas variáveis e diferenças internas. Nenhum país tem um único modelo, assim como vemos no Brasil escolas com modelos não disciplinares convivendo com a maioria disciplinar; modelos de educação mais flexível, *blended learning* com outros mais formais ou rígidos.

O difícil no Brasil é aumentar o número de escolas – públicas e privadas – de qualidade; de escolas com

bons gestores, docentes e infraestrutura, que consigam motivar os alunos e que realmente promovam uma aprendizagem significativa, complexa e abrangente. Faltam muitas condições estruturais – carreira, formação, valorização – para poder cobrar essa melhoria, mas esse é um desafio de longo prazo para toda a sociedade. Precisamos de políticas consistentes de formação, para atrair os melhores professores, remunerá-los bem e qualificá-los melhor; de políticas inovadoras de gestão, que levem os modelos de sucesso de gestão da iniciativa privada para a educação básica e superior. Precisamos também de maior apoio ao ensino técnico e tecnológico, integrando-os melhor, de forma que um aluno possa profissionalizar-se antes e, ao mesmo tempo, seguir um currículo superior mais próximo do que a sociedade necessita. Precisamos, finalmente, de parcerias público-privadas eficientes e constantes, com maior integração de programas e recursos econômicos e tecnológicos.

Sem essas políticas mais estruturais, é muito difícil conquistarmos mudanças significativas na rede educacional, principalmente na pública, e só conseguiremos que alguns grupos e escolas isoladas obtenham excelência, no meio de uma maioria com severas deficiências.

DESAFIOS QUE AS TECNOLOGIAS MÓVEIS TRAZEM PARA A ESCOLA

A chegada das tecnologias móveis à sala de aula traz tensões, novas possibilidades e grandes desafios. São cada vez mais fáceis de usar, permitem a colaboração entre pessoas próximas e distantes, ampliam a noção de espaço escolar, integrando os alunos e professores de países, línguas e culturas diferentes. E todos, além da aprendizagem formal, têm a oportunidade de se engajar, aprender e desenvolver relações duradouras para suas vidas. Ensinar e aprender podem ser feitos de forma muito mais flexível, ativa e focada no ritmo de cada um.

As próprias palavras “tecnologias móveis” mostram a contradição de utilizá-las em um espaço fixo como a sala de aula: elas são feitas para movimentar-se, para levá-las a qualquer lugar, utilizá-las a qualquer hora e de muitas formas. Como conciliar mobilidade e espaços e tempos previsíveis? Por que precisamos estar sempre juntos para aprender? A escola precisa entender que uma parte cada vez maior da aprendizagem pode ser feita sem estarmos na sala de aula e sem a supervisão direta do professor. Isso assusta, mas é um processo inevitável, principalmente para alunos maiores. Em vez de ir contra, por que não experimentamos novos modelos mais flexíveis? »

O modelo mais interessante e promissor é o de concentrar, no ambiente virtual, o que é informação básica e, na sala de aula, as atividades mais criativas e supervisionadas. É o que se chama de aula invertida ou *flipped learning*. A combinação de aprendizagem por desafios, problemas reais e jogos, com a aula invertida é muito importante para que os alunos aprendam fazendo, aprendam juntos e aprendam, também, no seu próprio ritmo. E é decisivo também para valorizar mais o papel do professor como gestor de processos ricos de aprendizagens significativas e não o de um simples repassador de informações.

A gestão das tecnologias pelas escolas costuma passar por três etapas. Na primeira, as tecnologias são utilizadas para melhorar o que já se vinha fazendo, principalmente os processos administrativos, automatizando rotinas, digitalizando documentos e divulgando informações para o público externo. Na segunda etapa, a escola insere parcialmente as tecnologias no projeto educacional: cria uma página na internet ou portal com algumas ferramentas de pesquisa e comunicação, divulga textos e endereços interessantes; o professor coloca alguns materiais de referência; há atividades pontuais no laboratório de informática ou com tecnologias móveis, sem mexer na estrutura de aulas, disciplinas e horários. A terceira etapa é de amadurecimento e de inovação: as escolas repensam o seu projeto pedagógico, o seu plano estratégico e introduzem mudanças metodológicas e curriculares significativas como a aula invertida, a aprendizagem híbrida ou *blended learning*, com maior integração entre os momentos presenciais e os on-line. Hoje temos escolas que estão em estágios bem diferentes de inserção tecnológica e de avanços metodológicos.

Os docentes podem utilizar os recursos digitais na educação, principalmente a internet, como apoio para a pesquisa, para a realização de atividades discentes, para a comunicação com os alunos e dos alunos entre si, para a integração entre grupos dentro e fora da turma, para publicação de páginas web, blogs, vídeos e para a participação em redes sociais, entre muitas outras possibilidades.

Temos as tecnologias mais organizadas em ambientes virtuais de aprendizagem estruturados – Moodle e semelhantes – que permitem que tenhamos um certo controle de quem acessa o ambiente e das atividades que cada um realiza dentro deles. Além desses ambientes mais formais, há um conjunto de tecnologias, recursos e aplicativos mais abertos, intuitivos e, em geral, gratuitos (blogs, *podcasts*, *wikis*, redes sociais), com os quais professores e alunos se sentem mais livres para criar – individualmente e em grupos – materiais, histórias, jogos, atividades, propostas, discussões, vídeos para situações formais e informações de ensino e aprendizagem. A combinação dos ambientes mais formais com os informais, feita de forma inteligente e integrada, nos permite conciliar a necessária organização dos processos com a flexibilidade de poder adaptá-los a cada aluno e grupo.

Quanto mais tecnologias móveis, maior é a necessidade do professor planejar quais atividades

fazem sentido para a classe, para cada grupo e para cada aluno. As atividades exigem o apoio de materiais bem elaborados. Os conteúdos educacionais – atualizados e atrativos – podem ser muito úteis para que os professores possam selecionar materiais textuais, audiovisuais – impressos e/ou digitais – que sirvam para momentos diferentes do processo educativo: para motivar, ilustrar, contar histórias, orientar atividades, organizar roteiros de aprendizagem e a avaliação formativa.

A seleção de bons materiais, validados por especialistas, é muito importante para os alunos, que recebem muitos temas e abordagens interessantes, de forma organizada e adequada para a etapa de desenvolvimento cognitivo em que se encontram.

As atividades e as aulas roteirizadas com a linguagem de jogos cada vez estão mais presentes no cotidiano escolar. Para gerações acostumadas a jogar, a linguagem de desafios e recompensas, de competição e cooperação, é atraente e fácil de perceber. Os jogos colaborativos e individuais, de competição e colaboração, de estratégia, com etapas e habilidades bem definidas, se tornam cada vez mais presentes nas diversas áreas de conhecimento e níveis de ensino.

A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NO DESEMPENHO DO PROFESSOR

Existem fundamentalmente dois tipos de professores em relação ao uso de tecnologias e materiais: os que precisam ser mais monitorados e seguem mais fielmente roteiros e guias feitos por especialistas e os que utilizam esses materiais como ponto de partida para uma reelaboração criativa e personalizada.

Os professores podem utilizar as tecnologias em suas disciplinas ou áreas de atuação, incentivando os alunos a serem produtores e não só receptores. Podem disponibilizar os conteúdos (ao menos, uma parte deles) em ambientes virtuais de aprendizagem, para sentirem-se livres da tarefa monótona, repetitiva, cansativa e pouco produtiva de falar e escrever os mesmos assuntos para diversas turmas e concentrar-se em atividades mais criativas e estimulantes – como as de orientação –, tirar dúvidas, aprofundar as informações básicas adquiridas e contextualizá-las. As tecnologias nos libertam das tarefas mais penosas – as repetitivas – e nos permitem concentrar nas atividades mais criativas, produtivas e fascinantes. Não podemos esquecer, porém, que há nelas usos dispersivos. É cada vez mais difícil concentrar-se em um único assunto ou texto, pela quantidade de solicitações que encontramos nas tecnologias e aplicativos móveis. Tudo está na tela, para ajudar e para complicar, ao mesmo tempo.

O professor Roniel Sampaio Silva, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, foi um dos vencedores do 7º Prêmio Professores do Brasil por desenvolver e aplicar, desde 2013, o podcast Café com Sociologia em suas turmas, atividade de ensino que reunia conceitos da matéria intercalados com músicas e poemas.

Fonte: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=20185:podcast-da-nova-motivacao-a-aulas-de-sociologia-em-rondonia&catid=212:educacao-superior

As tecnologias e técnicas de comunicação também são importantes para o sucesso do educador. Um professor que fala bem, que conta histórias interessantes, que tem *feeling* para sentir o estado de ânimo da classe, que se adapta às circunstâncias, que sabe jogar com metáforas e humor, que usa as tecnologias adequadamente, sem dúvida conseguirá bons resultados com os alunos. Os alunos gostam de alguém que os surpreenda, que traga novidades, que varie suas técnicas e métodos de organizar as atividades de ensino e aprendizagem.

Quanto mais temos avançadas tecnologias, maior é a importância dos profissionais competentes, confiáveis, humanos e criativos. A educação é um processo de interação humana complexa e profunda, com diferentes formas de integração entre o presencial e o on-line. Ensinamos e aprendemos mais e melhor – em qualquer modalidade – quando o fazemos num clima de confiança, de incentivo, de apoio, dentro de limites claros e negociados. Para isso, precisamos de pessoas curiosas, motivadas, afetivas e éticas, que gostem de aprender e de praticar o que aprendem, suficientemente evoluídas para transmitir confiança, acolhimento e competência com sua presença, falas, gestos e ações no contato presencial e on-line. x

José Moran é pesquisador e orientador de projetos educacionais inovadores com metodologias ativas em cursos presenciais e on-line. Autor do livro *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. Textos da página do Prof. Moran em *www.eca.usp.br/moran* e no blog *moran10.blogspot.com*

PARA SABER MAIS

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5ª Ed. Campinas: Papirus, 2012.

Professor,

PNLD 2015

#eusouensinomédio

Unindo sua **experiência** em ensinar com as **inovações** do mundo, o nosso **compromisso** com a educação fica muito **mais forte**

MKT • MODERNA

Moderna

APROVADA E COMPROVADA NO PNLD

A força da Matemática Moderna

100% DE APROVAÇÃO NA HISTÓRIA DO PNLD

CONEXÕES
COM A MATEMÁTICA
Editor responsável:
Fábio Martins de Leonardo

NOVA EDIÇÃO

CÓDIGO DA COLEÇÃO: **27519**COL**02**

MATEMÁTICA
PAIVA
Manoel Paiva

NOVA EDIÇÃO

CÓDIGO DA COLEÇÃO: **27583**COL**02**

A força da Física Moderna

100% DE APROVAÇÃO EM TODA A HISTÓRIA DO PNLD

FÍSICA
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Paulo Antonio de Toledo Soares
Paulo Cesar Martins Penteado
Nicolau Gilberto Ferraro
Carlos Magno A. Torres

NOVA EDIÇÃO

CÓDIGO DA COLEÇÃO: **27647**COL**22**

CONEXÕES
COM A FÍSICA
Gloria Martini
Walter Spinelli
Hugo Carneiro Reis
Blaidi Sant'Anna

NOVA EDIÇÃO

CÓDIGO DA COLEÇÃO: **27646**COL**22**

Biologia Amabis e Martho

LIDERANÇA COMPROVADA EM TODA A HISTÓRIA DO PNLD

BIOLOGIA
EM CONTEXTO
Amabis • Martho
+ LIVRO DIGITAL

NOVA EDIÇÃO

CÓDIGO DA COLEÇÃO: **27644**COL**20**

A força da Biologia Moderna

CONEXÕES
COM A BIOLOGIA
Editora responsável:
Rita Helena Bröckelmann
+ LIVRO DIGITAL

LANÇAMENTO

CÓDIGO DA COLEÇÃO: **27518**COL**20**

Folheie nossas obras aprovadas no site: **www.moderna.com.br/pnld**

VIOLÊNCIA ENTRE OS MUROS DA ESCOLA

Do *bullying* à agressão física, das depredações ao tráfico de drogas, a violência se faz presente no dia a dia de muitas escolas. Um problema que, para ser enfrentado, é preciso, antes, ser compreendido.

Por **PAULO DE CAMARGO**

Basta ler os jornais, consultar pesquisas ou mesmo conversar com educadores: há uma percepção disseminada de que os conflitos no ambiente escolar vêm aumentando, em suas diferentes modalidades. Cerca de 3,5 mil diretores de escolas públicas que responderam aos questionários da Prova Brasil 2011 (7% do total) apontaram a ocorrência de agressões físicas de alunos a professores naquele ano letivo. Já agressões verbais foram relatadas por 62% dos entrevistados. Somem-se a esses os casos de depredações do equipamento escolar, pichações, brigas entre alunos, tráfico de drogas nos arredores ou dentro das instituições de ensino. O que está acontecendo?

Para começar a entender a situação, diz a pesquisadora Telma Vinha, da Universidade Estadual de Campinas, é preciso lembrar que a escola não é o centro irradiador, mas o reflexo de um contexto social violento vivido pelo Brasil. O Mapa da Violência 2013, estudo produzido pelo pesquisador Júlio Jacobo Waiselfisz, do Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, mostrou que 206 mil pessoas morreram por homicídio no Brasil, nos últimos 4 anos – número que superou os 12 maiores conflitos armados do planeta, sendo que não há no país um contexto de lutas étnicas ou religiosas, separatismo ou terrorismo. »

Para Waiselfisz, há, sim, uma cultura de violência acentuada no Brasil. "A maioria dos homicídios no país não está relacionada à droga, e sim a essa cultura. São crimes banais", afirma. Para ele, uma das causas é a baixa capacidade de negociação dos conflitos – o que faz com que a violência seja frequentemente utilizada para a solução dos problemas.

VIOLÊNCIA NA, À E DA ESCOLA

É nesse ambiente violento, quase como um campo de batalha social, que a escola está inserida. Mas, justamente por isso, é preciso ter cuidado, alerta o pesquisador francês radicado no Brasil, Bernard Charlot. Em suas pesquisas, Charlot diz que é preciso separar o que é violência *na* escola, violência *à* escola e violência *da* escola.

A violência *na* escola é justamente a que reflete a cultura violenta da sociedade. Um estudo nacional do IBGE com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, publicado em 2013, mostrou que 7,3% dos alunos desta série declararam envolvimento em brigas com armas brancas, e 6,4% com armas de fogo, nos 30 dias que antecederam a pesquisa.

Já a violência *à* escola contempla as dirigidas diretamente à instituição, como as pichações e as depredações. Nesse campo, igualmente, os números são preocupantes. Depredações por agentes estranhos à escola aconteceram em 20% das instituições públicas participantes do Prova Brasil; já pichações foram relatadas por 25% dos diretores.

Por fim, há um tipo de violência que diz respeito às próprias relações escolares, que Charlot chama de violência institucional e simbólica. Está representada na postura autoritária, nas formas de avaliação, nas relações humanas, na disposição dos alunos em sala e em incontáveis situações que envolvem arbitrariedade.

Aqui, entram em jogo confusões que têm se tornado comuns na percepção de violência. Na mídia, por exemplo, indisciplina e *bullying* acabam entrando no mesmo contexto de formas de violência bruta, como a agressão física a professores. Mas, até mesmo para que a escola possa buscar formas de atuar preventiva ou corretivamente, é preciso discernir as diferentes modalidades de conflitos.

> "O BOM COMPORTAMENTO NEM SEMPRE É SINAL DE DISCIPLINA, POIS PODE INDICAR APENAS UMA ADAPTAÇÃO AOS ESQUEMAS DA ESCOLA, SIMPLES CONFORMIDADE E APATIA."
> (Telma Vinha)

Para Telma Vinha, não se trata de negar a violência escolar. "Ela existe sim, mas em números menores do que sugere o alarde feito em torno do assunto", diz. Comparando dados da Prova Brasil de 2007 e 2011, Telma notou que as indicações de violência como agressões físicas entre alunos, de alunos para professores e também de docentes para alunos diminuíram ou se mantiveram estáveis, em índices de 1 a 2% das respostas.

O que há, segundo a pesquisadora, é um crescente aumento do que chama de casos de incivilidade – microviolências, expressas por pequenas agressões que se repetem, como zombarias, comportamentos inadequados ou irritantes, desordens, desacatos, linguajar chulo ou impróprio. "A incivilidade não contradiz a lei, mas as regras de convivência", explica.

Outra esfera de conflito são os casos de transgressão direta ao regulamento interno da escola, como é o caso do uso de celular em sala de aula, a cabulação e outras atitudes.

Por fim, dentro dessa perspectiva, entram os casos de indisciplina, que são aqueles que interferem diretamente no contrato pedagógico, prejudicando ou inviabilizando as relações entre aluno e professor. "A indisciplina está relacionada à ruptura do contrato social de aprendizagem", diz o pesquisador Joe Garcia.

Para Telma, muitas vezes se associa equivocadamente a existência de indisciplina a aquilo que incomoda o professor. Mas é importante notar que a indisciplina não engloba somente uma questão de comportamento. "O bom comportamento nem sempre é sinal de disciplina, pois pode indicar apenas uma adaptação aos esquemas da escola, simples conformidade e apatia", diz.

De qualquer modo, diferentes estudos vêm mostrando que os professores se sentem reféns do contexto. Mostram-se desestimulados e se assumem despreparados para lidar com as diferentes situações de conflito", diz Telma.

CAMINHOS E POSSIBILIDADES

Mas o que fazer, então? Em primeiro lugar, separar o joio do trigo. Há campos em que a escola pode atuar mais diretamente; em outros, é fundamental haver uma ação intersetorial do poder público.

Não é admissível, por exemplo, que 10% dos alunos de 9º ano relatem ter faltado à escola recentemente por medo do trajeto, como aponta a pesquisa do IBGE. Nesses casos, é fundamental que a instituição de ensino não se conforme com a questão e procure as autoridades, a imprensa e organizações sociais em busca de uma solução do Estado.

Da mesma forma, a ocorrência de tráfico de drogas nas imediações e as agressões externas demandam ações não apenas de segurança pública. Colocar grades e cadeados pode apenas agravar o problema, se a escola não tiver uma compreensão mais ampla de seu papel social. "O diretor escolar precisa lembrar que é um líder comunitário, e não apenas um líder de sua própria instituição", diz o pesquisador

norte-americano Brian Perkins, da Universidade de Cambridge. Perkins assessora a prefeitura do Rio de Janeiro no projeto Escolas do Amanhã, em comunidades carentes, e leva a experiência que teve em regiões socialmente vulneráveis dos Estados Unidos, de países da África e de outras regiões.

Um bom exemplo desse comportamento de liderança comunitária vem sendo dado pelo diretor Braz Rodrigues Nogueira, diretor da Escola Municipal Campos Salles, em São Paulo.

Assumindo como diretor em uma escola de uma comunidade reconhecidamente violenta, Braz Nogueira promoveu mudanças envolvendo a comunidade, reunindo jovens aos sábados para discutir juntos propostas para melhorar a escola e trazendo a comunidade para dentro da instituição.

"Ouvi muitos conselhos para não aceitar ser diretor em um lugar de 'favelados e bandidos'. Mas esse foi o empurrão que faltava para aceitar o desafio", lembra. Contudo, duas horas depois de começar sua primeira jornada, lembra-se de colocar a mão na cabeça e se perguntar: "o que eu fiz da minha vida?".

Num cenário de uma escola fragmentada e repleta de conflitos, disputada por grupos de poder interno, Braz se amparou em duas convicções que considera fundamentais: em primeiro lugar, a certeza de que a solução dos problemas sociais passa necessariamente pela educação, mas não apenas pela escola – e por isso educação é um desafio de toda a sociedade. "Enquanto a sociedade não se implicar com a educação, dificilmente a escola fará bom trabalho", diz.

Além disso, pensa Braz, a escola deve ser um centro de liderança na comunidade em que está inserida. Isso significa reconhecer as lideranças da comunidade e trabalhar articuladamente com elas na busca de efetivação do direito das pessoas.

Foi isso que ele fez ao procurar as lideranças do então iniciante movimento por moradias populares de Heliópolis, na cidade de São Paulo. "As lideranças da comunidade achavam muito estranho, pois nos fins de semana eu passava de bermuda e camiseta nas vielas, nas casas, convidando para reuniões", lembra. Entre as muitas atitudes que aproximaram a escola da comunidade, talvez a mais importante foi derrubar os muros que antes eram saltados por jovens que queriam jogar nas quadras da escola à noite e nos fins de semana.

Um episódio emblemático da época foi o roubo de 21 computadores da escola. Revoltado, Braz foi de rua em rua dizendo para os moradores do bairro de Heliópolis: "Não foi a escola, os filhos de vocês é que foram roubados". Três dias depois, foi abordado pelos ladrões, que combinaram a entrega das máquinas.

Internamente, Braz também procura estimular um relacionamento entre os alunos, criando um clima escolar mais adequado. Pela sua experiência, para que isso seja possível, é fundamental elevar a expectativa dos alunos, proporcionando um ambiente em que se acredita no sucesso da aprendizagem. "Quando eu cheguei aqui, ninguém podia nem se esbarrar, e já aconteciam gritos. Agora, há humanidade nas relações", diz. A diferença, acredita, vem das novas perspectivas de vida. "Nosso papel é levar as crianças e adolescentes a sonharem coisas melhores e a acreditarem nesses sonhos", finaliza. x

A POLÊMICA DO ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL

Dos conteúdos a serem ensinados até a prática imparcial em sala de aula, o ensino religioso torna-se um dos temas mais controversos do currículo, mas nem por isso precisamos ignorá-lo. Se bem trabalhada a disciplina pode promover a tolerância e o respeito à diversidade de crenças e atitudes espirituais.

Por **CAUÊ CARDOSO POLLA**

O estado brasileiro nem sempre foi laico. A constituição de 1824 previa em seu artigo 5º que a religião católica seguiria sendo "a Religião do Império; todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior do templo". Muito mudou até a constituição de 1988, e hoje não vigora qualquer tipo de religião oficial. É, inclusive, vedado ao Estado, como diz o artigo 19, inciso I, "estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança". Ora, por que então ainda se discute sobre o ensino religioso na educação básica?

Não se trata, é claro, de ser a favor ou contra a religião, seja ela qual for. É preciso, em primeiro lugar, compreender o que é propriamente este tipo de ensino. No caso do ensino público, é um componente curricular que segue uma legislação específica, legislação esta que não engloba o ensino privado. Como pontua o professor Sérgio Junqueira, da PUC-SP, "nas escolas públicas, cada sistema escolar tem o direito de definir os respectivos conteúdos com diferentes propostas, como, por exemplo, voltadas para a pluralidade cultural religiosa, no caso do Paraná, bem como um modelo confessional-doutrinal, como no caso do Rio de Janeiro". »

Ao analisar alguns números, vemos que, segundo o Questionário Diretor Prova Brasil 2011, 66% das escolas ministram aulas de ensino religioso, e 51% têm o costume de fazer orações ou cantar músicas religiosas. Então, pode-se perguntar, uma vez mais: por que muitas escolas públicas mantêm a disciplina no currículo se o Estado é laico? Primeiramente, é preciso lembrar que um Estado laico não é necessariamente um Estado ateu. Ser laico, quer dizer, em nossa constituição, *leigo*, o contrário de *clérigo*, religioso. Países vizinhos, como a Argentina e a Bolívia, mesmo sendo Estados democráticos, são religiosos. Há quem argumente contra a educação religiosa baseado na concepção de Estado laico: "se não há religião oficial, para que se ensinar religião? Religião é assunto privado de cada um". Mas ocorre que, mesmo em um país como o nosso, que não professa uma crença oficial, a religião tem um papel importantíssimo na constituição cultural do povo brasileiro, em suas mais variadas facetas. Para Sérgio Junqueira, "é importante lembrar que as manifestações religiosas estão presentes na culinária, na forma de ver o mundo, interferem na política e são, portanto, parte dos indivíduos, da sociedade como um todo".

Na mesma constituição que proíbe a intervenção religiosa no âmbito governamental, encontramos, no artigo 210, parágrafo primeiro, a seguinte formulação: "o ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental". Em 2011, o polêmico deputado Marco Feliciano propôs um projeto de lei que tornaria este ensino *obrigatório*, ainda que de matrícula facultativa por parte do aluno. Ou seja: não seria mais uma disciplina que pode ou não ser ensinada, mas sim uma disciplina que obrigatoriamente deveria constar do currículo, com a opção de não ser cursada pelo aluno. Este projeto reacendeu o debate sobre o ensino religioso na escola pública. Há professores preparados para serem imparciais, isto é, professores capazes de não doutrinar de acordo com sua própria crença? Além disso, é permitido forçar um professor de religião a ensinar sobre outras religiões contrárias à sua própria, caso professe alguma fé? Em qual faixa etária se deve estudar religião? Estas e outras inúmeras questões ressurgem cada vez que o tema vem à tona.

A professora Roseli Fischmann, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em um artigo publicado no jornal Folha de São Paulo, em 2011, explicita algumas das razões pelas quais se mostra contrária à obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas públicas. Para ela, o lugar deste ensino "é na família e nas comunidades religiosas, para quem assim o quiser. Por ser ligado ao direito à liberdade de consciência, de crença e de culto, o ensino religioso depende de ser buscado, não de ser oferecido sob a égide do Estado, por ser matéria íntima, de escolha, segundo a consciência de cada pessoa". Embora seja questão de foro privado, é certo que a religião está presente em nosso dia a dia, em nossas relações sociais.

Em 2008, três anos antes da proposta de tornar obrigatório o ensino religioso, havia ocorrido uma polêmica quando se ratificou um "Acordo entre a República Federativa do Brasil e a Santa Sé relativo ao estatuto jurídico da Igreja Católica no Brasil". Neste acordo, o artigo 11 menciona de forma explícita que "o ensino religioso, católico e de outras confissões religiosas, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, em conformidade com a Constituição e as outras leis vigentes, sem qualquer forma de discriminação." Embora se faça a ressalva da pluralidade do ensino, alguns observadores argumentaram que um acordo específico com a Igreja Católica só poderia ter como intuito privilegiar a religião católica, quando se tratasse de ensino religioso. Se é inegável que exista uma maioria católica no Brasil, também é inegável que este tipo de acordo pode tornar o ensino mais unilateral, e assim a diversidade almejada deixará de se constituir em um objetivo.

Embora hoje não seja tão presente, o ensino religioso já foi muito relevante em nossa história, e tem sua própria história. Como sintetiza Sérgio Junqueira, havia inicialmente "aula de religião, doutrinal para manutenção de uma religião hegemônica – católica romana –, o que persistiu até a década de setenta do século XX de forma ampla em todo o país. A partir de meados da década de setenta foi criado um modelo denominado interconfessional, ecumênico,

"É IMPORTANTE LEMBRAR QUE AS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS ESTÃO PRESENTES NA CULINÁRIA, NA FORMA DE VER O MUNDO, INTERFEREM NA POLÍTICA E SÃO, PORTANTO, PARTE DOS INDIVÍDUOS, DA SOCIEDADE COMO UM TODO."
(Sérgio Junqueira)

a partir de textos bíblicos e de valores ideológicos cristãos para justificar uma sociedade de uma única forma de ver o mundo religioso. A partir dos anos noventa, mas especificamente em 1997, passou a vigorar um ensino religioso com perspectiva escolar, considerando a pluralidade da sociedade brasileira, buscando o respeito pela diversidade do cidadão".

Embora se deva sempre buscar a tolerância para a compreensão da diversidade, o fato do ensino religioso ter diferente estatuto para o ensino privado e o público pode gerar alguns problemas. Como salienta Junqueira, "a legislação é exclusiva para a escola pública, que por ser um estado laico, ressalta que esta disciplina não deve conduzir ao proselitismo, mas à leitura da cultura religiosa da formação social do país". Já para a rede particular de ensino, pelo fato de não haver uma legislação específica, as instituições privadas podem conduzir a disciplina do modo como bem entenderem, o que pode levar a alguma radicalidade. Justamente por isto é sempre importante ter como objetivo uma *compreensão ampla* dos fenômenos religiosos.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E CURRÍCULO

Também pelo fato de não ser uma disciplina obrigatória, a formação de professores específicos para o ensino religioso é quase nula. Como salienta o professor Sérgio Junqueira, "o Brasil possui poucos professores de ensino religioso, que geralmente são profissionais de outras áreas que atuam com este componente curricular. Desta forma, os profissionais nem sempre sabem onde e o que buscar para desenvolver suas aulas, embora existam bons livros didáticos e materiais de apoio, como paradidáticos, CDs, vídeos, entre outros."

Outro problema corrente diz respeito justamente ao conteúdo a ser ensinado. O artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases trata desta matéria. O primeiro parágrafo determina que "os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores". Além disso, de acordo com o texto do parágrafo segundo, deverá ser ouvida a "entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso". Ocorre que, quando a disciplina é disponibilizada, há uma confusão geral quanto ao conteúdo e práticas pedagógicas a serem adotadas, justamente porque o trabalho de definição de conteúdos não acontece, ou acontece de forma muito deficiente.

É preciso, também, considerar a sala de aula que, por seu caráter heterogêneo, pode apresentar inúmeros problemas. É permitido ao aluno que professa determinada fé se recusar a acompanhar uma aula que aborde outra religião que não a sua? Qual deve ser a atitude do professor para conservar o espírito crítico que respeite a heterogeneidade dos alunos? O ambiente da sala pode se tornar um campo minado quando faltar respeito à diversidade, gerando discussões intermináveis que obscurecem o próprio objetivo do ensino, qual seja, o de ampliar o conhecimento de todos em relação à sua própria religião e a dos demais, bem como dos fenômenos religiosos como um todo.

O ensino religioso pode ser de grande valia na formação crítica dos cidadãos, ajudando a compreender como os fenômenos religiosos moldaram historicamente as sociedades, inclusive a sociedade na qual vive o próprio aluno. Observando como determinados hábitos, culturais, sociais e até mesmo alimentares, por exemplo, têm profunda influência religiosa, o aluno pode ampliar sua perspectiva de reflexão, sendo mais apto a tecer relações mais variadas entre o que aprende e vive. Embora seja muito importante, é preciso sempre atentar para os desafios que o ensino religioso traz consigo, para que não se tornem obscurecidos seus objetivos últimos, que visam à formação de um cidadão crítico e reflexivo. x

MANUSSAKIS

UM PANORAMA DAS GUERRAS NA ATUALIDADE

Fenômeno recorrente na história da humanidade, as guerras mudaram suas características através dos tempos. Pôr fim a todas as guerras tem sido também um anseio permanente. Educar para a paz é o caminho.

Por **NELSON BACIC OLIC**

A história da humanidade é uma trajetória quase contínua de guerras. Desde a Antiguidade, os livros registram a saga de heróis guerreiros, suas artimanhas, suas conquistas, suas derrotas. Ficaram gravados nesses relatos figuras como Aníbal, Leônidas, Alexandre, Carlos Magno, Júlio César, Napoleão, entre muitos outros. Nas últimas duas décadas, os conflitos se configuraram ainda sob a influência do término da Guerra Fria, do avanço do processo de globalização e da emergência do terrorismo como ameaça à segurança mundial.

PRINCIPAIS PALCOS DOS CONFLITOS ATUAIS

Ao longo da década de 1990, as situações de conflito estiveram relativamente distribuídas ao redor do globo, mas foram se concentrando na África e na Ásia. Atualmente, cerca de 75% desses eventos bélicos têm se verificado nesses dois continentes.

A África é o continente com a maior ocorrência de conflitos e também o recordista em número de vítimas. Na porção norte, área predominantemente árabe-muçulmana, o maior desafio para a estabilidade política dos países daquela região tem sido o avanço do fundamentalismo islâmico questionando regimes autoritários, tanto monárquicos (como o do Marrocos) ou republicanos, como o da Argélia e do Egito, com o objetivo de implantar governos com base religiosa.

Mas, no início da segunda década do século XXI, ocorreram importantes mudanças. Uma série de revoltas populares – a chamada Primavera Árabe – eclodiu contra vários regimes da região. Essas revoltas, que derrubaram os governos da Tunísia, Líbia e Egito e que defenestraram ditadores que estavam há décadas no poder, tiveram como vanguarda grupos laicos, embora partidos religiosos as tenham apoiado.

Um pouco mais ao sul da África do Norte, na região conhecida como Sahel, numa área de contato e transição entre o mundo árabe-islâmico e as civilizações negro-africanas, majoritariamente cristãs e animistas, o Sudão tornou-se motivo de inquietação mundial, sobretudo por causa do genocídio na região de Darfur. A Somália, localizada na vizinha região conhecida como Chifre da África é, desde 1991, um estado em ruínas, fragmentado politicamente e que luta contra a instauração de um governo regido por leis religiosas. »

Um pouco mais para o sul, há vários países onde a falência de governos, aliada à diversidade étnica e à abundância de certos recursos naturais, tem provocado alguns dos conflitos mais sangrentos da atualidade. Num passado recente, as áreas mais problemáticas foram aquelas da África Ocidental (Serra Leoa, Libéria e Costa do Marfim). Ainda nessa região, há conflitos nos quais o peso do fator religioso é crucial. É o que tem acontecido com frequência nos choques entre muçulmanos e cristãos na Nigéria e República Centro-Africana.

Mais para leste e desde o final da década de 1990, na região dos Grandes Lagos, especialmente na República Democrática do Congo, acontece um conflito – na verdade vários conflitos entrecruzados – cuja notoriedade é de ter causado, até agora, o maior número de vítimas, estimadas em alguns milhões. Não se pode esquecer também que, em 1994, ocorreram grandes massacres étnicos que ceifaram a vida de quase um milhão de pessoas em Ruanda.

Na África Austral resolveram-se conflitos e tensões que marcaram as décadas anteriores. Os acordos de paz em Moçambique e Angola encerraram duas longas guerras civis, mas talvez a mudança mais significativa na região tenha sido o fim do regime do *apartheid* na África do Sul.

Já na Ásia, têm ocorrido alguns dos conflitos mais complexos, duradouros e de mais difícil solução. Eles têm se verificado especialmente em três regiões: a Ásia Central, o Subcontinente Indiano e o Oriente Médio. Na Ásia Central, o epicentro das crises é o Afeganistão, que vive, desde 1979, um ciclo interminável de conflitos. Na região, uma combinação de fatores como a disputa por importantes recursos energéticos, as rivalidades étnico-religiosas, o avanço do fundamentalismo islâmico e, mais recentemente, os desdobramentos resultantes das ações militares norte-americanas na região explicam os conflitos e tensões existentes que se refletem sobre as regiões vizinhas.

No subcontinente indiano, o pivô das situações conflitivas é o Paquistão, que não só sofre como exerce influência sobre os acontecimentos do vizinho Afeganistão. Vários fatores colocaram o país em ebulição nos últimos anos: o frágil equilíbrio entre as etnias e a proliferação de grupos extremistas associados ao islamismo geraram uma persistente instabilidade interna. Some-se a isso rivalidade histórica do país com a vizinha Índia, cujo foco é a disputa pela região da Caxemira.

Na região do Oriente Médio, destacam-se três graves crises geopolíticas. A primeira, refere-se à longa luta dos palestinos pela criação de um lar nacional nos territórios ocupados por Israel na Faixa de Gaza e Cisjordânia. A segunda ocorreu de 2003 a 2011, no Iraque, como resultado da intervenção dos Estados Unidos nesse país. Mesmo com a saída, em 2011, das forças norte-americanas do país, cotidianamente as tensões entre as comunidades xiita e sunita têm causado dezenas de vítimas. Mais recentemente, a guerra civil na Síria parece não encontrar solução no curto prazo.

Na Europa, as tensões e conflitos recentes ocorreram por conta da desintegração da URSS (1991) e da antiga Iugoslávia (1991-2008). Neste último país, o processo de desintegração envolveu os conflitos na Croácia, na Bósnia-Herzegovina e na região de Kosovo e deu origem a oito novos Estados, enquanto o da URSS originou mais 15. Vários dos novos países têm graves problemas internos ou de relacionamento com seus vizinhos, dando margem para eclosão de novos conflitos. Recentemente, ganhou repercussão a crise entre Ucrânia, Rússia e região da Crimeia, de maioria russa, mas pertencente à Ucrânia.

Nos dias que correm, pode-se afirmar que, em termos de conflitos, a América é o continente mais tranquilo. Uma tendência de pacificação de áreas conflitadas tomou corpo no continente após o término da Guerra Fria. Os conflitos existentes anteriormente na América Central – Guatemala, El Salvador e Nicarágua – e que estavam inseridos no contexto da Guerra Fria, aparentemente se resolveram.

Apesar da existência de tensões, algumas antigas e outras mais recentes, o único conflito que pode ser listado como tal continua sendo a guerra civil que acontece na Colômbia. Neste país, a guerrilha de esquerda que se associou ao narcotráfico e hoje está bastante enfraquecida, contribuiu para a proliferação da violência em escala nacional, chegando a ameaçar em certos momentos o equilíbrio geopolítico entre os países do norte da América do Sul.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS GUERRAS ATUAIS

A princípio, vários dos conflitos atuais aparentam ser de difícil compreensão. Todavia, pode-se identificar algumas características similares. Uma delas é a redução dos choques de caráter ideológico e o aumento dos conflitos relacionados à afirmação de identidades nacionais, quer de ordem étnica, religiosa, racial ou cultural.

Outro traço marcante é a quase ausência de confrontos entre países e o predomínio dos conflitos internos, isto é, os conflitos ocorrem no interior de territórios nacionais. Se antes o inimigo era externo, atualmente a maior ameaça aos estados está no interior do próprio território. Embora os conflitos atuais sejam predominantemente internos,

> "QUANDO AS INSTITUIÇÕES DE UM PAÍS ESTÃO EM FRANGALHOS, OS GRUPOS EM CONFLITO ACABAM RECORRENDO À FORÇA E NÃO À NEGOCIAÇÃO PARA FAZER VALER SEUS INTERESSES."

paradoxalmente eles se internacionalizam em outras frentes.

Assim, deve-se destacar o papel decisivo das conexões globais, das quais grupos rebeldes se valem para que possam dar continuidade à luta armada contra um governo estabelecido. Sob outro ângulo, ganhou relevância a intervenção militar externa – por vezes com alegações de caráter humanitário – às quais se juntou a ofensiva contra o terrorismo global, estratégia liderada pelos Estados Unidos, após os atentados de 11 de setembro de 2001.

Do ponto de vista humano, um aspecto que deve ser ressaltado é o sofrimento que os conflitos vêm infringindo à população civil, que se tornou, quase sempre de forma intencional, o principal alvo das carnificinas promovidas pelas forças em luta.

Chama a atenção também o fato de que quase sempre as guerras eclodem em áreas pobres e marginalizadas do mundo menos desenvolvido. Nessas regiões, os países enfrentam incontáveis pressões desagregadoras, com destaque para a pobreza endêmica, alto desemprego e a inexistência ou falência de serviços básicos de saúde e educação.

Essa situação decorre da combinação da recente e nefasta herança da época colonial (como no caso da África) e da proliferação de administrações corruptas e ineptas no pós-independência. Agravam ainda mais o quadro o alto incremento demográfico, o rápido e descontrolado êxodo rural e a degradação ambiental das áreas urbanas e rurais.

Quando as instituições de um país estão em frangalhos, os grupos em conflito acabam recorrendo à força e não à negociação para fazer valer seus interesses. A opção pelas armas teria como objetivo garantir a segurança de um determinado grupo diante da impotência do Estado em oferecer-lhes proteção.

Além disso, crises econômicas constantes e a miséria persistente e crescente ensejam maior competição pelo controle dos recursos naturais, escassos ou abundantes, fatores que têm exercido papel central em várias guerras civis da atualidade.

"A CADA ANO, MILHÕES DE PESSOAS AMEAÇADAS PELA GUERRA DEIXAM SEUS PAÍSES PARA BUSCAR PROTEÇÃO EM NAÇÕES VIZINHAS. SÃO OS REFUGIADOS, QUE PASSAM A VIVER EM CONDIÇÕES PRECÁRIAS EM ACAMPAMENTOS GERALMENTE INSTALADOS EM ÁREAS DE FRONTEIRA."

O conjunto desses aspectos compõe o pano de fundo dos conflitos na atualidade, mas vale salientar que eles não se manifestam com a mesma intensidade ao redor do globo. Dependendo da região ou país, um ou outro fator adquire maior importância.

POPULAÇÃO CIVIL, A PRINCIPAL VÍTIMA

O século XX é considerado historicamente como o mais violento de todos os tempos. Segundo estimativas, ao menos 250 conflitos eclodiram ao redor do mundo nos últimos cem anos, que vitimaram cerca de 100 milhões de pessoas. Só para comparar, no século XIX, o número chegou a 19 milhões.

É claro que parte considerável das vítimas dos conflitos recentes é formada por soldados fardados ou guerrilheiros, mas os maiores atingidos são mesmo civis desarmados, que perfazem a maioria das vítimas. A população desarmada tornou-se o alvo central dos ataques, motivados por ódios étnicos e religiosos, por confrontos políticos ou pela simples busca de interesses econômicos. As execuções em massa, limpezas étnicas e estratégias como estupro e tortura despontam como marcas registradas desses conflitos, ações estas empregadas com o claro objetivo de aterrorizar comunidades inteiras.

A outra faceta da catástrofe que atinge os civis nas zonas de conflito são os movimentos populacionais de dimensões inéditas. A cada ano, milhões de pessoas ameaçadas pela guerra deixam seus países para buscar proteção em nações vizinhas. São os refugiados, que passam a viver em condições precárias em acampamentos geralmente instalados em áreas de fronteira. Idealizados como um abrigo provisório, o que deveria ser uma estada passageira acaba se estendendo por meses, anos ou décadas.

A triste sina dos refugiados é um fenômeno tipicamente moderno, como mostram as estatísticas do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), a agência da ONU que presta assistência às pessoas nesta condição. A instituição teve aumentada exponencialmente sua importância nas zonas de guerra.

Outro grupo que sofre das agruras da guerra é o dos "deslocados internos", cujo número não cessa de aumentar. São pessoas que tiveram que abandonar suas casas e terras em meio a conflitos e perseguições, principalmente em zonas rurais, para viver como refugiados dentro dos próprios países. Quase sempre esquecidos pela comunidade internacional, eles são marginalmente ajudados pelo Acnur. Por conta da falta de recursos e pela condição indefinida de seus integrantes, esse grupo tem crescido de forma vertiginosa e seu contingente ultrapassa o de refugiados.

GRUPOS ARMADOS: SUAS MOTIVAÇÕES E ESTRATÉGIAS

Nas guerras atuais, os Estados perderam o monopólio do uso da força para grupos armados privados que, »

além de desafiar os governos, chegam a controlar porções do território e suas populações. A ação de guerrilheiros, milícias, grupos paramilitares e organizações classificadas como terroristas demonstra que a força militar dos Estados é apenas uma entre várias outras.

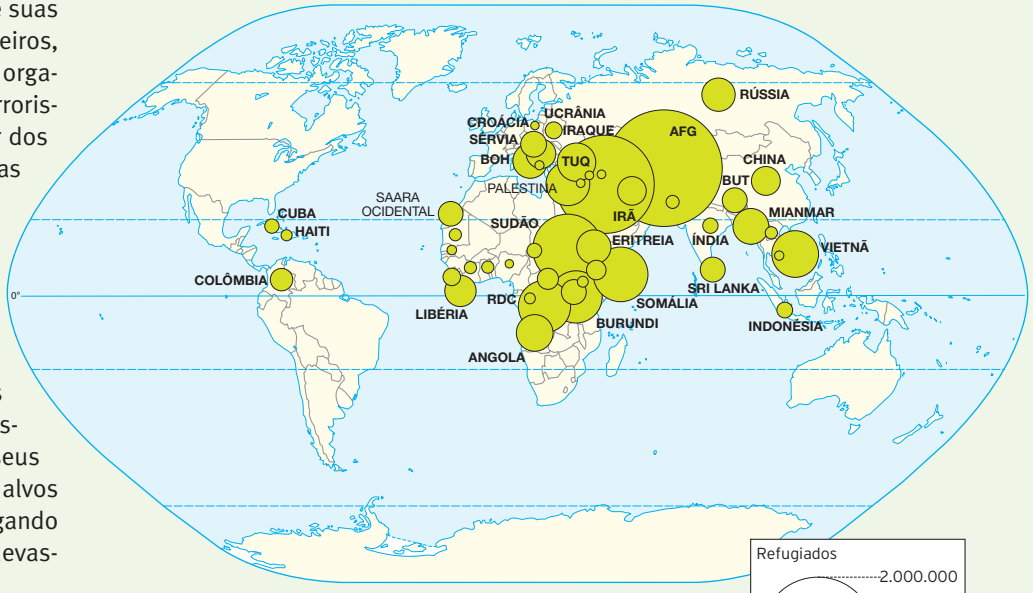
Quase sempre esses grupos são formados por mercenários, criminosos, ladrões ou crianças-soldados, levados para as frentes de batalha por imposição, dinheiro ou falta de melhores opções. Como não encontram obstáculos legais ou morais para seus atos e ignoram a distinção entre alvos militares e civis, eles vêm propagando um tipo de guerra que tem sido devastadora para os civis.

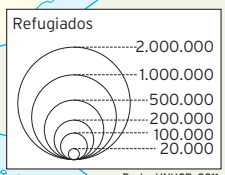
Por vezes, grupos rebeldes fazem uso de campanhas de terror deliberadamente planejadas como estratégia fundamental de luta, na medida em que a violência gratuita contra a população civil traz a vantagem de causar grande impacto junto aos meios de comunicação, contribuindo para a divulgação de suas causas.

Os conflitos recentes quase sempre envolvem questões de identidade nacional. Num sem número de países do mundo, há povos que lutam pelo reconhecimento de sua religião, língua, cultura e/ou origem étnica, e neles a nacionalidade permanece uma questão não resolvida para um ou mais grupos. Estes lutam para conquistar a independência ou para obter maior autonomia política, econômica ou cultural no interior do próprio país. Incapazes de se fazer ouvir pela via institucional, acabam pegando em armas para reivindicar seus direitos.

A escalada recente das tensões nacionalistas reforçou a hipótese, defendida por uma corrente de especialistas, de que Estados Nações multiétnicos talvez sejam mesmo uma construção tipicamente europeia, portanto, fadada ao fracasso em outras partes do mundo. Dessa forma, poucos países, inclusive na Europa, conseguiriam satisfazer os anseios de suas minorias e conciliar unidade, estabilidade e desenvolvimento no longo prazo. Assim, desde a aparição dos primeiros Estados europeus, passando pela descolonização da América, Ásia e África, o mundo estaria caminhando para uma maior fragmentação política fundamentada na identidade. Deve-se lembrar que, há pouco mais de meio século, existiam no mundo menos de cem países; hoje, são quase duzentos.

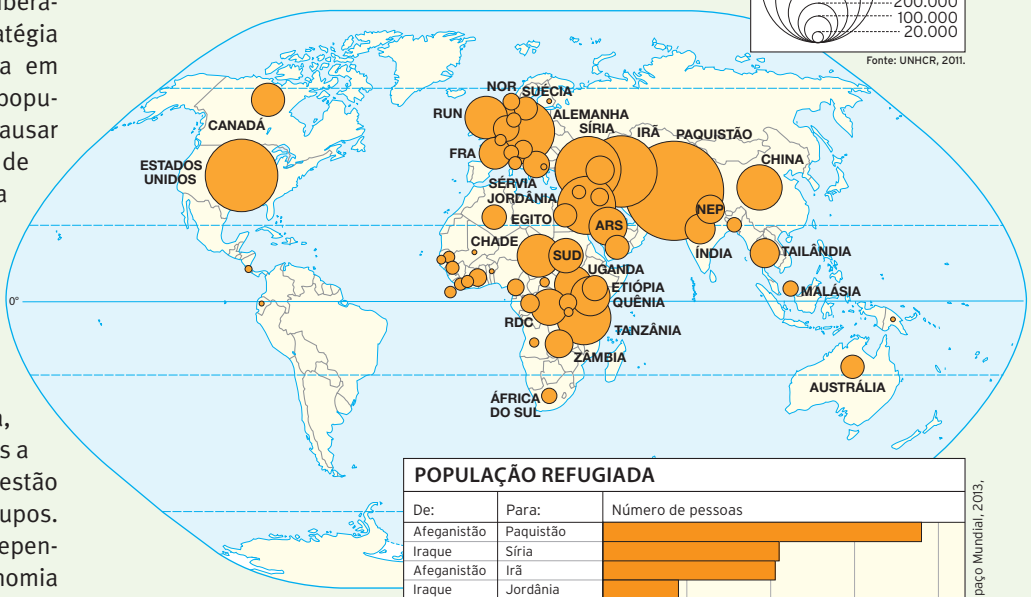
REFUGIADOS - PAÍS DE ORIGEM





Fonte: UNHCR, 2011.

REFUGIADOS - PAÍS DE ASILO



POPULAÇÃO REFUGIADA

De:	Para:	Número de pessoas
Afeganistão	Paquistão	
Iraque	Síria	
Afeganistão	Irã	
Iraque	Jordânia	
Somália	Quênia	
Vietnã	China	
Sudão	Chade	
Mianmar	Bangladesh	
Colômbia	Venezuela	
Somália	Iêmen	
Sérvia	Alemanha	
Eritreia	Sudão	

0 500 1.000 1.500 2.000
Mil pessoas

Fonte: UNHCR, 2011.

Adaptado de: Atlas Geográfico Espaço Mundial, 2013. Editora Moderna.

A AÇÃO DA COMUNIDADE INTERNACIONAL

Apesar da administração das guerras ser prerrogativa dos governos nacionais, nas últimas décadas, assistiu-se ao envolvimento progressivo da comunidade internacional. A Organização das Nações Unidas (ONU), em particular, tem um papel decisivo em parceria com as organizações regionais e não governamentais. Elas formam o tripé de uma mobilização global na tentativa de prevenção da guerra e promoção da paz.

Uma das missões centrais da ONU é a manutenção da paz e da segurança mundial, com o objetivo de poupar as nações dos tormentos trazidos pela guerra. Para isso, ela usa de instrumentos como negociação, mediação, arbitragem e decisões judiciais. Caso essas tentativas fracassem, pode recorrer a medidas como sanções diplomáticas e econômicas e, em último caso, ao emprego da força militar.

Como a ONU não é um governo mundial, ela só pode fazer aquilo que seus países-membros concordem. Sua principal instância política é o Conselho de Segurança (CS), formado por 15 países, dos quais cinco têm assento permanente – Estados Unidos, Rússia, Grã-Bretanha, China e França – e possuem o direito a veto sobre resoluções tomadas. Se um deles não concordar com a resolução proposta, ela é descartada.

A ONU tem sido bastante criticada por sua morosidade em dar respostas às crises internacionais. Mas o mundo seria muito pior se ela não existisse.

NO FUTURO, UM MUNDO SEM GUERRAS?

No início deste artigo havia uma afirmação de que a história da humanidade poderia ser descrita como uma sucessão quase contínua de guerras. O filósofo Thomas Hobbes chegou a caracterizar os tempos de paz como nada mais do que períodos em que se fazia a guerra por outros meios. Isso nos levaria a concluir que a paz universal é impossível?

Racionalmente, a resposta seria sim. O mundo atual possui quase duas centenas de países, muitos dos quais formados por vários grupos diferentes, alguns deles com uma longa tradição de animosidade. Além disso, o planeta possui atualmente cerca de 7,5 bilhões de pessoas e que serão nove bilhões em 2050. Com tantos países e com tanta gente, é quase impossível vislumbrar um mundo de paz no futuro.

Todavia, há sempre um espaço para a esperança. Apesar de poucos saberem, o dia 21 de setembro foi instituído pela ONU como o Dia Internacional da Paz. Em 2013, neste dia, o Secretário Geral da ONU fez questão de exortar a data como um momento de reflexão "no qual se reiterava a fé na não violência e se fazia um pedido global para que fossem cessadas todas as hostilidades".

Quando se referiu ao tema Educação para a Paz, ele parafraseou as palavras de Malala Yousafzai, uma menina paquistanesa vítima de violência religiosa, que havia afirmado que "um mestre, um livro e uma caneta podiam mudar o mundo"; e completava que "a educação que ensina o valor da paz é a chave para reduzir as guerras e os conflitos".

Um mundo sem países no qual se desse chance à paz? Em duas antigas canções, foi o que John Lennon poeticamente imaginou. x

Nelson Bacic Olic é bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade de São Paulo. Professor dos ensinos Fundamental e Médio e em cursos pré-universitários. Autor de livros didáticos e paradidáticos. Editor do boletim *Mundo - Geografia e Política Internacional*. Professor convidado da Universidade Aberta à Maturidade (PUC-SP).

UM TIRO NO ESCURO: 100 ANOS DA 1ª GUERRA MUNDIAL

Se alguém perguntar a um europeu sobre a Grande Guerra, pela resposta poderá perceber que ele estaria se referindo à Primeira Guerra Mundial, que neste ano completa um século de seu início. Não existem mais veteranos que participaram desse conflito, o primeiro que recebeu a adjetivação de guerra mundial.

Os efeitos geopolíticos desse conflito continuam a repercutir na atualidade. As crises atuais na Ucrânia e Síria, por exemplo, têm muito a ver com os desdobramentos da Primeira Guerra.

O historiador britânico Eric Hobsbawn, em seu livro *A era dos extremos*, afirma que, do ponto de vista político, o século XX teve início em 1914.

Em 28 de junho de 1914, o estudante de origem sérvia Gavrilo Princip teve seus 15 minutos de fama. Foi ele o responsável pelo assassinato do herdeiro do Império Austro-Húngaro, o arquiduque Francisco Ferdinand. Princip, apesar de tentar a fuga, acabou sendo preso e morreu quatro anos depois, quase à época do fim da grande guerra que, com seu ato, ajudou a provocar.

A Primeira Guerra Mundial durou quatro longos anos, vitimou nove milhões de pessoas, deixou mais de 20 milhões de feridos, destruiu quatro impérios (Alemão, Russo, Austro-Húngaro e Otomano), criou novos países e redefiniu fronteiras, especialmente no leste europeu.

A visita do arquiduque a Sarajevo, capital da Bósnia, província austro-húngara, foi uma provocação aos olhos dos sérvios, povo que compunha parte considerável da população local. O ato terrorista de Gravilo pôs em movimento uma mistura letal de alianças militares de países, que gerou dois grandes blocos antagônicos (a Tríplice Aliança e a Tríplice Entente) prontos para uma guerra que todos os envolvidos acreditavam poder vencer rapidamente.

Na verdade, o cenário da guerra já vinha se formando há mais tempo e o atentado em Sarajevo foi apenas a gota d'água. Os tiros desferidos por Gravilo Princip atingiram um alvo muito maior que o peito de Francisco Ferdinand...

Professor,

PNLD 2015

#eusouensinomédio

Unindo sua **experiência** em ensinar com as **inovações** do mundo, o nosso **compromisso** com a educação fica muito **mais forte**

MKT • MODERNA

Moderna

APROVADA E COMPROVADA NO PNLD

A força da Geografia Moderna

GEOGRAFIA
CONTEXTOS E REDES
Angela Corrêa da Silva
Nelson Bacic Olic
Ruy Lozano
+ LIVRO DIGITAL

LANÇAMENTO

CÓDIGO DA COLEÇÃO: **27546**COL**05**

CONEXÕES
ESTUDOS DE GEOGRAFIA GERAL E DO BRASIL
Lygia Terra • Regina Araújo
Raul Borges Guimarães
+ LIVRO DIGITAL

NOVA EDIÇÃO

CÓDIGO DA COLEÇÃO: **27645**COL**05**

A força da História Moderna

100% DE APROVAÇÃO NA HISTÓRIA DO PNLD

HISTÓRIA
DAS CAVERNAS
AO TERCEIRO MILÊNIO
Patrícia Ramos Braick
Myriam Becho Mota
+ LIVRO DIGITAL

NOVA EDIÇÃO

CÓDIGO DA COLEÇÃO: **25642**COL**06**

CONEXÕES
COM A HISTÓRIA
Alexandre Alves
Letícia Fagundes de Oliveira
+ LIVRO DIGITAL

NOVA EDIÇÃO

CÓDIGO DA COLEÇÃO: **27643**COL**06**

A força da Sociologia Moderna

GRANDE LANÇAMENTO DO PNLD

SOCIOLOGIA
EM MOVIMENTO
Seleção de professores especialistas em Ciências Sociais
+ LIVRO DIGITAL

LANÇAMENTO

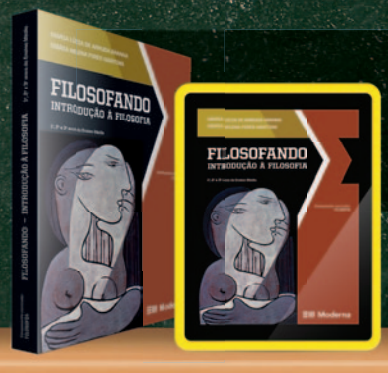
CÓDIGO DO LIVRO: **42404**L**2828**

Autores consagrados

O LIVRO DE FILOSOFIA MAIS ADOTADO EM ESCOLAS PÚBLICAS DE TODO O BRASIL

FILOSOFANDO
INTRODUÇÃO À FILOSOFIA
Maria Lúcia de Arruda Aranha
Maria Helena Pires Martins
+ LIVRO DIGITAL

NOVA EDIÇÃO



CÓDIGO DO LIVRO: **42383**L**2928**

Folheie nossas obras aprovadas no site: **www.moderna.com.br/pnld**

POR UMA ESCOLA SEM PRECONCEITO

Um ambiente que deveria se manter isento de vícios, muitas vezes carrega uma série de preconceitos enraizados e infundados. Os diferentes tipos de discriminação precisam, urgentemente, ser expulsos da sala de aula.

Por **PAULO DE CAMARGO**

A escola é um pedaço de um mundo: nas salas de aula estão representadas diferentes culturas, raças, gêneros, habilidades, classes socioeconômicas, gerações. Alunos e alunas trazem consigo as marcas de uma diversidade humana cada vez mais complexa e cobram da instituição um olhar mais compreensivo para as individualidades. Mais do que nunca, educar não é homogeneizar, mas respeitar e, principalmente, valorizar diferenças. Como escreve o jurista português Boaventura Souza Santos, no mundo contemporâneo, a diversidade não deve ser tolerada, como se costumou dizer, e sim celebrada.

Essa lição, que ainda precisa ser aprendida pela escola, tornou-se uma das grandes conquistas do mundo corporativo. Grandes empresas de tecnologia, por exemplo, já aprenderam que a inovação e a criatividade, processos que caracterizam a competição entre as empresas do século XXI, só se tornam possíveis pela soma de pontos de vista diferentes. Segundo o atual presidente brasileiro da Amazon, Alex Szapiro, boas equipes profissionais são aquelas que reúnem pessoas de perfis muito distintos, pensam de forma diferente, discutem e chegam a consensos. »

Mas pensar diferente passa por valorizar a diversidade. A IBM, por exemplo, vem desenvolvendo ao longo dos últimos anos um dos mais completos trabalhos de valorização da diversidade entre multinacionais de todo o planeta. "A diversidade é a norma", diz Adriana Ferreira, líder do programa de Diversidade da empresa no Brasil. Hoje, a IBM possui diferentes grupos de diversidade, entre eles pessoas com deficiência, grupos lgbt (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e transexuais), afrodescendentes, mulheres e *cross-generations* (ou seja, o convívio de pessoas de diferentes gerações), entre outros.

O exemplo de iniciativas de gestão das empresas serve como contraponto para o que vem ocorrendo na sociedade e também nas escolas brasileiras, públicas e particulares. No ambiente educativo, ainda se dedica pouco tempo e espaço pedagógico para se trabalhar o tema e posturas preconceituosas ainda são comuns, embora nem sempre explícitas.

Esse quadro foi retratado em uma grande pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas de São Paulo (Inpe), em 2009, a pedido do Ministério da Educação, denominada *Projeto de estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar*, organizada de acordo com áreas temáticas – a saber, étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades especiais, socioeconômica e orientação sexual. Pouco conhecido e divulgado, o trabalho joga luzes sobre a questão da diversidade nas escolas.

O estudo ouviu pais, professores, diretores e funcionários de 500 escolas de diversos estados, além de 15 mil alunos adolescentes, e revelou que os públicos estudados "apresentam atitudes, crenças e valores percebidos que indicam que o preconceito é uma realidade nas escolas públicas brasileiras".

Para identificar as formas de discriminação, os pesquisadores levantaram as posições dos entrevistados diante de afirmações como "negro tem corpo bom para o trabalho braçal", frase com a qual 28,9% dos pais concordaram, ou "os brancos são mais estudiosos do que os negros", que obteve a adesão de 20,2% dos alunos.

Conforme o estudo, predominam os preconceitos de gênero, seguidos de discriminação geracional, deficiência, orientação sexual, socioeconômica, étnico-racial e territorial. Embora os indicadores sejam mais elevados entre pais e alunos, e menores entre os diretores, há desafios para todos os membros da comunidade escolar. Para 12% dos diretores e cerca de 20% de alunos e pais, os alunos com deficiência criam dificuldades na escola. Para 42% dos gestores, alunos cegos deveriam ser encaminhados para escolas especializadas, o que vai contra as práticas modernas de inclusão.

Para o sociólogo André Lázaro, que foi Secretário Nacional de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e pesquisador da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, a escola não é um corpo isolado na sociedade e reflete uma sociedade preconceituosa. Basta ver os recentes episódios racistas nos estádios de futebol ou os casos de homofobia que frequentam as páginas dos jornais.

Contudo, para ele, a escola tem a responsabilidade de agir contra o preconceito, educando crianças e jovens de forma mais afirmativa do que vem sendo feito hoje. Esse é um papel para as lideranças escolares. "A escola tem que ser proativa, desejar superar os preconceitos", acredita André. Mudar não é apenas uma questão de ter uma opinião mais "politicamente correta", mas desenvolver no cotidiano pedagógico ações transformadoras para a comunidade.

A pesquisa do Inpe mostrou que quase 40% dos diretores já viu alunos serem humilhados na escola por serem homossexuais, e 28,6% já testemunharam humilhações contra negros. Diante desse quadro, o papel exemplar do líder é essencial, até mesmo para estimular os professores a desenvolver projetos formativos específicos para os problemas identificados.

Em um mundo marcado pela tecnologia, as diferenças geracionais chegam também às escolas. Enquanto no mun-

do corporativo as empresas começam a perceber as vantagens de unir a sabedoria dos funcionários experientes à sede dos mais jovens pelo novo, nas escolas, o tema é um tabu. Afinal, ambiente de crianças e adolescentes, os colégios são solos férteis para que prospere a ideia de que professores mais velhos não acompanham o ritmo dos alunos.

Um em cada cinco diretores acredita, por exemplo, que os professores mais velhos não entendem a linguagem dos adolescentes, no que são acompanhados por um terço dos alunos. Por trás, há o preconceito de que a capacidade de aprender diminui com a idade, que encontra respaldo na opinião de mais de 30% de todos os entrevistados.

Esse é um preconceito que precisa ser enfrentado, até mesmo porque o corpo docente brasileiro envelhece. Dos 2,1 milhões de professores em atuação no país, 35% têm entre 30 e 39 anos, e 36% entre 40 e 49 anos, segundo os questionários respondidos na Prova Brasil 2011. Mais de um quarto dos profissionais já possui mais de 20 anos de serviço.

Nas escolas, é frequente a realização de chás de avós, como atividades que buscam aproximar novas e antigas gerações. Muitas vezes, no entanto, isso só reforça o preconceito, na medida em que não se reconhecem nos idosos características de hoje, como o dinamismo, a atitude de aprender sempre e não parar de buscar novos desafios.

No quadro de imensas desigualdades sociais que caracterizam o Brasil, sobressai-se ainda um tipo de preconceito que é relacionado às condições socioeconômicas. A ideia de que estudantes pobres são mais revoltados e violentos está bastante disseminada entre diretores, funcionários, professores, alunos e pais.

Tão ou mais graves são os preconceitos que associam pobreza e aprendizagem. De forma geral, há a ideia de que os pobres têm menos capacidade de aprendizagem. Para 13,4% dos professores, ainda, os alunos vindos das periferias são mais lentos para aprender. “As expectativas negativas quanto ao desempenho dos mais pobres induzem baixa autoestima e afetam a autoconfiança, contribuindo para as defasagens”, acredita André Lázaro.

Persistem, por fim, confusões sobre o suporte social assegurado pela escola, como a merenda. Um quinto dos docentes endossa a frase: “os estudantes da periferia só se interessam pela merenda”. Segundo os especialistas, ao colocar a pobreza como causa e não como consequência das dificuldades vividas pelo aluno de um sistema escolar pouco inclusivo, reforça-se a ideia de que o pobre é o verdadeiro culpado pela situação em que vive. Os indicadores do Ministério da Educação mostram, por exemplo, que os alunos mais pobres têm, em média, dois anos a menos de escolaridade do que os 25% mais ricos.

DIVERSOS GÊNEROS DE PRECONCEITO

Uma das premissas para um trabalho contra o preconceito é entender que há muitas formas diferentes de discriminação, que podem ser implícitas, como o isolamento ou as baixas expectativas, ou explícitas, como o *bullying* e outras formas de violência.

É o caso, por exemplo, do preconceito racial. Não são poucos os que acham que não existe preconceito racial no Brasil porque não há discriminação explícita na lei, como ocorreu no regime do *apartheid*, da África do Sul. Mas, basta olhar qualquer indicador social para ver que a população preta ou parda vive grandes *gaps*. O Censo Escolar 2012 mostra que, enquanto 22,4% dos brancos entre 18 e 24 anos frequentam a universidade, o mesmo ocorre para apenas 8% dos pretos e 10,4% dos pardos.

O preconceito velado aparece na adesão a ideias preconcebidas, como a de que negros têm mais habilidades para trabalhos manuais – presente em 10% dos professores entrevistados na pesquisa da Fipe. O mesmo ocorre em relação aos índios, que sofrem com o preconceito de que são preguiçosos. No século XXI, 21,8% dos funcionários, 25% dos alunos e 26% dos pais das escolas acreditam na tese de que “os »

brancos são, em geral, mais estudiosos do que os índios".

A mudança de posições nesse campo depende mais do que de boa vontade: é preciso de informação e conhecimento. É o que fez o Colégio Estadual Ambaí, em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, no projeto "Brasil: Africanidades". O trabalho, envolvendo as áreas de Língua Portuguesa e História, bem como o uso de recursos tecnológicos, buscou conscientizar os alunos da influência das raízes africanas do povo brasileiro.

No projeto, além de estudos sobre o fim das colônias europeias na Ásia e na África, os alunos investigaram visões preconceituosas existentes nos conflitos do Oriente Médio. O objetivo foi estimular o respeito à diversidade cultural. Ao final, os alunos produziram um livro sobre termos africanos presentes no vocabulário português falado no Brasil.

Da mesma forma, o preconceito contra a orientação sexual é uma das causas mais frequentes de *bullying* nas escolas. É frequente que o assunto seja tratado como um tema proibido, de forma velada. Resulta disso um ambiente agressivo contra a diversidade sexual. No estudo da Fipe, quase 18% dos diretores disseram ser muito difícil aceitar a homossexualidade masculina. Para 18,2% dos alunos, professores homossexuais deveriam ser demitidos.

Há dados mais chocantes. Para 13,6% dos diretores e 28,2% dos pais, a homossexualidade é uma doença. O ambiente de exclusão velada fica evidente quando 35,3% dos alunos admitem não evitar homossexuais, mas também que procuram não chegar perto.

"Para os professores, a diversidade ainda é um grande desafio", escreve o pesquisador Fernando Seffner, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Para o autor, o quadro se complica quando o tema da diversidade toca em bandeiras de luta. Quando se fala em deficientes, por exemplo, todos concordam que é preciso incluir. "Afinal, eles não são 'culpados' por aquele atributo que os diferencia. Mas quando se está diante de um menino que deseja 'vestir-se de menina' e não gosta de futebol na aula de Educação Física, ou de uma menina que claramente manifesta sua preferência afetiva por outras meninas, a crença na inclusão balança e podem surgir duas posições: busca-se ou excluir esses diferentes, porque causam muita perturbação no cenário escolar, ou exigir que 'entrem nos eixos' e 'se esforcem para ter um comportamento adequado' e, assim, possam ter os 'benefícios' da inclusão, que é percebida como ato benemerente, e não como direito", diz.

Para combater a homofobia, a Escola Estadual de Ensino Médio Nazaré Guerra, no interior do Estado de São Paulo, criou um projeto que usa vídeos, oficinas e aulas para trabalhar sobre o *bullying* homofóbico e a diversidade sexual. Um dos eixos do trabalho é a literatura, com abordagens que provocam a discussão de ideias – por exemplo, sobre a hipótese de um Romeu e Julieta constituído como um casal gay alcançar o mesmo sucesso do texto original de Shakespeare.

PRECONCEITO DE GÊNERO

Embora os preconceitos étnico e de orientação sexual sejam tipificados como crime, a forma mais predominante de discriminação na escola é, também, a mais difundida socialmente: o preconceito de gênero contra a mulher. O curioso é que isso ocorre em um ambiente predominantemente formado por profissionais do sexo feminino – hoje, 80% dos professores brasileiros são mulheres.

Quase metade dos 15.000 alunos de Ensino Médio ouvidos acredita que exis-

"UM QUINTO DOS DOCENTES ENDOSSA A FRASE: 'OS ESTUDANTES DA PERIFERIA SÓ SE INTERESSAM PELA MERENDA'."

tem trabalhos que devem ser realizados apenas por homem. Outros 52,6% acham que as mulheres são melhores do que os homens na cozinha. Para metade de todos os entrevistados – inclusive professores, funcionários e pais –, trabalho doméstico é tarefa de mulher.

Essas posturas são reforçadas por rotinas muito comuns em sala de aula, como a divisão de grupos entre meninos e meninas e a predefinição de brinquedos dedicados a uns e outros (carrinhos para garotos, bonecas e casinha para garotas, por exemplo). Mas é principalmente no cotidiano das relações que os exemplos acabam reforçando o preconceito de gênero.

Para a psicóloga educacional Claudia Tricate, mestranda na Universidade de Santo Amaro, em São Paulo, o mais importante é que os professores deem o exemplo por meio de suas posturas. "Há uma naturalização do preconceito, que fica clara em frases como 'menino não chora' ou que 'meninas devem ser mais educadas'", diz. Diante de uma situação crítica, como uma briga, é muito comum que as posturas da escola sejam diferentes se o episódio envolve meninos ou meninas.

A cara de paisagem que as escolas adotam nessa área também é alimentada pela própria dificuldade do tema, intensamente polêmico e potencialmente criador de uma zona de desconforto com a família. "Afinal, a escola pode acabar por levar o aluno a questionar comportamentos normais em suas casas", diz Claudia.

O problema se estende além das fronteiras e por outros segmentos da educação, alerta o pesquisador argentino Pablo Gentili. Para ele, deveriam entrar nesse debate os currículos e os materiais didáticos.

Contudo, é nessas escolas onde estudam as mulheres que, anos depois, elas tentarão disputar o mercado de trabalho em condições de igualdade com os homens. Na hora da escolha, ainda o sexismo influenciará as opções. "As mulheres são a maioria nas profissões que envolvem cuidados – educação, saúde, assistência social –, enquanto os homens predominam em profissões como as engenharias, por exemplo", aponta a pesquisadora Claudia Ribeiro, da Universidade de Lavras, em Minas Gerais. Com a reprodução dos preconceitos que limitam as opções das mulheres ainda na escola, Claudia afirma que milhares de talentos são desperdiçados. Isso significa menos liberdade, menos felicidade – e é, portanto, um problema de toda a sociedade, e não apenas das mulheres.

FORMAÇÃO CONTINUADA

Assim como ocorre em relação a outros desafios dos professores, para reposicionar o tema da diversidade na escola, a formação continuada é essencial.

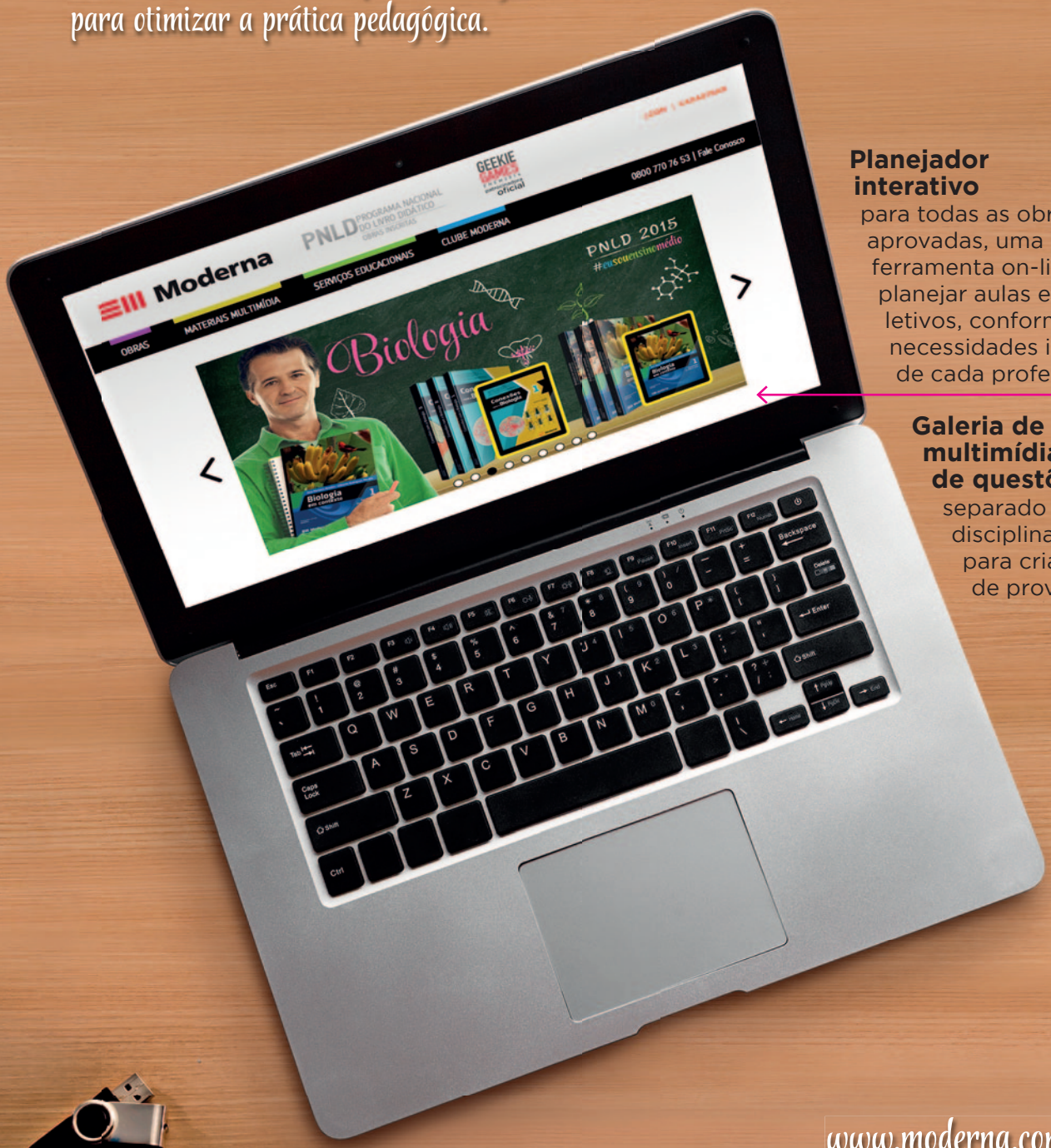
Nas faculdades de Pedagogia, a questão é abordada, mas sem a necessária ênfase. "Dessa forma, a possibilidade de se tratar os temas gênero e sexualidade nestes currículos existe, o que faltam são pessoas dispostas a atuar neste campo, pois a discussão parece estar ligada aos atores. Isso quer dizer que só teremos a presença formalizada da temática nas instituições quando um professor ou estudante acionar o tema; quando um sujeito a assumir como sua lei, sua questão", escreve a pesquisadora Kelly da Silva, que defendeu mestrado sobre o tema na Universidade de Juiz de Fora/MG.

Por isso, para os profissionais de educação que já atuam, a formação em serviço deve contemplar as questões contemporâneas da diversidade, na realidade concreta da sala de aula. Existem disponíveis, no Ministério da Educação, um conjunto de materiais pedagógicos especialmente desenvolvidos para o trabalho com a diversidade, como a Coleção "Educação para Todos", que pode ser encontrada no site do MEC, no endereço http://goo.gl/xPFBvQ.

O material, dividido em fascículos, aborda as principais formas de discriminação em textos teóricos, mas também com abordagens práticas. É um bom começo para enfrentar um desafio que não é apenas da escola, mas de toda a sociedade do século XXI. x

Serviços Educacionais pensados para a escola pública.

Nosso time de professores da rede pública conta com materiais exclusivos para formação e também para otimizar a prática pedagógica.

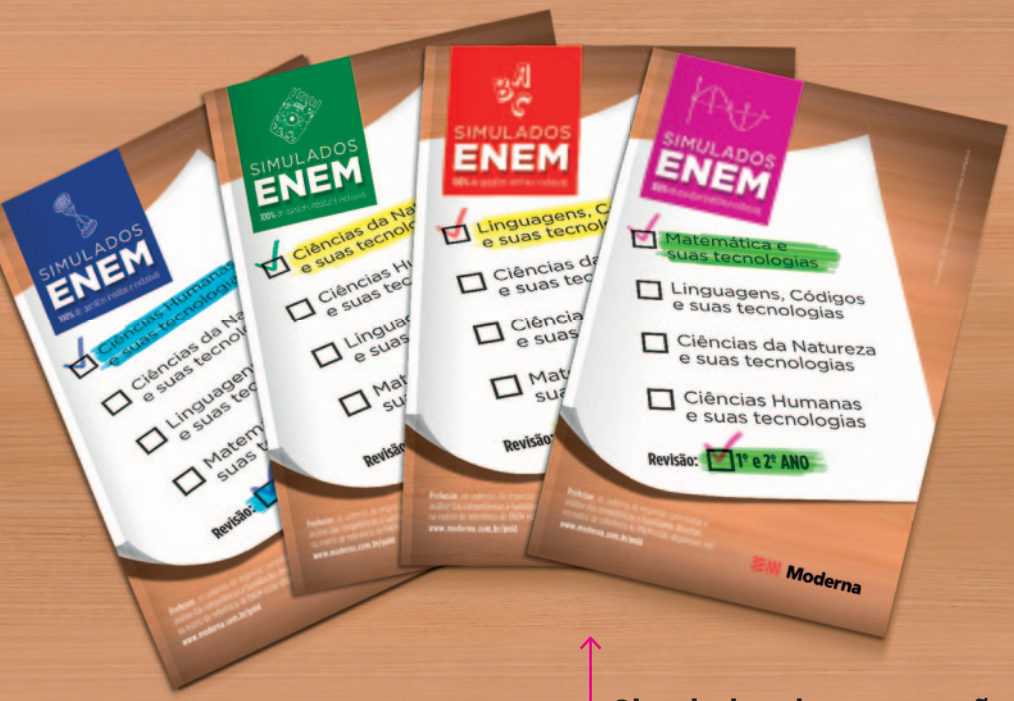


Planejador interativo para todas as obras aprovadas, uma ferramenta on-line para planejar aulas e período letivos, conforme as necessidades individuais de cada professor.

Galeria de objetos multimídia e **banco de questões** separado por disciplina e tema para criação de provas.

www.moderna.com.br/pnld

Tira-dúvidas: 0800 13 0013



Simulados de preparação
para o Enem prontos para imprimir e fotocopiar.

Artigos, livros digitais e publicações atuais
sobre o Ensino Médio e o Enem.

Galerias de revistas digitais, como Educatrix e Scientific American Aula Aberta.

MKT • MODERNA

PNLD 2015
#eusouensinomédio

Moderna
APROVADA E COMPROVADA NO PNLD

5 1/1 2/3
MANUSSAKIS

TEATRO: O ESPETÁCULO DO APRENDIZADO

Ao adentrar o espaço escolar, não só o teatro ganha novos ares como também as disciplinas que o recepcionam. Os maiores beneficiados são os alunos e os próprios professores.

Por **LARA SILBIGER**

Que Romeu ama Julieta, todos sabem. Que a união entre o apaixonado casal de Shakespeare é proibida por ambas as famílias, também. Mas quem já tinha ouvido falar que parte do charme do galã vem de seus conhecimentos matemáticos?

Ousado e criativo, este foi o argumento da primeira peça de teatro que a professora de Matemática Andrea Poligicchio desenvolveu com sua turma do 6º ano na época em que lecionava na Fundação Bradesco, em Osasco, SP.

Ela conta que tudo começou a partir do interesse dos próprios alunos durante a leitura de um livro paradidático. "Quando pedi que cada um lesse um parágrafo em voz alta, qual não foi minha surpresa quando eles se recusaram a fazê-lo dessa forma e, no lugar, sugeriram a divisão por personagens e com entonação na voz", recorda entre risos. "Então, tive a clara percepção de que eles gostariam de atuar."

Aproveitando a oportunidade, Andrea lançou um desafio para o grupo: escrever versões de contos clássicos, incorporando na trama os conteúdos de Matemática estudados ao longo do ano. Os trabalhos não valeriam nota e eram voluntários, mas inspirariam o roteiro de uma peça da qual os interessados participariam. »

A adesão surpreendeu até mesmo a educadora, que recebeu diversos textos, entre eles o que deu origem à obra *Romeu, Julieta e a Matemática* (ver *Plano de Aula* a seguir). Tendo como pano de fundo a sequência de Fibonacci, a peça inaugurou um projeto pedagógico para os ensinos Fundamental II e Médio que durou sete anos.

Em 2011, a iniciativa também se tornou o estudo de caso da dissertação de mestrado que Andrea defendeu na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

MONTAGEM

A proposta de teatro-pedagógico de Andrea foi desenvolvida fora do horário regular das aulas. "Adotei essa estratégia porque a montagem das peças tinha uma dinâmica própria. Em média, cada obra levava de seis a oito meses para ser preparada."

Durante o período dos ensaios, ela relata que os momentos mais significativos eram os laboratórios, que detalhavam os conceitos-chave de Matemática que faziam parte da peça, por meio do próprio roteiro. "Dele, surgiam debates, esquemas e até experiências práticas. Eu fazia um esforço imenso para não usar a lousa ou a repetição de exercícios, tudo para preservar a magia do espaço teatral", diz a professora.

Dessa forma, ela garante que os alunos passavam a ser coparticipantes da investigação: "Aprendiam a refazer o percurso do raciocínio, e não simplesmente decoravam uma fórmula".

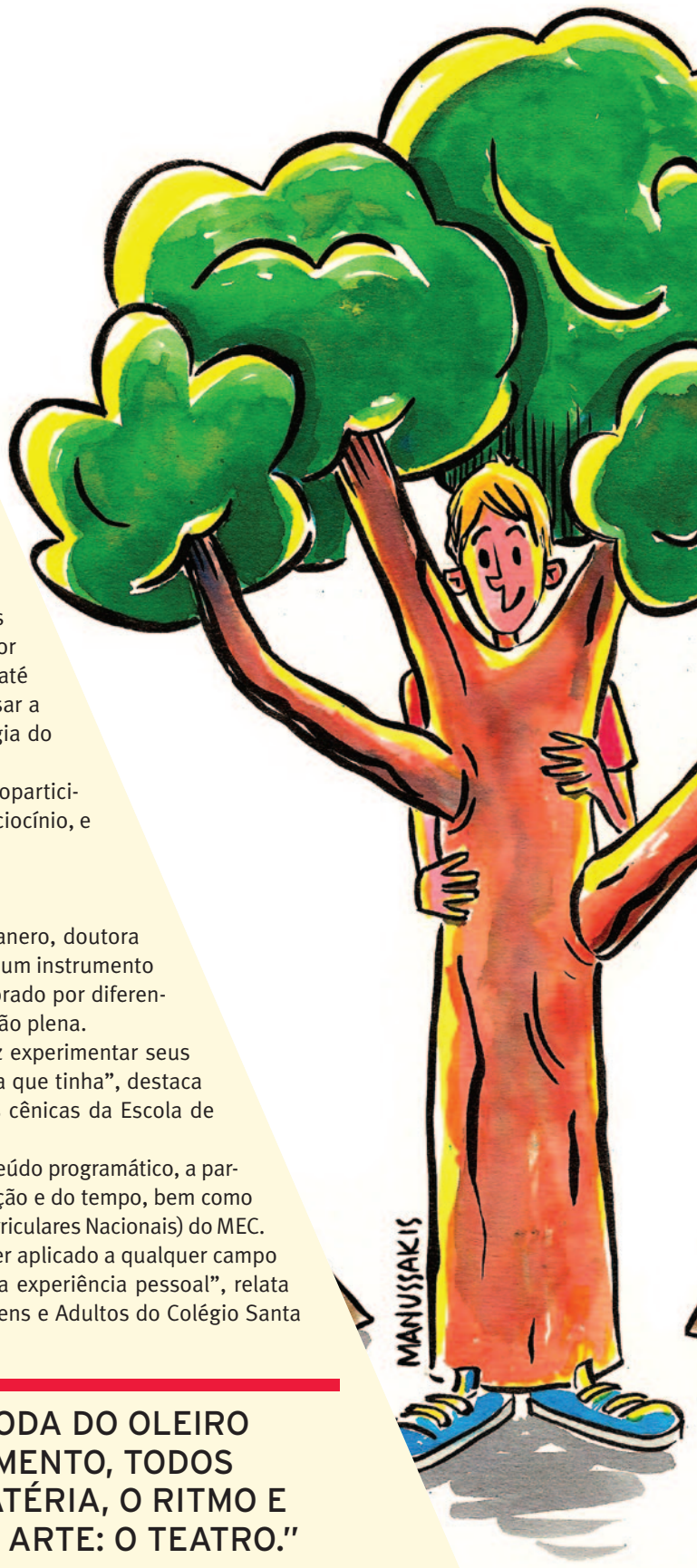
PARCERIA DE SUCESSO

Na obra *Como usar o teatro na sala de aula*, Vic Vieira Granero, doutora em Artes cênicas pela USP, é enfática ao afirmar que o teatro é um instrumento vivo no ensino-aprendizado, capaz de incorporar e ser incorporado por diferentes áreas do currículo escolar para a realização de uma educação plena.

"O teatro leva o aluno a ter contato consigo mesmo, o faz experimentar seus limites, surpreendendo-se ao descobrir talentos que não sabia que tinha", destaca a autora, que também é docente de pós-graduação em artes cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP.

Mas os benefícios não param por aí. Quando o foco é o conteúdo programático, a parceria teatro-educação articula abstrações do pensamento, da ação e do tempo, bem como desenvolve aptidões, tal como sugerem os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) do MEC.

"Sempre apostei no teatro como um recurso que poderia ser aplicado a qualquer campo do conhecimento, uma crença que inicialmente veio da minha experiência pessoal", relata Andrea, que hoje dá aulas de Matemática na Educação de Jovens e Adultos do Colégio Santa Cruz, na cidade de São Paulo.



"OS ALUNOS VÃO EMPURRANDO A RODA DO OLEIRO COM A MÃO ATÉ QUE, NUM DADO MOMENTO, TODOS ESTARÃO HARMONIZADOS COM A MATÉRIA, O RITMO E A FORMA PARA CRIAR UMA OBRA DE ARTE: O TEATRO."
(VIC VIEIRA GRANERO)

Ela conta que, dos 11 aos 19 anos, participou de um grupo amador e que ainda lembra as inúmeras vezes em que mergulhou no universo de suas personagens para transmitir veracidade nas cenas. “Como esses laboratórios fizeram parte da minha rotina de ensaios durante longa data e aprendi tanto com eles, quando me tornei educadora, logo fiz a associação didático-pedagógica.”

Segundo Vic, esse incentivo à criatividade, ao desenvolvimento da comunicação verbal, gestual e visual, e à busca por novas formas de expressão são elementos intrínsecos ao teatro pedagógico. “Isso sem falar na ênfase que se dá às relações sociais, aos comportamentos e às posturas éticas – o saber escutar, dialogar e participar, a percepção de atitudes adequadas ou inadequadas, o criticar e receber críticas –, todos esses fatores estimulam o autoconhecimento e a sociabilidade.”

Tais vivências fizeram a diferença na vida da turma do 3º ano do Ensino Médio da professora de História Isoldi Klein, na Escola de Educação Básica Oscar Majolo, no município catarinense de São Miguel da Boa Vista. Durante as aulas, os adolescentes tiveram a oportunidade de encenar os conflitos ideológicos de alguns grupos envolvidos na Revolução Russa, após estudá-la nos livros didáticos.

Tamanho foi o sucesso da iniciativa, desenvolvida na íntegra pelos estudantes com a supervisão da professora, que os mesmos foram convidados para apresentá-la aos demais alunos do colégio.

“Por meio dessa experiência, aqueles jovens não só mostraram o conhecimento que possuíam como o levaram adiante”, comemora Isoldi. Mas essa não foi a única conquista deles. “Durante todo o processo, foram expostos a situações em que tinham de expressar e defender suas ideias, ao mesmo tempo em que aprendiam a escutar e respeitar as dos colegas”, conta a professora. “Era um trabalho que ia além do conteúdo e resultava no ganho de autoconfiança, de desembaraço e de protagonismo juvenil para enfrentar diferentes situações a partir da vida escolar”.

APLAUSOS

Segundo Vic, quem lucra com a união teatro-escola é o estudante e o próprio professor. “Este último tem em mãos o barro ainda sem forma. Os alunos vão empurrando a roda do oleiro com a mão até que, num dado momento, todos estarão harmonizados com a matéria, o ritmo e a forma para criar uma obra de arte: o teatro.”

AINDA EXISTE PRECONCEITO

De acordo com Vic Vieira Granero, o cenário do teatro nas escolas ainda não é muito animador. “Da Educação Infantil ao Fundamental I, encontramos entusiasmo e respeito, seja montando peças a partir de histórias lidas ou encenando músicas e poesias. Mas a partir do Fundamental II, momento em que o aluno mais necessita dessa matéria, vemos atitudes reticentes, bem como diretores e orientadores inseguros”.

Umas das causas que ela atribui à questão é o fato de a arte em geral ser percebida como um entretenimento, sem maiores consequências educacionais. Ou, sob a ótica do preconceito, como uma atividade temerosa. “Ainda é frequente o questionamento: será que meu filho vai ter que pintar os lábios?”, lamenta.

Para ela, o caminho rumo ao ensino de qualidade passa por incluir um semestre de artes cênicas aplicadas ao ensino na grade das licenciaturas. “Então, todos os professores, independentemente da área de formação, entenderão que, quando mente e corpo atuam juntos, ambos trabalham a favor da fixação do conteúdo”.

PRECISO SER TALENTOSO?

“Talento ou falta dele tem muito pouco a ver com o teatro pedagógico. Nesse caso, não há uma relação entre talento e aprendizado”, garante Vic Vieira Granero. “Todos são capazes de aprender, desde que haja interesse mútuo entre educandos e educadores”.

Isso não quer dizer que, no teatro com fins educacionais, não seja possível descobrir novos talentos. Pelo contrário. Ele permite que o professor detecte uma infinidade de traços de personalidade do aluno e crie, de forma segura, condições para que se desenvolvam habilidades e competências ligadas tanto às artes cênicas quanto ao conteúdo curricular que faz parte da trama.

Para Andrea, o processo de criação passa por materializar a narrativa enquanto o educando vai percebendo seu crescimento e se surpreendendo com a habilidade que adquire no conteúdo curricular e na representação em si.

Entre as alegrias que ela colheu ao longo dos anos em que coordenou o projeto está o fato de alguns alunos terem escolhido as carreiras de Matemática e Artes Cênicas depois de concluírem o Ensino Médio.

“O docente que se arrisca a viver uma experiência dessas sabe que dá muito trabalho porque é pouco tradicional, exige criação”, desabafa a professora. “Mas quem se motiva a fazer isso recebe como recompensa a sensação de renovação e o êxito dos estudantes. Não estou parada no tempo e me sinto alavancando a confiança deles”. »

HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DO PROFESSOR

Imprevistos aparecerão durante a montagem da peça e o educador deverá estar disposto a resolvê-los junto com os alunos, de forma colaborativa.
"Com a serenidade de quem domina o conteúdo da disciplina e o respeito pelo educando e pela atividade escolar, o docente saberá enfrentar os percalços de quem trabalha com jovens que se movimentam, interagem e compartilham de um mesmo objetivo, no caso, montar uma peça de teatro", afirma Vic Vieira Granero.

Mesmo assim, vale a atualização permanente do profissional do ensino. Quando o assunto é a expressão de sentimentos dos estudantes, Vic recomenda a consulta de bibliografia especializada em psicodrama pedagógico.
Para conhecer técnicas e jogos teatrais aplicáveis à sala de aula, a professora de Matemática Andrea Poligicchio sugere as obras de Viola Spolin, uma referência em arte-educação.

PLANO DE AULA

Por Andrea Poligicchio, professora de Matemática e mestre em Educação pela USP.

Contexto:
Sugestão de montagem de uma peça de teatro pedagógico a partir da versão de um conto de fadas. Os próprios alunos podem escrever a narrativa, com conteúdos matemáticos e discurso direto. É recomendável que a atividade não seja avaliativa, nem obrigatória.

DICA! Convide professores de outras áreas para participar deste projeto! A interdisciplinaridade só tende a enriquecê-lo.

Objetivo:
Criar uma peça teatral – desde a concepção até sua concretização, na apresentação final.

Recursos:
Variam de acordo com a disponibilidade da escola. O ideal é que se usem (ou adaptem com materiais alternativos) cenário, figurino, sonoplastia e iluminação, para garantir um bom efeito estético e veracidade.

DICA! As participações dos professores de História, Geografia, Arte e Literatura são essenciais para envolver os alunos na pesquisa de época. Por meio dela, vêm à tona detalhes que ambientam a peça, como vestuário, costumes, vocabulário, música, pintura, paisagem, clima e outros elementos. O educador de Arte também pode contribuir para a criação dos cenários e figurinos.

Duração:
Para peças cujo roteiro tenha até 30 páginas: de 6 a 8 meses, com encontros semanais de 1 hora.

Desenvolvimento:
A seguir, você encontra o passo a passo da montagem de uma peça. Alguns deles são exemplificados a partir da experiência do grupo da professora Andrea na obra *Romeu, Julieta e a Matemática*.
As etapas básicas são:

- **IMAGINAÇÃO**
  Momento de concepção coletiva da trama teatral e definição mínima do enredo (início, meio e fim), abrindo possibilidades para que cada aluno escreva suas sugestões. Pode ser uma versão de conto de fadas ou uma narrativa inédita. A trama de *Romeu, Julieta e a Matemática* baseia-se na obra *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare (1564-1616).

  DICA! O professor de Literatura pode explorar com os estudantes a vida e obra de William Shakespeare, com atenção especial para a história do casal apaixonado, que encontrou barreiras para o amor devido à rivalidade entre suas famílias. Já o professor de História deve contextualizar a situação política e social do período retratado na obra original e estabelecer paralelos com os dias atuais.

- **SELEÇÃO DE TEMAS**
  Definição dos conteúdos de Matemática que desencadearão reflexões na trama. O professor pode optar por introduzir um novo conhecimento ou desenvolver um já conhecido, usando os ensaios para sua compreensão e fixação. Em *Romeu, Julieta e a Matemática*, o conteúdo abordado foi a Sequência de Fibonacci.

- **REDAÇÃO DO TEXTO TEATRAL**
  Os alunos interessados em participar da atividade têm um mês para apresentar uma narrativa sobre o tema e o conteúdo matemático definidos, contribuindo para o texto final da peça. Este, por sua vez, passa pela revisão do professor, que pode contar com a ajuda de colegas de Língua Portuguesa.
  Em *Romeu, Julieta e a Matemática*, o galã impressiona a mocinha com seus conhecimentos da matéria. Durante uma serenata, fala sobre a origem dos sons musicais, explicando que cada nota surgiu da divisão de uma corda. Dó = 1, Sol = 2/3 e Fá = 3/4 e assim por diante. Comenta também que Pitágoras, o grande filósofo grego da Antiguidade, ao fazer o experimento da divisão das notas, acabou criando o monocórdio. Trata-se de um instrumento de uma corda só que permite obter os demais sons fracionando a nota inicial, o Dó.
  Em suma, estamos falando de matemática e música, intimamente ligadas à Sequência de Fibonacci. Ela também está presente na natureza, seja na espiral das sementes de girassol, no caracol, na bifurcação do tronco de algumas árvores ou na procriação de coelhos. Então, Romeu tem a ideia de demonstrar para sua amada a Sequência de Fibonacci na natureza.
  O cenário pode conter uma árvore com a Sequência ou, simplesmente, a

projeção de uma imagem que ilustre o pensamento do jovem.

A saber, a Sequência de Fibonacci é: 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, ..., sendo que cada número é a soma dos dois anteriores. Se dividirmos um deles pelo seu anterior, nos aproximamos da razão áurea, que é 1,618. Ou, se dividirmos o menor pelo maior, chegamos perto de 0,6, que também está relacionado à razão áurea. Quanto mais a sequência avança, mais perto ficamos desse valor.

Vale ressaltar que as frações das notas musicais igualmente nos remetem a valores que se aproximam do número de ouro, o que pode ser introduzido no roteiro da conversa entre Romeu e Julieta. Com toda a sua inteligência, ele adorará impressionar a namorada com ilustrações e cálculos, que podem ser projetados no cenário para que o público acompanhe o raciocínio.

- **LEITURA DRAMÁTICA**

  Leitura coletiva da peça para compreensão dos personagens, conflito e desenvolvimento da trama. Cada aluno toma as falas de um determinado personagem para imprimir a entonação adequada, o que nos dá uma visão das possibilidades de representação.

  Neste momento, começam a aflorar as afinidades com os personagens, quando já podem ser feitos os testes para escolher quem se adapta melhor a cada um deles.

- **SELEÇÃO DE FUNÇÕES**

  A montagem da peça demanda, além dos alunos-atores, a colaboração dos estudantes na direção da cena, acompanhando o texto (o que chamamos de "ponto") e as marcações do espaço cênico. Há também os que trabalham com a sonoplastia e os efeitos visuais (projeção de imagens, por exemplo).

DICA! Professores de Física podem prestar sua contribuição nas áreas de iluminação e efeitos especiais. Nesta última, também são muito bem-vindos os educadores de Química.

- **ENSAIOS**

  São, por excelência, os momentos não só de aprendizagem das técnicas de representação, como dos conteúdos, conceitos e raciocínios matemáticos envolvidos. Nos ensaios, os treinamentos de matemática se dão resolvendo os próprios exercícios da trama.

Na peça *Romeu, Julieta e a Matemática*, há uma cena em que Romeu aprecia as belezas da natureza e comenta com a amada sobre a ocorrência da Sequência de Fibonacci nos galhos da árvore onde o casal está encostado.

Ele chama a atenção de Julieta para o fato de que o tronco da árvore se bifurca em dois e que um deles logo se divide, formando uma terceira ramificação. Depois, mais ao alto, eles já são cinco, sempre ocorrendo a soma dos dois anteriores. Esse conteúdo não precisa ser escrito numa lousa, pois as falas devem conter as explicações. Também é importante que os elementos de cena e o cenário permitam ao público visualizar o conceito.

DICA! Nos ensaios, os professores de Educação Física têm grande contribuição a dar no que tange à preparação corporal do aluno-ator, com exercícios de alongamento e aquecimento para entrar em cena.

- **EFEITOS, TRILHA SONORA E FIGURINO**

  Quando o texto já estiver decorado e com as devidas nuances de dramatização, é hora de inserir os efeitos especiais, os recursos cenográficos, o figurino e a trilha sonora para que os alunos se acostumem com as marcações de tempo e espaço.

- **APRESENTAÇÃO: CONCRETIZAÇÃO DAS IDEIAS**

  Se a matemática é o campo das abstrações, a peça teatral é o instrumento que materializa conceitos, números, formas geométricas e raciocínios. Tudo nela ganha forma, graças à fala dos personagens, aos cenários, aos recursos de imagem e som e ao enredo em si.

  É o encontro perfeito de quem tem a capacidade de transitar do abstrato ao concreto – e vice-versa – por meio da imaginação e da contextualização.

- **SISTEMATIZANDO A TEORIA**

  Quando o assunto da peça merecer uma abordagem mais sistemática junto ao público, o professor pode propor um bate-papo no final do espetáculo para sanar possíveis dúvidas. Assim, os alunos-atores ocuparão novamente o papel de protagonistas na interlocução com o conteúdo.

Conclusão

Ao final do processo de construção, ensaios e apresentação do espetáculo, percebemos o inevitável: o aluno-ator se apropria do conhecimento para transmiti-lo ao público, tal qual o professor, que domina sua matéria para transmiti-la à classe. x

PARA SABER MAIS

Livro *Como usar o teatro na sala de aula*, de Vic Vieira Granero, Editora Contexto.

Vídeo sobre o Projeto Cinearte, uma iniciativa da Diretoria de Ensino da regional de Itaquaquecetuba, estado de São Paulo: *www.youtube.com/watch?v=3Grt_WwYJvE*

TV Escola – Salto para o Futuro Linguagem Teatral e Práticas Pedagógicas (vídeos e artigo):

- *http://goo.gl/hhzKu4*
- *http://goo.gl/FFQEmJ*
- *http://goo.gl/7IoUvD*
- *http://goo.gl/HNEmvT*
- *http://goo.gl/e4ybAS*
- *http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/14465604-Linguagemteatral.pdf*

O **Geekie Games** é uma plataforma gratuita que ajuda os alunos a se prepararem de uma maneira divertida, diferente e eficiente para o **ENEM**. Através do **Geekie Games**, os alunos fazem um diagnóstico e descobrem onde precisam focar, recebendo um plano de estudos personalizado. E tanto os professores, como a própria escola podem acompanhar em tempo real o desempenho e a evolução dos seus alunos.

Você está a um clique de distância de melhorar o desempenho da sua escola e dos seus alunos no **ENEM**.

Acesse **www.geekiegames.com.br**.

REALIZAÇÃO:

COM AMOR

GEEKIE

UMA MANEIRA DIFERENTE DE PREPARAR SEUS ALUNOS PARA O ENEM. E O MELHOR: DE GRAÇA.

GEEKIE GAMES

ENEM 2014

ÚNICA PLATAFORMA DE APRENDIZAGEM ADAPTATIVA CREDENCIADA PELO MEC

PATROCÍNIO:

Telefônica | vivo
Fundação Telefônica

Moderna
APROVADA E COMPROVADA NO PNLD

Estácio

Guaraná Antarctica

Fundação viavarejo pontofrio

Instituto UNIBANCO

MANUSSAKIS

EDUCAÇÃO FISCAL: DE ESPECTADOR A TRANSFORMADOR DA REALIDADE

A educação fiscal se firma como tendência na sociedade, mas ainda representa um desafio para as escolas. Projetos pioneiros sinalizam o potencial de conscientização e formação cidadã se o tema for tratado de modo sistematizado e transversal.

Por **LARA SILBIGER**

A partir de 8 de junho deste ano, os impostos e as contribuições embutidos em qualquer transação comercial deverão estar discriminados na nota fiscal. Essa conquista da sociedade civil – a chamada Lei de Olho no Imposto – tem o objetivo de manter o consumidor informado sobre quanto ele paga de tributo em cada produto ou serviço que adquire.

Mas os avanços não devem parar por aí porque a demanda por conscientização vai além. Tão importante quanto conhecer o processo da arrecadação é entender como o dinheiro levantado pelo Fisco se reverte em benefícios para a população.

Nesse contexto, as escolas são fundamentais para disseminar os primeiros conceitos de educação fiscal. No entanto, ainda são raras as iniciativas pedagógicas que lidam com o assunto de forma sistematizada e como uma oportunidade de incentivar nos alunos atitudes cidadãs e transformadoras.

"É uma temática ainda um tanto nova", afirma Rai de Almeida, secretária executiva do Pnef (Programa Nacional de Educação Fiscal), instituído pelos Ministérios da Educação e da Fazenda no ano 2000. "Ela só começa a ganhar status de tendência no início da década passada, quando se fortalecem a democracia no país e a participação popular nos espaços de tomada de decisão".

Tamanha é a novidade que até mesmo o enfoque do Pnef vem sendo revisto. No início, ele era voltado especificamente para a educação tributária e a arrecadação fiscal. Depois, o foco passou a ser o destino dos impostos, os mecanismos de controle e a participação social.

"Passamos de uma iniciativa que justificava a tributação para um programa que instrumentaliza a sociedade, para entender como funciona o sistema de arrecadação e os meios de fiscalizá-lo", explica Rai, que também é diretora-geral adjunta da Esaf (Escola de Administração Fazendária), um órgão do Ministério da Fazenda.

Tal linha de raciocínio, que prima pelo empoderamento do cidadão, é a mesma que vem pautando os projetos pioneiros de educação fiscal em algumas escolas do país, embora o conteúdo ainda não faça parte do currículo de nenhuma disciplina. Eles são pontuais e nascem do trabalho individual de educadores que acreditam no ensino como um espaço de construção de possibilidades, de compreensão da realidade e de formação de seres humanos atuantes e sensíveis ao meio em que vivem. »

LIÇÃO DE CIDADANIA NA AULA DE MATEMÁTICA

Os alunos do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Carlos Santana, no município baiano de Belo Campo, voltavam das férias de julho quando o professor de Matemática Neomar Silva apresentou-lhes um tema que mudaria definitivamente sua forma de pensar e agir: a educação fiscal.

"Estava mais que na hora de eles saberem que todos somos atingidos pela tributação", recorda o educador. "Da minha parte, eu também estava pronto para dar-lhes o suporte de que precisavam para lutar pela garantia de seus direitos básicos, diversas vezes negados à maioria da população".

Foi imbuído desse propósito que Neomar expôs o assunto ao grupo pela primeira vez, em meio a discussões sobre cidadania, arrecadação fiscal e desvio de verbas. Aulas expositivas sobre porcentagem e juros também fizeram parte da programação.

Num segundo momento, a dinâmica ganhou ares práticos. Os alunos levaram para a escola suas respectivas contas de luz. "Ficaram surpresos quando perceberam que as famílias pagavam bem mais que quilowatts, pois ali estavam discriminados os valores dos tributos", diz o professor.

Na seguinte etapa, foi a vez de irem a campo para pesquisar preços de produtos em mercados da cidade, que tem 16.021 habitantes (IBGE/2013). O desafio era computar o valor médio da cesta básica e quanto se recolhe em forma de impostos.

"Foi um momento bem significativo, porque não adianta apenas falar de arrecadação", relata Neomar. "Quando o próprio adolescente calcula o tributo que paga ao adquirir uma mercadoria, aquilo se torna tangível e lhe dá a dimensão de que cabe a ele vigiar e cobrar o que é feito com o dinheiro público".

A última fase do projeto consistiu em visitar a Câmara de Vereadores de Belo Campo para acompanhar a votação de dois projetos de lei. Na ocasião, a classe fez perguntas aos parlamentares sobre como fiscalizar a aplicação das verbas.

De acordo com o professor de Matemática, a iniciativa foi uma fagulha para despertar nos estudantes o interesse social pela coisa pública. "Se antes questionavam de onde vinham os recursos da prefeitura, hoje sabem que é uma verba próxima e pela qual são responsáveis".

FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FISCAL PARA PROFESSORES

"Se analisarmos a história do país, veremos que não fomos formados para sermos cidadãos, mas meros espectadores da realidade", diz Rai.

Para ela, uma maneira de dar a volta por cima é apostar na educação fiscal com o objetivo de instrumentalizar a população para exercer seu papel social de forma mais consciente. "Estamos falando aqui da ampla defesa das garantias constitucionais, que consiste em assegurar ao cidadão a autonomia, a transparência e os meios necessários

TEMA TRANSVERSAL

De acordo com Rai de Almeida, secretária executiva do Plano Nacional de Educação Fiscal, todo professor pode levar a educação fiscal para a sala de aula, independentemente da área de conhecimento ou do nível de ensino em que atua. "Afinal, trata-se de um tema transversal, que permeia qualquer disciplina". Tributos, por exemplo, são matemática pura. Em Português, cabe a análise crítica de um texto com viés social. Combinando a Química com a Biologia, por que não falar do impacto ambiental causado por determinados componentes e os danos públicos que isso implica?
Seja numa matéria ou em outra, o que determina o sucesso de uma iniciativa de educação fiscal é a possibilidade do aluno interagir com a realidade e esta de repercutir sobre ele, e vice-versa. "O importante é aprender como a sociedade funciona para, então, ser um sujeito transformador", explica Rai.

para acompanhar as despesas e a arrecadação tributária."

Entre as capacitações disponíveis no mercado, está o curso on-line *Disseminadores da Educação Fiscal*, promovido gratuitamente pela Esaf para professores, servidores públicos e sociedade em geral. O programa, que confere certificado, tem 120 horas de duração.

Entre as 100 mil pessoas que já participaram da formação, está a professora de Arte Deolinda Buosi, do Colégio Estadual Nestor Victor, situado em Pérola, no Paraná. "Sempre fui muito crítica. Por isso, o descaso com que minha cidade tratava a arte e a cultura foi o que me impulsionou a fazer este curso a distância e falar de educação fiscal com meus alunos".

Não se dando por satisfeita, a professora também viajou diversas vezes até as cidades de Umuarama, a 48 km de distância de sua cidade, e a Cascavel, a 174 km, só para participar de eventos presenciais sobre políticas fiscais dos municípios e da criação de observatórios para fiscalizar o dinheiro público.

Com toda essa bagagem, entre 2009 e 2012, Deolinda desenvolveu com os estudantes do Ensino Médio o projeto pedagógico "Arte e Cidadania – Construção de saberes dos bens culturais do município de Pérola".

A ideia era transmitir informações sobre tributos, sua função socioeconômica e noções de gestão e controle dos recursos públicos. Outra preocupação da educadora era buscar formas e lugares inusitados para explorar o conteúdo, sempre aplicado à realidade artística e cultural da localidade.

Tudo começou com os alunos sendo "repórteres por um dia", indo às ruas perguntar à comunidade o que pensavam sobre a arte local e a preservação do patrimônio cultural. "Só o que ouviram foram reclamações do pouco caso com que ambas eram tratadas", conta Deolinda. "Até a construção da Casa da Cultura foi abandonada por desvio de verba".

As entrevistas, acrescidas de pesquisa e estudos de embasamento legal, resultaram em propostas que foram apresentadas ao Legislativo municipal. Entre elas, estavam a criação da Casa Memorial, um espaço para recuperar a história local, e da Caravana Cultural, um palco itinerante.

Em outro momento do projeto, os alunos dedicaram-se a mapear os artistas e os artesãos perolenses, a fim de cadastrá-los junto à Secretaria da Cultura do Município.

Performances e manifestações públicas, bem como apresentações musicais e teatrais, também fizeram parte desta iniciativa de educação fiscal, que levou para além da sala de aula temas como cidadania, combate à corrupção, respeito, responsabilidade e ética.

Mas nem tudo foi fácil ao longo do percurso. "Por falar abertamente com os alunos sobre corrupção local, desvio de verbas em obras públicas e Lei da Ficha Limpa, recebi ameaças por telefone e denúncias na ouvidoria do Núcleo Regional de Educação no período eleitoral", relata a professora de Arte. "Mas não me intimidei. Não dá para ficar na zona de conforto quando sei que temos os meios legais para fiscalizar o bem público."

Segundo Rai, da Esaf, o que a educação fiscal traz no seu bojo é exatamente essa mudança de paradigma, segundo a qual o indivíduo se torna um transformador da realidade. "Me conscientizo de que sou parte dessa sociedade, de que posso modificá-la e passo a ser vigilante dela".

O projeto da professora Deolinda foi o primeiro colocado do II Prêmio Nacional de Educação Fiscal, na categoria Escolas. Conheça o prêmio em: **www.premioeducacaofiscal.com.br**.

CAPACITAÇÃO

Os educadores interessados no curso on-line *Disseminadores da Educação Fiscal*, da Esaf, podem obter mais informações no site **www.esaf.fazenda.gov.br/capacitacao/educacao-a-distancia/links,** pelo e-mail ead@fazenda.gov.br ou pelo telefone (61) 3412-6118. As próximas turmas, com capacidade para 20 mil vagas, estão previstas para o segundo semestre de 2014.

PARA SABER MAIS

Livro *História dos Tributos no Brasil*, de Fernando Jose Amed e Plínio Jose Labriola de Campos Negreiros, Editora Nobel.

Livro *Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade*, de Ubiratan D'Ambrosio, Editora Autêntica.

Livro *Educação Matemática Crítica: uma questão de Democracia*, de Ole Skovsmose, Papirus Editora.

Os Tributos na História da Humanidade, em goo.gl/JY1zjb.

Os tributos no Brasil, em www.portaltributario.com.br/tributos.htm (página com lista atualizada de tributos existentes no Brasil).

Tributos, que história é essa?, em goo.gl/VkxXsd (vídeo) e goo.gl/OsxmAi (pdf de atividades).

CARIBE
RAPA NUI
COCINA CHILENA
INCA
MUSEO
DE LOS ERTOS
EN MÉXICO!

AS QUESTÕES DE LÍNGUA ESPANHOLA NO ENEM

Pouco a pouco, o espanhol vem adquirindo importância na grade curricular do Ensino Médio, sobretudo a fim de valorizar a diversidade cultural, mas ainda há muito a ser feito e revisto, tanto em sala de aula, quanto na principal avaliação do Ensino Médio.

Por **GRETEL ERES FERNÁNDEZ (FE-USP) E DANIELA SAYURI KAWAMOTO KANASHIRO (UFMS)**

Conforme as *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*, doravante Ocem (BRASIL, 2006), a contribuição que a língua estrangeira, especificamente o espanhol, poderia dar é "levar o estudante a ver-se e constituir-se como sujeito a partir do contato e da exposição ao outro, à diferença, ao reconhecimento da diversidade" (BRASIL, 2006, p. 133). Esse contato possibilita a reflexão sobre sua própria língua, o português, e sobre sua identidade cultural, além de contribuir para a conscientização acerca da diversidade e das diferenças, evitando atitudes xenófobas. »

Nesse sentido, o ensino de espanhol ao final da educação básica não deve focar exclusivamente a preparação para o trabalho, nem para o vestibular ou para o Enem. Além disso, é importante reforçar que o planejamento, os materiais didáticos e o desenvolvimento das aulas no Ensino Médio não devem colocar como objetivo primeiro o treino, a preparação para a superação desses exames seletivos. O papel do espanhol no Ensino Médio é bem mais amplo. Para as Ocem (BRASIL, 2006), o aspecto educacional do ensino de línguas estrangeiras deve referir-se à cidadania e não apenas restringir-se ao aspecto linguístico. Entende-se por cidadania a compreensão sobre que posição um indivíduo ocupa na sociedade: "de que lugar ele fala na sociedade? Por que essa é a sua posição? Como veio parar ali? Ele quer estar nela? Quer mudá-la? Quer sair dela? Essa posição o inclui ou exclui de quê?" (BRASIL, 2006, p. 91).

"CONSIDERANDO O PODER QUE EXERCE UMA AVALIAÇÃO EM LARGA ESCALA COMO O ENEM E QUE, NESTE CASO, ABRANGE O TERRITÓRIO NACIONAL, PODERÍAMOS DIZER QUE A INSERÇÃO DA LÍNGUA ESPANHOLA NESSE EXAME TAMBÉM É MAIS UMA AÇÃO QUE OBJETIVA REFORÇAR A NECESSIDADE DA IMPLANTAÇÃO DO IDIOMA EM TODAS AS ESCOLAS QUE OFERECEM O ENSINO MÉDIO."

Apesar da importância que a língua espanhola vem ganhando no Brasil nos últimos anos, a obrigatoriedade da oferta do castelhano no Ensino Médio, conforme determina a Lei 11.161/2005, ainda não foi colocada em prática em todos os estabelecimentos que ofertam os anos finais da educação básica. Além das *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio* apresentarem um capítulo específico sobre os conhecimentos de espanhol, de ter acontecido a seleção de livros didáticos desse idioma para as escolas públicas e de outras iniciativas federais, tais como o Edital de Pré-qualificação de tecnologias educacionais (disponível em: http://seb.ufrgs.br/docs/editalLinguas.pdf), as ações do Governo Federal não foram suficientes para fazer valer a lei da obrigatoriedade dessa oferta. Considerando o poder que exerce uma avaliação em larga escala como o Enem e que, neste caso, abrange o território nacional, poderíamos dizer que a inserção da língua espanhola nesse exame também é mais uma ação que objetiva reforçar a necessidade da implantação do idioma em todas as escolas que oferecem o Ensino Médio, prevista na lei assinada em 5 de agosto de 2005. Sem dúvida, a inclusão do espanhol no Enem a partir de 2010 reforçou o destaque do referido idioma no contexto educacional brasileiro.

O NOVO ENEM E AS PROVAS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Logo após a realização da primeira edição do Enem que incluiu questões de língua espanhola e de língua inglesa (2010), realizou-se um evento em São Paulo no qual se discutiram essas provas. Segundo os professores-doutores José Carlos Paes de Almeida Filho, Gretel Eres Fernández e Lívia Donnini, "foram incluídos textos da atualidade em diferentes gêneros (artigo digital, letra de canção, material publicitário, artigo sobre variedades, cartão postal publicitário, texto informativo e texto jornalístico) seguidos de questões de compreensão formuladas em português. Apesar da presença da língua materna, os participantes entenderam que a prova mobiliza conteúdos lexicais e gramaticais não como fins em si mesmos, mas sim na sua manifestação contextualizada e em uso. Da mesma forma, a diversidade de fontes afasta a visão hegemônica de cultura associada a uma variedade linguística dominante e, ao mesmo tempo, essa diversidade não implica o conhecimento muito específico de usos regionais ou de grupos sociais determinados" (uma síntese das discussões desse evento está disponível em goo.gl/JdI2Tu).

Contudo, os especialistas também consideraram que a visão de língua estrangeira subjacente nessas provas era bastante limitadora e que havia a necessidade de refletir tanto acerca dos objetivos do ensino e aprendizagem de idiomas na escola regular, quanto sobre os efeitos retroativos desse exame no Ensino Médio. Nesse sentido, Almeida Filho, no artigo *O que se tem depois do Enem?*, (disponível em goo.gl/IhB8V7), defende que "a prova do Enem deve apontar inequivocadamente para a valorização de usos justificáveis de novas línguas adquiridas e suas culturas", o que supõe repensar e reestruturar tanto o exame em si como o ensino de línguas na educação básica brasileira. Infelizmente, ao longo destes três anos não se notaram mudanças significativas nem nos cursos, nem na avaliação nacional.

AS QUESTÕES DE LÍNGUA ESPANHOLA

Desde 2010, o Enem apresenta apenas 5 questões específicas de espanhol, num total de 180 que abrangem outras disciplinas. Ao mesmo tempo em que é inviável que para cada disciplina sejam propostas várias questões, consideramos que somente 3% de língua espanhola no total de itens é um número bastante baixo e até mesmo insuficiente, uma vez que saber ler em outro idioma é importante para qualquer estudante de Ensino Superior, independentemente do curso a ser seguido. Consideramos, também, que uma possível solução que evitaria aumentar o número de questões seria apresentar itens que exigissem conhecimentos interdisciplinares. Dessa forma, um mesmo item poderia contemplar as habilidades de mais de uma disciplina.

Outra característica que tem se mantido constante nas provas é o fato de as questões de língua estrangeira apresentarem enunciados e alternativas em português. Isso pode levar à facilitação da leitura, pois alguma dúvida sobre o texto, seja em relação a uma parte específica, a uma palavra ou à compreensão global, pode, eventualmente, ser esclarecida com base na leitura do enunciado ou das alternativas, dependendo da forma como a questão é elaborada.

Os textos informativos predominaram nas provas de língua espanhola, muito embora a maioria deles tenha sofrido alteração em relação à correspondente versão original. Tais modificações consistiram, basicamente, em supressões de alguns trechos e adaptações, sendo que, em alguns casos, julgamos que os cortes e as alterações comprometeram a compreensão do texto.

Destacamos como positiva a diversidade de assuntos abordados e o fato de vários deles estarem vinculados a temas transversais, razão pela qual acreditamos na possibilidade de uma prova com questões interdisciplinares como salientamos anteriormente. Alguns desses temas, como saúde, meio ambiente, consumo, entre outros, por serem bastante amplos, facilitam a abordagem também em outras disciplinas. Ademais, também podem ser ilustrativos de aspectos socioculturais, na medida em que podem ser enfocadas formas diferentes de entender a mesma realidade ou um mesmo assunto de caráter mais abrangente.

Sobre os enunciados das questões, é preciso notar que alguns não apresentaram a necessária clareza. Com relação ao nível de dificuldade, o problema reside no nível de conhecimento prévio exigido (veja, por exemplo, a questão 94 da prova amarela de 2010 – 2ª aplicação). »

QUESTÃO 94

Jesulín y Cayetano Rivera salieron a hombros por la puerta grande aplaudidos por María José Campanario y la duquesa de Alba. Expectación, mucha expectación fue la que se vivió el pasado sábado en la localidad gaditana de Ubrique. Un cartel de lujo para una tarde gloriosa formado por los diestros Jesulín, "El Cid", y Cayetano Rivera. El de Ubrique pudo presumir de haber sido "profeta en su tierra" en una tarde triunfal, con un resultado de tres orejas y salida por la puerta grande.

Desde primera hora de la tarde, numerosos curiosos y aficionados fueron llegando a los alrededores de la plaza y al hotel Sierra de Ubrique, donde hubo un gran ambiente previo a la cita taurina, dado que era el sitio donde estaban hospedados los toreros.

Revista ¡Hola! Nº 3.427, Barcelona, 7 abr. 2010 (fragmento).

O texto traz informações acerca de um evento de grande importância ocorrido em Ubrique – uma tourada. De acordo com esse fragmento, alguns dos fatos que atestam a vitória nesse evento típico da cultura espanhola são:

a) a realização de cortejo público ao toureiro e o abraço do adversário.
b) a hospedagem do Hotel Sierra de Ubrique e a presença da família real.
c) a formação de fã-clubes numerosos e o recebimento do título de nobreza.
d) o acúmulo de maior número de orelhas e a saída pelo portão principal.
e) a reunião de numerosos curiosos e o apreço de uma rica mulher.

"UMA POSSÍVEL SOLUÇÃO QUE EVITARIA AUMENTAR O NÚMERO DE QUESTÕES SERIA APRESENTAR ITENS QUE EXIGISSEM CONHECIMENTOS INTERDISCIPLINARES. DESSA FORMA, UM MESMO ITEM PODERIA CONTEMPLAR AS HABILIDADES DE MAIS DE UMA DISCIPLINA."

Nesse item, sem o título e a imagem, o estudante/candidato não tem pista alguma sobre a que acontecimento se referem os dois primeiros parágrafos. A tourada só é mencionada no desfecho do fragmento e no enunciado da questão. Quem são Jesulín e Cayetano Rivera citados no início do texto? E "El Cid", María José Campanario ou a duquesa de Alba? Também é possível notar a presença de outros aspectos que podem dificultar a compreensão da reportagem: palavras e expressões pouco transparentes como "*gaditana*", "*cita*", "*profeta en su tierra*", "*el de Ubrique*", "*salir a hombros*", "*salir por la puerta grande*", "*diestros*", além da presença de falso cognato, ou seja, vocábulo que tem grafia e som semelhante ao português, mas apresenta significado distinto ("*sitio*"). O que significa "*tres orejas*"? O termo "*plaza*", de sentido específico no texto, não pode ser associado ao seu significado mais frequente. A questão exige a reconstituição de uma informação pontual, ou seja, que se indiquem alguns dos fatos que atestam a vitória nesse evento típico da cultura hispânica. Como o texto não revela claramente o que comprova a vitória do toureiro, é preciso inferir a resposta pautando-se em expressões como "*tarde triunfal*", "*con un resultado de tres orejas*", "*salida por la puerta grande*" e "*salir a hombros*". O problema, como podemos constatar pelo número de notas inseridas referente ao parágrafo anterior, é que para compreender o fragmento e poder inferir a resposta, o leitor precisa ter conhecimentos prévios de tauromaquia. Além disso, há uma série de nomes próprios de personalidades espanholas que dificultam a compreensão do texto.

Consideramos a possibilidade da existência de perguntas mais difíceis que outras, mas a dificuldade deve estar na habilidade exigida e não na falta de conhecimento prévio do leitor sobre o assunto, em deficiências de redação do enunciado ou em complicações derivadas de supressões no texto.

Na contramão dessas dificuldades, algumas questões puderam ser respondidas sem que o leitor tivesse que demonstrar qualquer conhecimento do texto em espanhol.

"É IMPORTANTE RESSALTAR QUE, DE NOSSO PONTO DE VISTA, O OBJETIVO DO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NO ENSINO MÉDIO É MUITO MAIS AMPLO QUE A PREPARAÇÃO PARA O ENEM."

O PROFESSOR, OS ALUNOS E A PROVA DE LÍNGUA ESPANHOLA NO ENEM

Enquanto nos processos seletivos normalmente figura uma lista de conteúdos no manual do candidato, elencando o que poderá ser solicitado nos exames, a orientação para as questões do Enem se fundamenta em habilidades e competências, conforme demonstra o quadro a seguir:

Competência de área 2 - Conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais.
Habilidade 5 – Associar vocábulos e expressões de um texto em LEM ao seu tema.
Habilidade 6 – Utilizar os conhecimentos da LEM e de seus mecanismos como meio de ampliar as possibilidades de acesso a informações, tecnologias e culturas.
Habilidade 7 – Relacionar um texto em LEM, as estruturas linguísticas, sua função e seu uso social.
Habilidade 8 – Reconhecer a importância da produção cultural em LEM como representação da diversidade cultural e linguística.

Quadro 1 – Competência de área 2 (Fonte: BRASIL, 2009, p.2)

As provas em larga escala que determinam lista de conteúdos acabam engessando o currículo, já que se propiciam a cultura do "preparar-se para os exames", ou seja, ministram-se aulas em função dos parâmetros de tais provas nacionais. Nesse sentido, com relação ao Enem, observamos a preocupação de muitos professores sobre que material utilizar visando à preparação para um exame que não lista conteúdos. É importante ressaltar que, de nosso ponto de vista, o objetivo do ensino de língua estrangeira no Ensino Médio é muito mais amplo que a preparação para o Enem.

Constata-se, assim, apesar do avanço que representa a inclusão de línguas estrangeiras no Enem – e, no nosso caso específico, do Espanhol –, que ainda há muito a se fazer para que esse exame se converta, de fato, num instrumento eficaz de aferição de domínio da compreensão leitora no idioma em questão. Além disso, como é possível entrever, um exame dessa magnitude não deveria enfocar apenas uma habilidade linguística e, menos ainda, circunscrita a apenas cinco itens. Confiamos que em futuras edições do Enem sejam incorporadas mudanças capazes de revelar a filiação a concepções linguísticas e de ensino de idiomas mais afinadas com a atualidade.

"OS ESTUDIOSOS RESSALTAM A RELEVÂNCIA 'DA EXPERIÊNCIA DE APRENDER UMA NOVA LÍNGUA NA ESCOLA COMO PARTE DA EDUCAÇÃO DO CIDADÃO PLANETÁRIO E LOCAL AO MESMO TEMPO' E, PARA TANTO, AS LE DEVEM SER 'CONCEBIDAS MENOS COMO ESTUDO DO SISTEMA LINGUÍSTICO E MAIS COMO EXPERIÊNCIAS DA BUSCA DO CONHECIMENTO, DA CULTURA, DAS ARTES, DA CIÊNCIA E DO ENTRETENIMENTO'."

PERSPECTIVAS PARA AS PROVAS DE ESPANHOL NO ENEM

Alguns dos aspectos anteriores foram apresentados e discutidos durante o "I Ciclo de Simpósios Avaliações da educação básica em debate: ensino e matrizes curriculares de referência das avaliações em larga escala", celebrado em Brasília, em 2011. Entre as várias reflexões que esse evento suscitou, vale destacar os objetivos que devem ter o ensino e aprendizagem de língua estrangeira na educação básica. Assim, tanto os objetivos quanto os conteúdos podem ser fixados, segundo Douglas Altamiro Consolo, com base num "conjunto de competências, de caráter cognitivo, linguístico e social, para desenvolver nos aprendizes uma competência linguístico-comunicativa em LE que seja efetiva para atender a suas necessidades, presentes e futuras, acadêmicas, profissionais e sociais". Como se constata, essa perspectiva é muito mais abrangente do que os conhecimentos que as provas de LE propostas até o momento pretendem aferir.

Nessa mesma linha de concepção dos exames de língua estrangeira em larga escala, situam-se as reflexões apresentadas por Almeida Filho e Eres Fernández também nesse evento promovido pelo Inep, em 2011. Para esses pesquisadores, é fundamental contar com uma política de ensino de línguas abrangente, capaz de orientar as ações educacionais com vistas a se alcançar a excelência no ensino de outros idiomas. Nesse sentido, os estudiosos ressaltam a relevância "da experiência de aprender uma nova língua na escola como parte da educação do cidadão planetário e local ao mesmo tempo" e, para tanto, as LE devem ser "concebidas menos como estudo do sistema linguístico e mais como experiências da busca do conhecimento, da cultura, das artes, da ciência e do entretenimento".

Fica evidente, portanto, que as provas de espanhol do Enem avançariam muito em qualidade e em capacidade de verificação de conhecimentos se, além da ampliação da quantidade de itens, levassem em consideração os aspectos mencionados nos parágrafos anteriores já que eles constituem, em última instância, os objetivos do ensino de LE no Ensino Médio. x

PARA SABER MAIS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de; ERES FERNÁNDEZ, Gretel. **O ensino de línguas no sistema escolar brasileiro: esboço de um plano de intervenções para a excelência no ensino de línguas estrangeiras**. In: Inep. Avaliações da educação básica em debate: ensino e matrizes curriculares de referência das avaliações em larga escala. Brasília, Inep, 2013, p. 261-281.

CONSOLO, Douglas Altamiro. **A formação de professores como proposta para a excelência no ensino de línguas estrangeiras no Brasil**. In: Inep. Avaliações da educação básica em debate: ensino e matrizes curriculares de referência das avaliações em larga escala. Brasília, Inep, 2013, p. 283-299.

KANASHIRO, Daniela Sayuri Kawamoto. **As linhas e as entrelinhas: um estudo das questões de língua espanhola no Enem**. 2012. 237 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

KANASHIRO, Daniela Sayuri Kawamoto; ERES FERNÁNDEZ, Isabel Gretel M. **Enem: consideraciones acerca del examen en el contexto educativo brasileño y análisis de los reactivos según presupuestos de la comprensión lectora**. Actas del XIX Seminario de Dificultades Específicas de la Enseñanza del Español a Lusohablantes: La evaluación en la enseñanza del español, v. 1, p. 8-18, 2013.

KLEIN, Ruben; FONTANIVE, Nilma e CARVALHO, José Carmello Braz de. **O desempenho de alunos dos Cursos Pré-vestibulares Comunitários no Enem 2006: análise de um possível impacto da capacitação de professores**. Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 15, n. 56, p. 373-392, jul/set.2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n56/a05v1556.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2013.

A ARTE CONTEMPORÂNEA CABE NA ESCOLA?

Se as artes visuais podem ser consideradas formas de representar a sociedade em que são produzidas, é na relação com a arte feita atualmente que poderemos compreender melhor a nós mesmos e o mundo. Este é um dos motivos pelos quais é tão importante que os alunos se aproximem e aprendam a se relacionar com a arte contemporânea.

Por **AUDREY HOJDA e CAUÊ CARDOSO POLLA**

Podemos aprender muito sobre uma sociedade antiga e seus costumes, práticas culturais, valores estéticos, morais, políticos e religiosos por meio do contato com as obras de arte produzidas no período. E também podemos compreender vários aspectos da vida contemporânea pela arte produzida atualmente. A sociedade e o ser humano mudam, e com eles também a arte se transforma. Os acontecimentos não se dão necessariamente nesta ordem, é claro, mas a percepção de que a arte se transforma, assim como seus produtores e o contexto em que é criada, pode ajudar no processo de entendimento dessa produção artística contemporânea.

Hoje em dia, a complexidade e a amplitude dos fenômenos sociais, das ferramentas tecnológicas e das relações pessoais requerem formas de representação igualmente amplas, diversas, complexas e multifacetadas. O processo de significação da arte contemporânea e sua compreensão não são simples. Ainda assim, é de fundamental importância ao jovem atual, para que construa uma postura e um olhar sensíveis e críticos sobre a realidade em que vive. »

◄ EMERSON de Vik Muniz. Fotografia da série *Ulterior*, de 1998. Ao fotografar os meninos de rua, Vik Muniz escolheu o lixo como material para a recriação das imagens. Não um lixo qualquer, mas o lixo recolhido na Quarta-Feira de Cinzas, nas ruas da cidade.

E se há um espaço privilegiado onde a construção desses saberes e a reflexão sobre a sociedade pode acontecer, este local é a escola. Afinal, trata-se de uma instituição que, além de trabalhar com os conhecimentos acumulados social e historicamente, não pode deixar de olhar para os fenômenos que estão acontecendo no tempo presente.

O QUE É ARTE CONTEMPORÂNEA?

Muitas vezes o público alega não gostar de visitar exposições de arte contemporânea porque considera as obras estranhas, de difícil compreensão ou até mesmo feias. Este tipo de postura gera um progressivo afastamento por parte do público e, por fim, uma espécie de receio de não conseguir se relacionar ou mesmo compreender a obra. Mas, diante deste cenário, o que é possível fazer? Uma das primeiras posturas diante de um trabalho de arte – e especialmente de arte contemporânea – é perder o medo de se relacionar com ele. Não há certos e errados num processo de significação de uma obra de arte. As interpretações são múltiplas e isso é um dos saberes que a obra contemporânea traz.

De fato, muitos trabalhos feitos hoje lidam com questões do estranhamento, com abordagens de compreensão mais complexa, por vezes lidando com conceitos de beleza muito diferentes daqueles aos quais o público está acostumado a encontrar na televisão, nas novelas e nos filmes, em revistas de moda e comportamento, em mídias on-line etc. Outro problema é o fato de ser comum diante de obras contemporâneas ouvir jovens exclamando: "Ah, mas isso até eu faço!". Em diversos trabalhos artísticos, é justamente esta própria "simplicidade", o aspecto pouco refinado ou aparentemente *desleixado* da obra, o convite para que o público perceba que a arte pode ser feita por qualquer um que queira se dedicar a esta área, e não privilégio de gênios (conceito este, aliás, que não existia antes da arte do período chamado *romântico*).

Uma outra postura necessária é dar tempo para que os significados que a obra possa despertar se formem no espectador. Procurar perceber a chave de leitura da obra pode ser um dos disparadores do processo de criação de significados. A chave de leitura seria aquela dica, aquele fio da meada sobre o que trata o trabalho. Não é a interpretação em si, mas uma espécie de linha de raciocínio da obra. Ela pode revelar a gama de significações em que o trabalho se insere, assim como indicar para quais lados o trabalho não se direciona. Em um exemplo simples, é como procurar num peixe as qualidades de voar!

Portanto, se a obra está tratando de conceitos de estranhamento, querer encontrar a beleza clássica de uma paisagem provavelmente não irá gerar significados frutíferos. Encontrar essas chaves de leitura não elimina o fato de que cada um lê de um modo singular e cria sentidos diferentes para as obras. Mas como perceber essas chaves de leitura? Uma sugestão é procurar percebê-las a partir de um conjunto de elementos presentes na obra de arte a partir de perguntas:

- Como a linguagem usada agrega significados? Se a mesma imagem fosse um desenho a carvão ou fosse uma montagem por softwares de edição de imagem, isso influenciaria no sentido da obra?
- Como o(a) artista aborda o assunto presente na obra? De quais pontos de vista ele(a) mostra o assunto?
- É possível perceber como a obra foi produzida? O(a) artista deixou transparecer partes do processo? Há partes do trabalho que ele(a) fez com as próprias mãos ou usou objetos produzidos por outros? Ele(a) fez sozinho ou coletivamente? São quantos os autores?
- Em que contexto a obra pode ser apresentada? Dentro de uma instituição artística? Em um local público?
- É possível perceber em que contexto ela foi produzida? Faz referências a outras obras de arte conhecidas?

▲ *ORA BOLAS... ALGUMA COISA ACONTECE NO MERGULHO DO CORPO NO HORIZONTE, NA GRAVIDADE*

Instalação de Ernesto Neto, 2005. Rede de malha de algodão, bolas de plástico, bolas de borracha, gancho, espuma e corrimão de metal, altura: 405 cm x diâmetro: 665 cm. Galeria Fortes Vilaça, São Paulo.

ARTE DO MUSEU E ARTE DA RUA: DOIS ASPECTOS DE UMA MESMA REALIDADE

Uma outra questão importante para o jovem apreciar a arte de agora é olhar em seu entorno e perceber as manifestações poéticas que estão acontecendo bem perto dele. A arte contemporânea é um conjunto vastíssimo de manifestações e inclui desde as obras consagradas por museus, galerias e instituições culturais, até o grafite dos muros das grandes cidades, os vídeos produzidos com dispositivos móveis e veiculados diretamente pela internet, as manifestações de ativismo de vários tipos, obras feitas coletivamente e sem produto material para exposição, obras efêmeras, entre outros tipos.

Esse conjunto de obras que lidam diretamente com aspectos da vida cotidiana já é estudado dentro de um campo chamado estética do cotidiano. São obras que trabalham e enfatizam questões muito próximas daquelas que o público vivencia. É uma forma de aproximar a arte e seu público. A chamada arte relacional é outro tipo de obra que acontece fora dos museus e instituições culturais. Neste tipo de obra o que interessa é o acontecimento entre artista e comunidade, preferencialmente no ambiente onde a comunidade vive ou trabalha. O resultado final não é uma imagem, escultura ou vídeo que possa ser mostrado numa exposição, mas uma ação que gera uma mudança concreta naqueles que participaram do processo. Outra forma de aproximação entre arte e público.

Já o grafite é uma forma de arte cujo contato com o público – e especialmente o jovem – se dá diretamente, em especial nos grandes centros urbanos. O que até bem pouco tempo atrás era entendido como pichação e vandalismo, hoje pode ser apreciado como uma forma genuína de manifestação artística. Outra manifestação artística que costuma acontecer nas ruas e/ou em comunidades on-line são os coletivos de artivismo. Esses coletivos produzem trabalhos que mesclam bem diretamente questões estéticas e questões políticas, muitas vezes priorizando estas últimas. As obras geralmente não possuem um só autor, muitas vezes não são objetos materiais (mas manifestos escritos, atos públicos, *flash mobs* ou campanhas on-line), nem são comercializáveis por galerias. »

Em geral, as manifestações artísticas a que nos referimos lidam com uma mescla de questões poéticas e políticas. Pode-se sugerir que só o fato de serem atos que ocorrem fora das instituições artísticas já denotam o caráter político das questões que estão abordando. Uma característica importante para o jovem perceber e aprender é que, para se ter um panorama amplo e crítico da produção artística atual, há de se considerar simultaneamente as produções consagradas pelo circuito e aquelas que acontecem fora de seus limites. Não deve haver juízo de valor. Desconsiderar a arte institucionalizada dos museus por acreditar que seja elitista é tão prejudicial à formação do jovem quanto supervalorizá-la. O mesmo ocorre com a arte produzida na rua e em outros âmbitos: desconsiderá-la é negar todo um conjunto expressivo de acontecimentos artísticos, mas supervalorizá-la é fechar os olhos para o que a arte institucionalizada tem a oferecer.

ENTENDA

Estética do cotidiano: maneira de pensar e produzir arte que mescla produções tidas como eruditas e também as compreendidas como populares (ou até muitas vezes chamadas de "artes menores", como o bordado, o crochê, os diversos artesanatos, etc.). Além de lidar por vezes com elementos da indústria cultural, questiona o excesso de consumo. Nas palavras de Afonso Medeiros, pesquisador-doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e coordenador do Programa de Pós-graduação em Arte da UFPA, "uma estética do comum, do dia a dia, do consumo rotineiro? Também, mas não somente. O termo é ambivalente, pois se refere tanto ao ato criativo que se alimenta de elementos da vida diária quanto ao sentimento provocado por situações e objetos corriqueiros". Pode-se considerar que, desde as vanguardas europeias, alguns artistas trabalhavam com estas questões. No Brasil, Cildo Meireles e Rivane Neuenschwander, cada qual ao seu modo, podem ser considerados exemplos de artistas cujos trabalhos lidam com a estética do cotidiano.

Arte relacional ou estética relacional: termo cunhado pelo autor Nicolas Bourriaud, em meados da década de 1990, para os trabalhos de arte que davam mais importância para a construção de situações em que se estabeleciam relações diversas entre sujeitos e destes com os artistas, do que para a produção de um objeto comercializável. No Brasil, o artista e docente José Luiz Kinceler e a artista Ana Teixeira possuem trabalhos com este direcionamento. Fora do país, temos o artista Rirkrit Tiravanija como exemplo.

Grafite ou *graffiti*: manifestação artística surgida nas ruas das grandes cidades e produzida originalmente para o espaço público, é frequentemente

▲ *CHOVE CHUVA* Instalação de Rivane Neuenschwander, 2002. Baldes de alumínio, água, cabo de aço, escada; dimensões variáveis. Baldes suspensos do teto gotejam água em baldes correspondentes abaixo criando chuva artificial. A cada quatro horas, a água acumulada é despejada de volta nos baldes de cima para manter o sistema de circulação. Essa obra fez parte da exposição Rivane Neuenschwander: A Day Like Any Other, no Mildred Lane Kemper Art Museum, Missouri, Estados Unidos, 2010.

"PARA O JOVEM APRENDER É PRECISO TER UM PANORAMA DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA ATUAL, CONSIDERANDO AS PRODUÇÕES CONSAGRADAS PELO CIRCUITO E AQUELAS QUE ACONTECEM FORA DE SEUS LIMITES."

entendido como as artes visuais do movimento Hip Hop. O surgimento do grafite contemporâneo é ligado à cidade de Nova Iorque, na década de 1970. No entanto, por seu caráter de arte transgressora e representante da cultura da periferia, encontrou interessados nos grandes centros urbanos do mundo todo. Até pouco tempo era considerado vandalismo, mas hoje é valorizado como as outras artes institucionalizadas. Museus como o Masp e a Pinacoteca, ambos na cidade de São Paulo, já fizeram exposições só de grafites. É uma arte que tem um pé na rua e outro na instituição. Há quem veja essa entrada do grafite no grande mercado das artes visuais com bons olhos e há quem acredite que isso fez com que ela perdesse o caráter transgressor que possuía quando estava apenas nas ruas. Os Gêmeos, Speto, Kobra, Nunca e Nina Pandolfo são alguns exemplo do grafite brasileiro. Há inúmeros projetos que utilizam o grafite como meio de transformação social: Projeto Quixote, Rede Ivoz e a Ação Educativa são alguns deles.

Artivismo: são ações nas quais o fazer artístico e o fazer político se misturam quase que indissolu-velmente. É uma arte com vontade política e uma ação política com vontade estética. Segundo Miguel Chaia, pesquisador do Neamp (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política), da PUC-SP, dois fatores em especial influenciaram o surgimento do que atualmente pode-se chamar de artivismo: os movimentos sociais que ocorreram no final da década de 1960, como a luta por direitos civis e as mobilizações estudantis e a produção de novas tecnologias a partir de meados da década de 1990, que encurtou tempos e distâncias, facilitou a troca de informações e, consequentemente, ampliou o campo de atuação do artista político. O Grupo Poro, de Belo Horizonte, pode ser considerado uma dupla de artivistas.

Flash mobs: são eventos geralmente organizados on-line formados por aglomerações instantâneas em locais previamente determinados para a realização de ações por vezes inusitadas com diferentes finalidades. Vários *flash mobs* são organizados com fins políticos e/ou artísticos, outros são apenas para diversão dos participantes e surpresa dos transeuntes. O primeiro *flash mob* foi organizado via e-mail pelo jornalista Bill Wasik, em Nova Iorque, nos Estados Unidos, em 2003.

TECNOLOGIA: VER E FAZER ARTE OU O PONTO DE CONTATO ENTRE O JOVEM E A ARTE

As manifestações artísticas estão aí no mundo para que todos possam apreciar, mas como trazer para a sala de aula os procedimentos, conteúdos e experiências propostas por estas vivências artísticas contemporâneas? Uma das alternativas são as ferramentas tecnológicas de uso dos próprios alunos. »

SÍNTESE DAS FUNÇÕES SOCIAIS DA ARTE EM DIFERENTES MOMENTOS DA HISTÓRIA OCIDENTAL DA ARTE:

NA EUROPA:

Idade Média – a arte era usada para ensino da religião e as obras eram propriedade da Igreja.

Renascimento – o artista é entendido como indivíduo singular e racional; a arte é produto da mente e é autônoma da Igreja; passam a existir muitas representações do homem e da natureza; são criadas narrativas visuais (obras históricas, épicas e também religiosas); as noções da beleza se reportam à arte grega clássica.

Modernismo europeu – um dos papéis sociais foi o rompimento com padrões e valores artísticos utilizados até então, especialmente os renascentistas; os artistas queriam questionar a verdade única; as obras tinham vários pontos de vista, várias perspectivas, temas e estéticas pouco comuns até então.

Arte contemporânea (em vários países) – não serve mais como um retrato contemplativo da sociedade, passando a ter uma função crítica da realidade; utiliza-se de provocações e estranhamentos como estratégias de criação; portanto, agora uma das funções sociais da arte é questionar a realidade, ora se aproximando do cotidiano, ora se afastando.

Alguns autores chamam de contemporânea a arte produzida a partir da década de 1960.

A arte produzida hoje em dia também é chamada de contemporânea.

Hoje, muitos alunos possuem celulares com câmera, então, por que não produzir um vídeo ou um trabalho fotográfico que questione o excesso de imagens e a superexposição a que nossa sociedade está imersa?

Trazer referências multimídia e propor o uso dos dispositivos tecnológicos pode ser uma forma de atrair o aluno e fazer com que ele se sinta próximo das artes visuais produzidas atualmente. Próximo o suficiente até para se sentir produtor.

FERRAMENTAS ON-LINE: ACESSIBILIDADE

Além de ferramentas de produção, a tecnologia pode ser uma grande aliada na pesquisa e mostra de referências poéticas. A visita a museus e instituições culturais continua sendo uma ótima estratégia para levar o jovem a conhecer este campo, mas somente as grandes cidades brasileiras possuem este tipo de instituição. Para ter acesso a obras sem precisar se deslocar fisicamente, a internet pode ser uma ferramenta valiosíssima. Atualmente, quase todos os museus possuem sites com acervo digitalizado e os artistas possuem sites com suas obras. Além disso, existem sites e redes sociais direcionados especialmente para a reunião de artistas e a divulgação de trabalhos dos mais variados tipos, como o www.corocoletivo.org que reúne coletivos artísticos de todo o Brasil; o www.canalcontemporaneo.art.br que, além de divulgar portfólios, oferece notícias do mundos das artes visuais contemporâneas, e o www.olhodarua.net/sobre, especialmente criado para aproximar artistas que trabalham com grafite e outras manifestações urbanas. É possível formar grupos entre os alunos e entrar em contato com coletivos e ativistas para produzir projetos em conjunto. Parcerias poéticas para que nossos jovens cresçam sensível e criticamente e possam se tornar os artistas e o público brasileiro de amanhã. x

Audrey Hojda é mestre em Ensino de Arte com ênfase em ensino de desenho para crianças pela Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc e licenciada em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo – USP. Trabalha como professora de Artes de Educação Infantil e Ensino Fundamental I desde 2006.

Cauê Cardoso Polla é Doutor em Filosofia, com ênfase em Filosofia da Educação e História da Filosofia pela Universidade de São Paulo – USP.

▲ *MONUMENTO À CATRACA INVISÍVEL. PROJETO PELA DESCATRACALIZAÇÃO DA VIDA*

De autoria do grupo Contra-filé, 2014, a instalação em praça pública de uma catraca comum sobre um pedestal de escultura causa estranhamento. Isso é arte?

PARA SABER MAIS

Sites de referência:

- Humanities Web – site com milhares de imagens de obras de várias épocas e culturas: *www.humanitiesweb.org/human.php*
- National Gallery, de Washington – disponibiliza imagens de arte em boa qualidade: *www.nga.gov/content/ngaweb/collection-search-result.html?classification=drawing&pageNumber=1&lastFacet=classification*

Sites de museus e instituições culturais brasileiras:

- Pinacoteca de São Paulo: *www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt*
- Itaú Cultural: *novo.itaucultural.org.br*
- MAC: *www.mac.usp.br*
- Museu Afro Brasil: *www.museuafrobrasil.org.br*

Coletivos de arte:

- GIA – Grupo de Interferência Ambiental: *giabahia.blogspot.com.br*
- Grupo Poro: *poro.redezero.org*
- Coletivo Contra-filé: *www.facebook.com/grupocontrafile?ref=profile*

Sites de artistas contemporâneos brasileiros:

- Ana Teixeira: *www.anateixeira.com/index.html*
- Luana Veiga e Ticiano Monteiro: *veigamonteiro.wordpress.com*
- Débora Bolsoni (site da galeria com a qual a artista trabalha): *www.galeriamariliarazuk.com.br/#/br/artist/17*

Que tal levar um pouco de **polêmica** para a sala de aula?

Com temas atuais e focados no currículo do Ensino Médio, a Coleção Polêmica tem como objetivo fomentar discussões em sala de aula estimulando a participação dos alunos para o entendimento e a prática da realidade.

Os livros da coleção abordam relações sociais e étnico-raciais, identidade, ciência, direitos humanos, cidadania, entre outros assuntos que trazem informações do passado, do presente e suas perspectivas para o futuro.

Coleção Polêmica

Livros que ajudam seus alunos a entender o nosso mundo.

MODERNA Literatura

www.modernaliteratura.com.br

A FORMAÇÃO E OS DESAFIOS DO PROFESSOR BRASILEIRO

Ao contrário dos expressivos destaques internacionais, no que se refere à educação, o Brasil sempre se manteve aquém de suas possibilidades. Parte desta situação pode ser explicada pelas dificuldades enfrentadas por seus professores – que não vêm de hoje.

Por **CAUÊ CARDOSO POLLA**

A educação não vai bem há muito tempo. Historicamente, o Brasil nunca foi um país que tenha devotado muitas esforços para educar seu povo. Dentre os 65 países que participaram do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, em inglês), o Brasil ficou com a 58ª posição do ranking. Ainda que o primeiro lugar tenha ficado com a China, um país que vive sob uma ditadura, Chile e Uruguai, países vizinhos e democráticos, pontuaram acima do Brasil. Até mesmo a Sérvia, que passou por inúmeros conflitos civis e militares nas últimas décadas, encontra-se bem à frente. Embora não se possa tomar esses números de forma absoluta, sem considerar a situação socioeconômica dos países envolvidos, o indicador é alarmante. Como é possível que a sétima economia mundial seja tão atrasada em termos educacionais? »

Um dos motivos é certamente o baixo investimento em educação, um investimento que se perde por falta de planejamento e esbarra na corrupção crônica que o país enfrenta. Os baixos salários (em geral, 50% a menos do que outros profissionais formados na mesma área) e as parcas perspectivas para os professores faz com que cada vez menos se busque o ensino como carreira. Se é certo que há problemas também nas universidades, embora recebam investimentos muito maiores do que os ensinos Médio e Fundamental, é nestes últimos que a situação é mais perigosa.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA HISTÓRIA

A formação de professores é uma questão que não ganhou muita atenção até meados do século XVIII. Antes disso, nada ou quase nada se dizia a respeito de formar professores, embora Comênio e Ratke, dois grandes pedagogos, tenham tocado na questão. Isto não significa que a educação não tenha sido, desde os primórdios da história, uma preocupação constante e objeto de inúmeras reflexões. Mas é fato que existe uma disparidade entre o que se escreveu e pensou acerca da educação em geral, sua importância e objetivos, e o papel que a reflexão sobre o professor tem nesta história. Com a progressiva formalização dos estudos e o aparecimento das escolas modernas, o papel do professor foi cada vez mais enfatizado, o que demandou uma atenção maior à sua formação.

O século XX viu surgir inúmeros estudos que lidavam com a formação dos professores e das técnicas pedagógicas. Com o avanço da tecnologia no final do século XX e início do século XXI, muitos paradigmas foram alterados. No Brasil, atualmente, a preocupação com a formação de bons professores é um tema crescente no debate político-educacional. Um dos motivos para o aquecimento do debate é a maior consciência das desigualdades na presença

de professores com formação em nível superior nas distintas regiões do país, o que de certa forma reflete também algumas disparidades socioeconômicas.

Mas se é necessário melhorar a formação dos professores, é preciso, ainda, que haja pessoas interessadas em se tornarem professores. Como aponta Mozart Neves Ramos, “apenas 2% dos jovens querem seguir a carreira docente”. Este número tende a piorar a situação, uma vez que já se trabalha com um número alarmante: um déficit de 250.000 professores na educação básica.

Uma pesquisa realizada pelo professor Cláudio Nogueira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), considera que apenas 18% dos alunos que fazem pedagogia e licenciatura pretendem trabalhar apenas alguns anos em sala de aula; 62% não sabem quanto tempo resistirão na carreira; 1,3% considera o salário do professor “bom” ou “muito bom”; e 7% afirmam que as condições de trabalho são “boas” ou “muito boas”.

> “VÊ-SE QUE A LICENCIATURA NÃO TEM IDENTIDADE, É UM HÍBRIDO MAL ESTRUTURADO ENTRE O BACHARELADO E ALGUMAS DISCIPLINAS DO CAMPO PEDAGÓGICO.”
> **(Mozart Neves Ramos)**

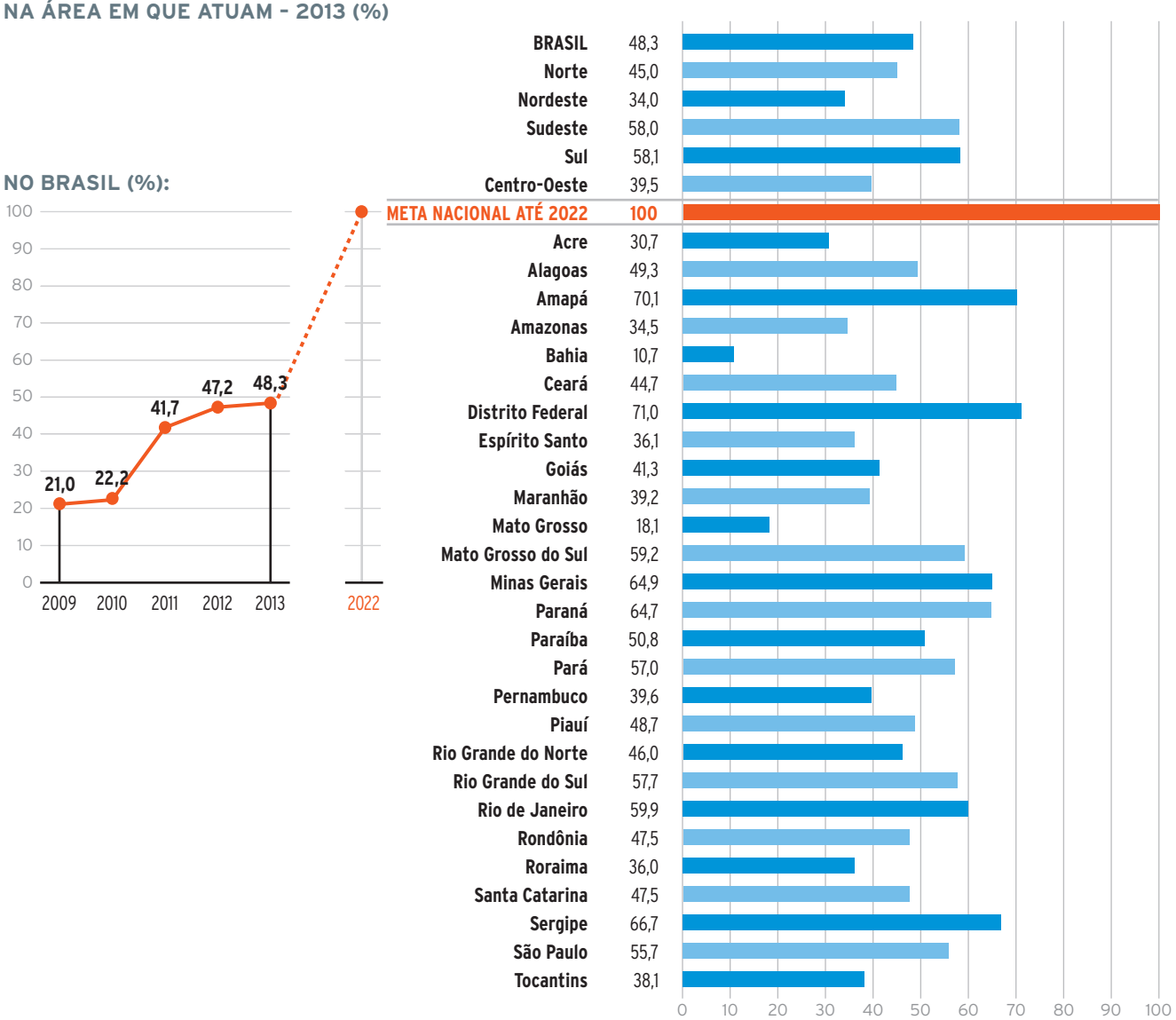
O PNE E A VALORIZAÇÃO DOS PROFESSORES

Para enfrentar esses problemas, foi idealizado um Plano Nacional de Educação (2011-2020). Uma das questões centrais do PNE, como se pode ler no *Anuário Brasileiro de Educação Básica*, desenvolvido pela ONG Todos pela Educação, em parceria com a Editora Moderna, é implementar "uma política de formação e valorização dos profissionais da educação, assegurando que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam". Além disto, busca-se "formar em nível de pós-graduação 50% dos professores da educação básica, até o último ano de vigência deste PNE, e garantir a todos os profissionais de educação básica formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino".

Mas quais as origens dos problemas na formação de professores? De um lado, baixos salários, ausência de planos de carreira e condições de trabalho pouco convidativas. De outro, o descaso do ensino superior com os cursos de licenciatura, e é neste ponto em que a formação é mais afetada, uma vez que se trata de uma *etapa decisiva*. Como aponta o professor Mozart, "vê-se que a licenciatura não tem identidade, é um híbrido mal estruturado entre o bacharelado e algumas disciplinas do campo pedagógico". Um exemplo diz respeito às questões de didática. É sabido que a didática é uma parte fundamental para o desempenho do professor no ambiente escolar. Saber muito não quer dizer saber ensinar. Segundo uma pesquisa da Fundação Carlos Chagas, publicada em 2008, que analisou currículos de 94 faculdades de Ciências Biológicas, Letras e Matemática, em todo o país, o tópico didática e métodos de ensino ocupa menos de 6% do currículo. A abordagem de temas tecnológicos ocupa menos de 1%. Embora date de 6 anos atrás, seguramente os dados não sofreram grande variação já que os currículos universitários não se adequam com a rapidez necessária às novas realidades. »

> "SE O FUTURO DE UM PAÍS ESTÁ NO FUTURO DA EDUCAÇÃO, ESSE FUTURO COMEÇA COM O DOS PROFESSORES."

PORCENTAGEM DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO QUE TÊM LICENCIATURA NA ÁREA EM QUE ATUAM - 2013 (%)



Fonte: http://www.observatoriodopne.org.br/metas-pne/15-formacao-professores/indicadores

FORMAÇÃO ESPECÍFICA, NA TEORIA E NA PRÁTICA

Ora, boa parte das universidades públicas deixa de formar professores para as escolas públicas. Não há professores suficientes e não há expectativa de suprir a crescente demanda. Assim, os professores que já atuam se deparam com um problema de enormes proporções: para suprir a demanda, têm que atuar também em áreas para as quais não foram preparados. Esta realidade entra em flagrante conflito com as diretrizes curriculares para o Ensino Médio, por exemplo, que dispõem que cada disciplina deve ser ministrada por professores que têm licenciatura na área em questão. Um professor de História dando aula de Química? Um professor de Física ensinando Português? As situações parecem exageradas, mas ocorrem. Costuma-se aceitar melhor que professores de áreas correlatas ministrem aulas fora da sua especialidade: assim, um professor de Matemática que ministra aulas de Física não parece tão estranho quanto um professor de Biologia ensinando Sociologia. Embora pareça menos estranho, é igualmente inapropriado.

Os dados do Censo Escolar 2013, realizado pelo Inep, impressionam: 48,3% dos professores do Ensino Médio da rede pública em nosso país têm licenciatura na área em que atuam. A Bahia, com apenas 10,7%, é o Estado com a menor proporção de

professores com formação específica, seguida pelo Mato Grosso e Acre. Já o Distrito Federal desponta com 71%, seguido pelo Amapá e Sergipe. É preciso observar, também, a série histórica, isto é, como o número de professores licenciados vem aumentando – ou não – com o passar dos anos. O Amapá, por exemplo, contava com apenas 27% de professores com licenciatura em 2009, passando a 70,1%, em 2013. A Bahia, por outro lado, observou um decréscimo, de 11,9%, em 2009, para 10,7%, em 2013, passando por incríveis 2,7%, em 2010.

FORMAÇÃO CONTINUADA EM DEBATE

O Ministério da Educação lançou, em 2013, o Pacto Nacional para o Fortalecimento do Ensino Médio. O objetivo principal é a formação continuada e atualização dos professores. O curso de capacitação é de 90 horas, e cada professor receberá uma bolsa mensal de 200 reais. Ainda que seja uma boa iniciativa, o problema maior continua sem solução: como formar bons professores *antes* de chegarem às escolas? Afinal, se um dos problemas é justamente a falta de formação específica, se um professor de Matemática tem que dar aula de Física, serão suficientes 200 reais mensais e uma rápida capacitação para torná-lo um *especialista*?

Ora, se um dos maiores desafios do professor se dá na sala de aula, durante sua prática diária, e se, ao mesmo tempo, ele também enfrenta novos desafios como as questões tecnológicas, não seria importante dar maior ênfase nestes aspectos? Certamente, mas não se pode reduzir o êxito escolar a um aperfeiçoamento da didática. Se o professor não possui um bom repertório para *ensinar*, e não apenas reproduzir o conteúdo encontrado em livros, se não é capaz de mobilizar seus alunos para uma reflexão crítica sobre o que se aprende, de nada adiantará dominar técnicas de ensino. Ao mesmo tempo, um repertório de bons conhecimentos que não se articulem com o ensino são vazios.

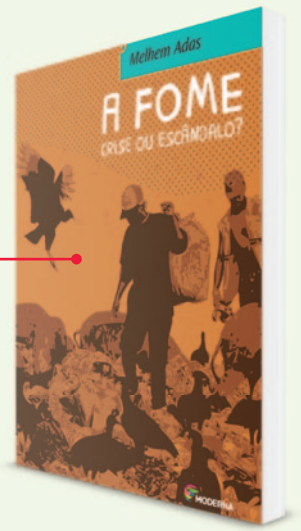
Assim, é preciso reequilibrar a equação do processo formativo dos professores. Mas é igualmente preciso *planejar* o futuro do ensino no Brasil. Se existem problemas na formação *prática* dos professores que ocuparão cargos nas escolas, há ainda outro problema que se torna cada vez mais grave: o déficit de profissionais. A cada ano se formam menos professores. O número reduzido de novos profissionais leva a um quadro desanimador: os profissionais que já estão trabalhando se veem pressionados a ministrar, muitas vezes, mais aulas de disciplinas para as quais não foram preparados.

O QUE É PRECISO?

Primeiramente, é fundamental um investimento adequado por parte do governo, em todas as esferas, para tornar o salário do professor digno de sua importância para o país. Além disso, planejar os planos de carreira pode tornar a profissão mais atraente para as futuras gerações, que muitas vezes consideram o ensino como uma das últimas opções de trabalho. Todavia, sem dar a devida atenção à formação dos profissionais do ensino, não se conseguirá mudar sua qualidade, embora os números possam melhorar. Uma reestruturação do ensino superior que vise à preparação de professores para atuarem na educação básica é o primeiro passo. Reavaliar a ênfase dada ao "conteúdo" a ser aprendido, buscando equilibrar o ensino da didática, tanto em nível teórico como prático, é ponto fundamental desta reestruturação.

Professores bem formados, trabalhando de forma adequada em suas áreas, com salários condizentes à sua importância para a melhora do país, em ambientes adequados às suas necessidades, são o primeiro passo para a solução da situação crônica em que a educação brasileira se encontra. Se o futuro de um país está no futuro da educação, esse futuro começa com os professores. x

LIVROS



A FOME – CRISE OU ESCÂNDALO?

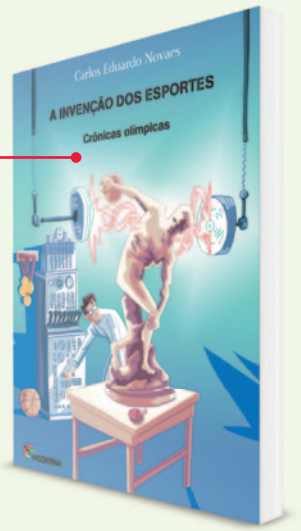
Melhem Adas
Editora Moderna

Esta obra levanta e discute essa escandalosa e vergonhosa realidade. Refuta as conservadoras teses de que a fome resulta do crescimento populacional "acelerado" dos países subdesenvolvidos e das condições naturais adversas, de que a produção mundial de alimentos é insuficiente para atender a todos, e de que a liberalização do comércio, a revolução verde e os organismos geneticamente modificados constituem a grande esperança para erradicar a fome, além de outras questões. O livro demonstra que a fome é uma criação humana diretamente relacionada com o tipo de civilização que construímos.

O GOLPE DE 1964 E A DITADURA MILITAR

Júlio José Chiavenato
Editora Moderna

Tortura, violência política, mortes e perseguições a intelectuais, estudantes, artistas e trabalhadores são os ingredientes mais visíveis da ditadura militar, a partir de 1964. 50 anos depois, este livro mergulha nos porões da ditadura e faz uma análise fria do período, buscando as raízes da luta ideológica e econômica e das suas relações internacionais, desde os governos de Getúlio Vargas, Jânio Quadros e, naturalmente, João Goulart.



A INVENÇÃO DOS ESPORTES – CRÔNICAS OLÍMPICAS

Carlos Eduardo Novaes
Editora Moderna

Como nasceram as modalidades esportivas? Tem ideia de quando a canoagem deixou de ser apenas um meio de transporte? Já parou para pensar quem inventou o basquete? E o voleibol? A proposta do livro é responder a essas e a várias outras perguntas e curiosidades sobre o tema por meio de crônicas sobre os mais diversos esportes, farta informação sobre cada um deles e um texto fluido, bem humorado, claro e informativo.

LIVRO DIGITAL

REESTRUTURAÇÃO DO ENSINO MÉDIO

Organização: Jose Clovis de Azevedo e Jonas Tarcísio Reis
Fundação Santillana e Editora Moderna
GRATUITO EM: WWW.MODERNA.COM.BR/PNLD

A obra reúne artigos de especialistas sobre a importância da reestruturação curricular do Ensino Médio conforme novos parâmetros que favoreçam a universalização do acesso e a diminuição dos índices de reprovação, abandono e distorção idade-série. Apresenta pressupostos teóricos e também experiências bem-sucedidas, como o Ensino Médio Politécnico do Rio Grande do Sul, que se apoia na interdisciplinaridade, na formação integral dos jovens e na produção coletiva do conhecimento.

SITE

POWTOON

www.powtoon.com
GRATUITO

O site oferece uma série de recursos simples para montar apresentações animadas. O PowToon traz vários temas e recursos para composição de slides e vídeos em pouco tempo. A ferramenta é bastante intuitiva e permite a inserção de muitas informações, como texto, imagem, música e efeitos especiais. O serviço é gratuito e o login pode ser feito pelo *Facebook* ou *Gmail*.

APLICATIVO / *SITE*

DUOLINGO

www.duolingo.com/pt
GRATUITO PARA ANDROID E IOS 6.0

O Duolingo é excelente para reforçar o aprendizado de idiomas. A ferramenta possui versão on-line e em aplicativo e é totalmente gratuito e colaborativo. O usuário vai aprendendo através de exercícios de escrita e escuta de maneira intuitiva e autônoma. O aplicativo possui materiais em espanhol, francês, inglês e italiano.

PESTALOZZI, EDUCADOR DA HUMANIDADE

Por **CAUÊ CARDOSO POLLA**

Em 12 de janeiro de 1746, nascia Johann Heinrich Pestalozzi, um dos mais revolucionários pensadores da educação. Pestalozzi não apenas *pensou* sobre educação, mas também agiu: foi professor durante quase toda sua vida e sempre se preocupou com a educação dos mais pobres, em uma época na qual a educação era privilégio de poucos. Sempre se mostrou socialmente ativo, participando de debates sobre política, corrupção na sociedade, e desigualdade dos homens.

Desde muito cedo, Pestalozzi conheceu de perto a realidade camponesa da Suíça. Deste contato, surgiu a certeza de que a situação de quase miséria da maior parte dos moradores rurais só poderia mudar mediante reformas sociais que combatessem a raiz do problema. Uma dessas reformas era justamente a educação. Transformou a propriedade de Neuhof, fazenda que havia comprado em 1769, em uma escola, no ano de 1777. Dois anos depois, fecharia a escola. Mas esta primeira experiência como professor seria marcante: depois dela, Pestalozzi passou a escrever abundantemente sobre educação.

Entre 1781 e 1787, publica *Leonardo e Gertrudes*, romance no qual expõe suas primeiras ideias pedagógicas. O enredo é muito simples: Gertrudes educa seus filhos de modo exemplar e esse sucesso é observado e imitado por Glüphi, professor da aldeia, e por um pároco, que são ajudados financeiramente por um político local. Muitas obras se seguiram, desenvolvendo e expandindo suas ideias. Fundou, em 1805, um instituto educacional em Yverdon, sua mais conhecida contribuição à história da educação. Foi aí que desenvolveu e aprofundou suas práticas e ideias pedagógicas: enfatizava a importância do desenho, da escrita, do canto, dos exercícios físicos, do colecionismo, da criação de mapas e de estudos de campo. Castigos físicos eram proibidos, o que mostrava a ligação de Pestalozzi com as concepções mais modernas de educação de sua época.

> "A ARTE DA EDUCAÇÃO DEVE SER CULTIVADA EM TODOS OS ASPECTOS, PARA SE TORNAR UMA CIÊNCIA CONSTRUÍDA A PARTIR DO CONHECIMENTO PROFUNDO DA NATUREZA HUMANA."

Foi revolucionário ao permitir que as diferenças individuais fossem levadas em conta, agrupando estudantes mais de acordo com suas habilidades do que de acordo com a faixa etária. Pestalozzi foi também um entusiasta da formação formal de professores, fato raro na época. Influenciado pela filosofia de Immanuel Kant, enfatizou o papel da educação moral para a autonomia, sempre se apoiando em sua própria experiência como educador, mostrando preocupação com os desfavorecidos.

Pestalozzi morreu em 17 de fevereiro de 1827, deixando um legado inestimável para a educação. x

JORNADA DE AVALIAÇÃO 2014

Avaliação Educacional dos alunos do 5º e 9º anos do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio para um sólido diagnóstico da aprendizagem em **Leitura, Matemática, Produção Textual, Ciências da Natureza e Ciências Humanas**, e **questionários de percepção** para contextualização dos resultados.

AVALIA
Assessoria Educacional

0800 77 33990

www.avaliaeducacional.com.br

/avaliaeducacional /avalia_edu

Queremos unir as suas experiências com as nossas
para desenhar uma nova dinâmica no Ensino Médio.

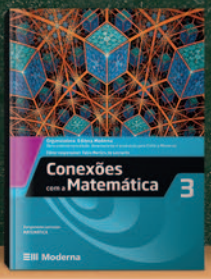
PORTUGUÊS
CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO

CÓDIGO DA COLEÇÃO:
27611COL**01**

MATEMÁTICA
PAIVA

CÓDIGO DA COLEÇÃO:
27583COL**02**

CONEXÕES
COM A MATEMÁTICA



CÓDIGO DA COLEÇÃO:
27519COL**02**

MKT • MODERNA

FÍSICA
CIÊNCIA E TECNOLOGIA

CÓDIGO DA COLEÇÃO:
27647COL**22**

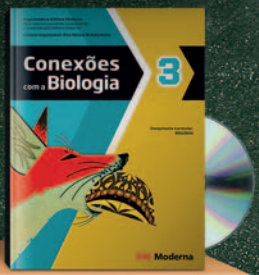
CONEXÕES
COM A FÍSICA

CÓDIGO DA COLEÇÃO:
27646COL**22**

BIOLOGIA
EM CONTEXTO

CÓDIGO DA COLEÇÃO:
27644COL**20**

CONEXÕES
COM A BIOLOGIA



CÓDIGO DA COLEÇÃO:
27518COL**20**

GEOGRAFIA
CONTEXTOS E REDES

CÓDIGO DA COLEÇÃO:
27546COL**05**

CONEXÕES
ESTUDOS DE GEOGRAFIA GERAL E DO BRASIL

CÓDIGO DA COLEÇÃO:
27645COL**05**

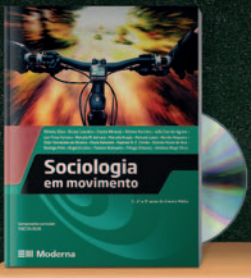
HISTÓRIA
DAS CAVERNAS AO TERCEIRO MILÊNIO

CÓDIGO DA COLEÇÃO:
25642COL**06**

CONEXÕES
COM A HISTÓRIA

CÓDIGO DA COLEÇÃO:
27643COL**06**

SOCIOLOGIA
EM MOVIMENTO



CÓDIGO DO LIVRO:
42404L**2828**

FILOSOFANDO
INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

CÓDIGO DO LIVRO:
42383L**2928**

HIGH UP
LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA - INGLÊS

CÓDIGO DA COLEÇÃO:
27527COL**43**

ENLACES
LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA - ESPANHOL

CÓDIGO DA COLEÇÃO:
27526COL**44**

Moderna
APROVADA E COMPROVADA NO PNLD
e
MACMILLAN
juntas no
PNLD 2015
#eusouensinomédio